

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura prévia 1:

- A importância e as limitações dos sindicatos, na época atual, para a luta da classe operária
 - A necessidade da atuação dos revolucionários nos sindicatos

(1865)

A LUTA ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO E SEUS RESULTADOS

Karl Marx
(Salário, preço e lucro, 1865)

14 – A luta entre o capital e o trabalho e seus resultados

I. Após demonstrar que a resistência periódica que os trabalhadores opõem à redução dos salários e suas tentativas periódicas para conseguir um aumento de salários são fenômenos inseparáveis do sistema do salariado e ditadas pelo próprio fato de o trabalho se achar equiparado às mercadorias, por conseguinte submetido às leis que regulam o movimento geral dos preços, tendo demonstrado, ainda, que um aumento geral de salários resultaria numa diminuição da taxa geral de lucro, sem afetar, porém, os preços médios das mercadorias, nem os seus valores, surge a questão de saber até que ponto, na luta incessante entre o capital e o trabalho, tem esta possibilidade de êxito. (...)

A mesma lei se faz sentir em outra forma. Com o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, acelera-se a acumulação do capital, inclusive a despeito de uma taxa de salário relativamente alta. Daqui poderia inferir-se, conforme fez Adam Smith, em cujos tempos a indústria moderna ainda estava na sua infância, que a acumulação acelerada do capital tem forçosamente que fazer pender a balança a favor do operário, por garantir uma procura crescente de seu trabalho. Situando-se no mesmo ponto de vista, há muitos autores contemporâneos que se assombram de que, apesar de nos últimos vinte anos o capital inglês ter crescido mais rapidamente do que a população ingle-

1

sa, os salários nem por isso registram um aumento maior. Mas é que simultaneamente à acumulação progressiva, opera-se uma mudança progressiva na composição do capital. A parte do capital global formada por capital fixo - maquinaria, matérias-primas, meios de produção de todo gênero - cresce com maior rapidez que a outra parte do capital destinada a salários, ou seja, à compra de trabalho. Esta lei foi estabelecida, sob uma forma mais ou menos precisa, pelos srs. Barton, Ricardo, Sismondi, prof. Richard Jones, prof. Ramsey, Cherbullez e outros.

Se a proporção entre estes dois elementos do capital era, originariamente, de 1 para 1, com o progresso da indústria será de 5 para 1, e assim sucessivamente. Se de um capital global de 600 são desembolsados 300 para instrumentos, matérias-primas, etc., e 300 para salários, basta dobrar o capital global para ser possível absorver 600 operários em vez de 300. Mas, se de um capital de 600 se invertem 500 em maquinaria, materiais, etc., e somente 100 em salários, este capital precisa aumentar de 600 a 3 600, para criar uma demanda de 600 operários em lugar de 300. Portanto, ao se desenvolver a indústria, a demanda de trabalho não avança com o mesmo ritmo da acumulação do capital. Aumenta, sem dúvida, mas aumenta numa proporção constantemente decrescente, quando comparada com o incremento do capital.

Estas breves indicações bastarão para demonstrar, precisamente, que o próprio desenvolvimento da indústria moderna contribui forçosamente para inclinar cada vez mais a balança a favor do capitalista contra o operário e que, em consequência disto, a tendência geral da produção capitalista não é para elevar o nível médio normal do salário, mas, ao contrário, para fazê-lo baixar, empurrando o valor do trabalho mais ou menos até seu limite mínimo. Porém, se tal é a tendência das coisas neste sistema, quer isto dizer que a classe operária deva renunciar a defender-se contra os abusos do capital e abandonar seus esforços para aproveitar todas as possibilidades que se lhe oferecem de melhorar em parte a sua situação? Se o fizesse, ver-se-ia degradada a uma massa informe de homens famintos e arrasados, sem probabilidade de salvação. Creio haver demonstrado que as lutas da classe operária em torno do padrão de salários são episódios inseparáveis de todo o sistema do salariado; que, em 99 por cento dos casos, seus esforços para elevar os salários não são mais que esforços desti-

nados a manter de pé o valor dado do trabalho e que a necessidade de disputar o seu preço com o capitalista é inerente à situação em que o operário se vê colocado e que o obriga a vender-se a si mesmo como uma mercadoria. Se em seus conflitos diários com o capital cedessem covardemente ficariam os operários, por certo, desclassificados para empreender outros movimentos de maior envergadura.

Ao mesmo tempo, e ainda abstraindo totalmente a escravização geral que o sistema do salariado implica, a classe operária não deve exagerar a seus próprios olhos o resultado final destas lutas diárias. Não deve esquecer-se de que luta contra os efeitos, mas não contra as causas desses efeitos; que logra conter o movimento descendente, mas não fazê-lo mudar de direção; que aplica paliativos, mas não cura a enfermidade. Não deve, portanto, deixar-se absorver exclusivamente por essas inevitáveis lutas de guerrilhas, provocadas continuamente pelos abusos incessantes do capital ou pelas flutuações do mercado. A classe operária deve saber que o sistema atual, mesmo com todas as misérias que lhe impõe, engendra simultaneamente as condições materiais e as formas sociais necessárias para uma reconstrução econômica da sociedade. Em vez do lema conservador de: "Um salário justo por uma jornada de trabalho justa", deverá inscrever na sua bandeira esta divisa revolucionária: "Abolição do sistema de trabalho assalariado!"

Depois desta exposição longuíssima e, receio eu, fatigante, que julguei indispensável para esclarecer um pouco o nosso tema principal, vou concluir, propondo a aprovação da resolução seguinte:

1. Uma alta geral da taxa de salários acarretaria uma baixa da taxa geral de lucro, mas não afetaria, em linhas gerais, os preços das mercadorias.

2. A tendência geral da produção capitalista não é para elevar o padrão médio de salários, mas para reduzi-lo.

3. Os sindicatos trabalham bem como centro de resistência contra as usurpações do capital. Falham em alguns casos, por usar pouco inteligentemente a sua força. Mas são deficientes, de modo geral, por se limitarem a uma luta de guerrilhas contra os efeitos do sistema existente, em lugar de ao mesmo tempo se esforçarem para mudá-lo, em lugar de empregarem suas forças organizadas como alavanca para a emancipação final da classe operária, isto é, para a abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado.

(1881)

ABOLIÇÃO DO SISTEMA ASSALARIADO

Friedrich Engels

(*The Labour Standard*, 7.5.1881)

“Um justo salário por uma jornada justa”. Esta tem sido a diretriz do movimento da classe operária inglesa no curso dos últimos cinquenta anos. Tal diretriz prestou grandes serviços no período de ascensão dos sindicatos, depois da abolição em 1824 da infame lei contra o direito de associação. Melhores serviços prestou depois, na época do glorioso movimento cartista quando os operários ingleses estavam à frente da classe operária da Europa.

Entretanto, a história progride e muitas coisas que eram desejáveis e úteis há cinquenta ou trinta anos, agora são antiquadas e completamente fora de moda. Esta antiga e venerável diretriz faz parte dessas coisas. Um salário justo por uma jornada justa? Mas o que é um salário justo e o que é uma jornada justa? Como se lhes determinam as leis sob as quais vive e se desenvolve a sociedade moderna? Para responder a esta pergunta não devemos recorrer à moral, ao direito ou à igualdade nem a nenhum sentimento de humanidade, de justiça ou de caridade. O que é justo do ponto de vista da moral ou do direito pode estar longe de ser justo do ponto de vista social. O que é justo ou não do ponto de vista social está determinado por uma só ciência: a que trata os fatos materiais da produção e da distribuição, a ciência da economia política.

O que é para a economia política um salário justo por uma jornada justa? Simplesmente a taxa salarial, assim como a intensidade e

a duração do trabalho de um dia, tal como o determina a concorrência entre empregadores e operários no mercado livre. E em que nível se fixam? Nas circunstâncias normais, um justo salário cotidiano é a soma de que necessita o operário para adquirir meios de subsistência necessários para mantê-lo em condições de trabalhar e de se reproduzir de acordo com as condições de vida de seu ambiente e de seu país. Segundo as flutuações da economia, o salário real está acima ou abaixo dessa soma; em condições normais, essa soma deve ser a resultante média de todas as oscilações.

Uma jornada de trabalho justa corresponde a uma duração e a uma intensidade da jornada de trabalho que absorva suas forças, mas que ao mesmo tempo não lhe tire suas faculdades de produzir no dia seguinte e nos sucessivos a mesma qualidade de trabalho.

Em consequência, a transação pode ser descrita desta maneira: o operário cede ao capitalista toda sua força de trabalho, quer dizer, tudo o que pode dar sem tornar impossível a renovação constante da transação, e obtém em troca os objetos justamente necessários - e não mais - para subsistir e recomeçar o trabalho todos os dias. O operário dá o máximo e o capitalista o mínimo que admite a transação. Esta é uma igualdade muito singular!

Examinemos, porém, o assunto mais a fundo. Como segundo os economistas, o salário e a jornada de trabalho estão determinados pela concorrência, a justiça parece exigir que as duas partes gozem de igualdade de condições. Mas isso não acontece. Se não se entende com o operário, o capitalista pode esperar porque pode viver de seu capital. O operário não tem essa possibilidade. Só tem seu salário para viver, de maneira que está obrigado a aceitar o trabalho, quando, onde e como este se apresente. Desde o princípio, o ponto de partida não é o mesmo para o operário. Para ele, a fome representa uma terrível desigualdade. Mas segundo a economia política capitalista, isto é o máximo da justiça.

No entanto, isso não é o essencial, em absoluto. O emprego da força mecânica e das máquinas em novos ramos da indústria, assim como a aplicação de equipamentos mais aperfeiçoados em ramos já dominados pelas máquinas, deixam sem trabalho um grande número de operários com um ritmo muito mais rápido que o da indústria para absorver e reempregar a mão-de-obra supérflua. Esta mão-de-obra

excedente representa um verdadeiro exército de reserva para o capital. Quando os negócios andam mal, os desocupados podem morrer de fome, mendigar, roubar, ou ir às agências de emprego. Se os negócios vão bem, constituem uma reserva com a qual os capitalistas podem aumentar a produção. E enquanto o último homem, a última mulher, a última criança não encontrarem trabalho - o que só ocorre em momentos de superprodução frenética - os salários estarão comprometidos pela concorrência deste exército de reserva, cuja existência assegura ao capital um incremento de sua potência na luta contra o trabalho. Na concorrência com o capital, a fome não só é uma desvantagem para os operários como também uma bala de canhão presa a seus pés. E isso é o que a economia política capitalista chama de igualdade!

Vejamos agora com quem paga o capital estes salários tão justos. Evidentemente com o capital. Mas o capital não produz valor, porque além da terra o trabalho é a única fonte de riqueza. O capital só é o produto acumulado do trabalho. Disto se depreende que os salários do trabalho são pagos com o trabalho, o operário é remunerado com o produto de seu próprio trabalho.

Segundo o que comumente se chama equidade, o salário do operário deveria corresponder à totalidade do produto de seu trabalho, mas segundo a economia política, não seria justo. Com efeito, o capitalista apropria-se do trabalho do operário e este recebe não mais do que o estritamente necessário para subsistir. E o resultado desta concorrência tão "equitativa" é que o produto dos que trabalham se acumula invariavelmente nas mãos dos que não trabalham e se converte na arma mais poderosa para reforçar a escravidão dos que são os únicos e verdadeiros produtores. O que é então um salário justo para uma jornada justa de trabalho? Também se poderia dizer muito sobre a jornada justa, que é tão "justa" como o salário. Mas deixaremos isso para outra ocasião. Para nós, já é completamente clara a conclusão: a velha diretriz já cumpriu sua missão e hoje já não se sustenta.

A justiça da economia política tal como a determinam as leis reais que regem atualmente a sociedade, esta justiça está de um só lado: o do capital. Portanto, tem de se enterrar de uma só vez esta velha fórmula e substituí-la por outra: a classe operária deve tomar posse dos meios de produção, isto é, das matérias-primas, fábricas e máquinas.

4

(1920)

OS REVOLUCIONÁRIOS DEVEM ATUAR NOS SINDICATOS REACIONÁRIOS?

Vladimir Ilitch Lenin

(Esquerdismo, doença infantil do comunismo, 1920)

Os "esquerdistas" alemães acham que podem responder à esta pergunta com uma negativa absoluta. Na sua opinião, o falatório e os gritos encolerizados contra os sindicatos "reacionários" e "contra-revolucionários" (K. Horner destaca-se pela "seriedade" e estupidez com que faz isto) bastam para "mostrar" a inutilidade e até a inadmissibilidade da atuação dos revolucionários, os comunistas, nos sindicatos amarelos, dos social-chauvinistas, dos conciliadores e dos Legien¹⁷.

Mas por muito convencidos que estejam os "esquerdistas" do caráter revolucionário de semelhante tática, ela é, na realidade, profundamente errônea e não contém mais do que frases vazias.

Para esclarecer o que digo partirei de nossa própria experiência, conforme o plano geral deste folheto, que tem por objetivo aplicar à Europa Ocidental o que a história e a tática atual do bolchevismo têm de aplicável, importante e obrigatório em toda parte.

A correlação entre chefes, partido, classe e massa e, ao mesmo tempo, a atitude da ditadura do proletariado e de seu partido no que concerne aos sindicatos apresenta-se entre nós atualmente da seguinte forma concreta: a ditadura é exercida pelo proletariado organizado nos soviets e dirigido pelo Partido Comunista Bolchevique que, segundo os dados do último congresso (abril de 1920) conta com 611.000 membros. O número de filiados oscilou muito, tanto antes como de-

5

pois da Revolução de Outubro, e foi mesmo consideravelmente menor em 1918/1919. Receamos ampliar excessivamente o Partido por que os arrivistas e aventureiros, que nada merecem além de ser fuzilados, tendem inevitavelmente a infiltrar-se no partido governante. A última vez em que abrimos de par em par as portas do Partido - exclusivamente para operários e camponeses - foi nos dias (Inverno de 1919) em que Iudenitch estava a algumas verstas de Petrogrado e Denikin estava em Oriol (a umas trezentas e cinquenta verstas de Moscou), isto é, quando a República Soviética corria um perigo terrível, mortal, e os aventureiros, arrivistas, aproveitadores e, em geral, todos os elementos instáveis não podiam, de modo algum, esperar fazer uma carreira vantajosa (a não ser contar com a força e as torturas) se aderissem aos comunistas. O Partido, que convoca congressos anuais (no último a representação foi de um delegado para cada mil militantes), é dirigido por um Comitê Central de 19 membros, eleito no Congresso; a gestão dos assuntos cotidianos é exercida em Moscou por dois organismos ainda mais restritos, denominados Birô de Organização e Birô Político, eleitos em sessões plenárias do Comitê Central e de cada um desses dois organismos participam cinco membros do CC. Encontramo-nos, por conseguinte, em presença de uma verdadeira "oligarquia". Nenhuma questão importante, política ou de organização, é resolvida por qualquer instituição estatal de nossa República sem as diretrizes do Comitê Central do partido.

Em seu trabalho, o partido apóia-se diretamente nos sindicatos que têm, agora, segundo os dados do último congresso (abril de 1920), mais de quatro milhões de filiados e que, no aspecto formal, são *sem partido*. De fato, todas as instituições dirigentes da imensa maioria dos sindicatos e sobretudo, naturalmente, a central, ou birô sindical de toda a Rússia (Conselho Central dos Sindicatos da Rússia) compõem-se de comunistas e aplicam todas as diretrizes do partido. Obtém-se, no conjunto, um aparelho proletário, formalmente não comunista, flexível e relativamente amplo, poderosíssimo, por meio do qual o partido está ligado estreitamente à classe e às massas e através do qual se exerce, sob a direção do partido, a ditadura da classe. É claro que nos teria sido impossível governar o país e exercer a ditadura, já não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, se não houvesse a mais estreita ligação com os sindicatos, seu apoio entusiástico, seu

abnegadíssimo trabalho tanto na organização econômica como na militar. Como se pode compreender, esta estreitíssima ligação significa, na prática, um trabalho de propaganda e agitação muito complexo e variado, reuniões oportunas e freqüentes, não apenas com os dirigentes, mas em geral com os militantes que têm influência nos sindicatos, e também uma luta decidida contra os mencheviques, que conservaram até hoje um certo número de partidários - muito pequeno, é verdade - aos quais ensinam todas as artimanhas da contra-revolução, desde a defesa ideológica da democracia (burguesa) e a pregação da independência dos sindicatos (independência... em relação ao poder estatal proletário!) até a sabotagem à disciplina proletária etc. etc.

Reconhecemos que o contato com as "massas" através dos sindicatos não é suficiente. No transcorrer da revolução criou-se em nosso país, na prática, um organismo que procuramos a todo custo manter, desenvolver e ampliar: as *conferências de operários e camponeses sem partido*, que nos permitem observar o estado de espírito das massas, aproximarmo-nos delas, corresponder a seus anseios, promover seus melhores elementos aos postos do Estado etc. Um decreto recente sobre a transformação do Commissariado do Povo de Controle do Estado em "Inspeção Operária e Camponesa" concede a estas conferências sem partido o direito de eleger membros para o Controle do Estado encarregados das mais diversas funções de revisão, etc.

Além disso, como é natural, todo o trabalho do partido se realiza através dos sovietes, que agrupam as massas trabalhadoras, sem distinção de profissão. Os congressos de distrito dos sovietes representam uma instituição *democrática* como jamais se viu nas melhores repúblicas democráticas do mundo burguês. Por meio destes congressos (cujo trabalho o partido procura acompanhar com a maior atenção possível) assim como através da designação constante dos operários mais conscientes para diversos cargos nas povoações rurais, o proletariado exerce sua função dirigente em relação ao campesinato, realiza-se a ditadura do proletariado urbano, a luta sistemática contra os camponeses ricos, burgueses, exploradores e especuladores etc.

Esse é o mecanismo geral do poder estatal proletário examinado "de cima", do ponto de vista da realização prática da ditadura. É de esperar que o leitor compreenda porquê o bolchevique russo, que conhece este mecanismo e o viu nascer dos pequenos círculos ilegais e

clandestinos no decurso de 25 anos, não pode deixar de achar ridículas, pueris e absurdas todas as discussões sobre a ditadura "de cima" ou "de baixo", a ditadura dos chefes ou a ditadura das massas, etc, do mesmo modo que seria ridículo, pueril e absurda uma discussão sobre a maior ou menor utilidade que a perna esquerda ou o braço direito têm para o homem.

Também não podemos deixar de achar um absurdo ridículo e pueril as argumentações ultra-sábias, empoladas e terrivelmente revolucionárias dos esquerdistas alemães a respeito de idéias como: os comunistas não podem nem devem atuar nos sindicatos reacionários; é lícito renunciar a semelhante atividade; é preciso sair dos sindicatos e obrigatoriamente organizar uma "união operária" completamente nova e completamente pura, inventada pelos comunistas muito simpáticos (e na maioria dos casos, provavelmente, muito jovens) etc. etc.

O capitalismo lega inevitavelmente ao socialismo, de um lado, as velhas diferenciações profissionais e corporativas entre os operários, formadas no transcurso dos séculos, e, de outro, os sindicatos, que só muito lentamente, através dos anos, podem transformar-se, e se transformarão, em sindicatos de indústria mais amplos, menos corporativos (que englobam indústrias inteiras e não apenas corporações, ofícios e profissões). Depois, através destes sindicatos de indústria, passar-se-á a suprimir a divisão do trabalho entre os homens e a educar, instruir e formar homens *universalmente desenvolvidos e universalmente preparados*, homens que *saberão fazer tudo*. O comunismo marcha e deve marchar para esse objetivo, que será atingido, mas somente dentro de muitos anos. Tentar, atualmente, antecipar-se na prática a esse resultado futuro de um comunismo que chegou ao fim de seu completo desenvolvimento, solidez e formação, de sua total realização e de seu amadurecimento é o mesmo que querer ensinar matemáticas superiores a uma criança de quatro anos.

Podemos (e devemos) empreender a construção do socialismo não com um material humano fantástico nem especialmente criado por nós, mas com aquilo que o capitalismo nos deixou como herança. Não é necessário dizer que isto é muito "difícil"; mas qualquer outro modo de abordar o problema é tão pouco sério que nem vale a pena falar dele.

Os sindicatos representaram um progresso gigantesco da classe operária nos primeiros tempos do desenvolvimento do capitalismo,

uma vez que significavam a passagem da dispersão e da impotência dos operários *aos rudimentos* da união de classe. Quando a forma superior de união de classe dos proletários começou a desenvolver-se, o partido revolucionário do proletariado (que não merecerá este nome enquanto não souber ligar os líderes à classe e às massas em um todo único e indissolúvel), os sindicatos começaram a manifestar fatalmente certos traços reacionários, certa estreiteza gremial, certa tendência ao apoliticismo, certo espírito rotineiro etc. Mas o desenvolvimento do proletariado não se realizou e nem podia realizar-se em nenhum país de outra maneira senão por meio dos sindicatos e por sua ação conjunta com o partido da classe operária. A conquista do poder político pelo proletariado representa um progresso gigantesco deste, considerado como classe, e o partido deve consagrar-se mais, de modo novo e não apenas pelos processos antigos, a educar os sindicatos, a dirigi-los, sem esquecer também que estes são e serão durante muito tempo uma necessária "escola de comunismo", uma escola preparatória dos proletários para a realização de sua ditadura, a associação indispensável dos operários para a passagem gradual da direção de toda a economia do país às mãos da classe operária (e não de umas e outras profissões), primeiro, e depois, às mãos de todos os trabalhadores.

Na ditadura do proletariado é *inevitável* certo "espírito reacionário" dos sindicatos, no sentido assinalado. Não compreender isso significa não compreender absolutamente as condições fundamentais da *transição* do capitalismo ao socialismo. Temer *este* "espírito reacionário", tentar *prescindir* dele, passar-lhe por cima é uma grande tolice, pois equivale a temer o papel de vanguarda do proletariado, que consiste em instruir, ilustrar, educar, atrair para uma vida nova as camadas e as massas mais atrasadas da classe operária e do campesinato. Por outro lado, adiar a ditadura do proletariado até que não reste mais nenhum operário de estreito espírito profissional, nenhum operário com preconceitos corporativistas e trade-unionistas, seria um erro ainda mais grave. A arte do político (e a compreensão acertada no comunista de seus deveres) consiste, precisamente, em saber avaliar com exatidão as condições e o momento em que a vanguarda do proletariado pode tomar vitoriosamente o poder; em que pode, durante a tomada do poder e depois dela, conseguir um apoio suficiente de setores bastante amplos da classe operária e das massas trabalhadoras não

proletárias; ~~em~~ que pode, uma vez obtido esse apoio; ~~mas~~ter, garantir e ampliar ~~se~~ domínio, educando, instruindo e atraindo massas cada vez mais amplas de trabalhadores.

Prossigamos. Nos países mais adiantados que a Rússia se fez sentir, e certamente devia fazer-se sentir de modo muito mais acentuado que no nosso, certo espírito reacionário dos sindicatos. Na Rússia, os mencheviques tinham (e em parte ainda têm em um pequeníssimo número de sindicatos) apoio entre os sindicatos, graças, precisamente, a essa estreiteza corporativa, a esse egoísmo profissional, e ao oportunismo. Os mencheviques do Ocidente "entrincheiraram-se" muito mais solidamente nos sindicatos, e lá surgiu uma camada muito mais forte do que em nosso país da "aristocracia operária" *profissional, mesquinha, egoísta, desalmada, ávida, pequeno-burguesa, de espírito imperialista, subornada e corrompida pelo imperialismo*. Isso é indiscutível. A luta contra os Gompers, contra os senhores Jouhau, Henderson, Merrheim, Legien e Cia na Europa Ocidental é muito mais difícil que a luta contra nossos mencheviques, que representam um tipo social e político *completamente homogêneo*. É preciso desencadear esta luta implacavelmente e continuá-la de maneira obrigatória, como o fizemos, até desmoralizar e desalojar dos sindicatos todos os chefes incorrigíveis do oportunismo e do social-chauvinismo. É impossível conquistar o poder político (e não se deve nem pensar em tomar o poder político) enquanto esta luta não tiver alcançado "certo grau"; este "certo grau" não é o mesmo em todos os países e em todas as condições, e só dirigentes políticos do proletariado sensatos, experimentados e competentes podem determiná-lo com acerto em cada país. (Na Rússia as eleições de novembro de 1917 para a Assembleia Constituinte, alguns dias depois da revolução proletária de 25 de outubro de 1917, entre outras coisas, nos deram a medida exata do êxito nesta luta. Nas referidas eleições, os mencheviques sofreram frágil derrota, obtendo 700.000 votos - 1.400.000 contando os da Transcaucásia - contra os 9.000.000 conseguidos pelos bolcheviques. Veja-se o meu artigo "As eleições Para a Assembleia Constituinte e a Ditadura do Proletariado", número 7/8 de *A Internacional Comunista*).

Mas sustentamos a luta contra a aristocracia operária em nome das massas operárias e para ganhá-las para o nosso lado, sustentamos a luta contra os chefes oportunistas e social-chauvinistas para atrair a

nós a classe operária. Seria estupidez esquecer esta verdade mais que elementar e mais que evidente. E é essa, precisamente, a estupidez que cometem os comunistas alemães "de esquerda", que deduzem do caráter reacionário e contra-revolucionário *dos chefes dos sindicatos que é preciso... sair dos sindicatos!!, renunciar ao trabalho neles!!, criar formas de organização operárias novas, inventadas!!* Uma estupidez tão imperdoável, que equivale ao melhor serviço que os comunistas podem prestar à burguesia. Isso porque nossos mencheviques, como todos os líderes sindicais oportunistas, social-chauvinistas e kautskistas, não são mais que "agentes da burguesia no movimento operário" (como sempre dissemos ao nos referir aos mencheviques) ou, em outras palavras, os "lugares-tenentes operários da classe capitalista" (*labor lieutenants of the capitalist class*), de acordo com a magnífica expressão, profundamente exata, dos discípulos de Daniel de Leon nos Estados Unidos. Não atuar no seio dos sindicatos reacionários significa abandonar as massas operárias insuficientemente desenvolvidas ou atrasadas à influência dos líderes reacionários, dos agentes da burguesia, dos operários aristocratas ou "operários aburguesados" (veja-se a carta de Engels a Marx em 1858 sobre os operários ingleses).

A absurda "teoria" da não participação dos comunistas nos sindicatos reacionários é o que, precisamente, demonstra do modo mais evidente com que leviandade estes comunistas "de esquerda" encaram a questão da influência sobre as massas e de que maneira abusam de sua algazarra sobre as "massas". Para saber ajudar a "massa" e conquistar sua simpatia, adesão e apoio, é preciso não temer as dificuldades, mesquinhas, armadilhas, insultos e perseguições dos "chefes" (que, sendo oportunistas e social-chauvinistas, estão, na maioria dos casos, relacionados direta ou indiretamente com a burguesia e a polícia) e deve-se trabalhar obrigatoriamente onde estejam as massas. É preciso saber fazer toda a sorte de sacrifícios e vencer os maiores obstáculos para realizar uma propaganda e uma agitação sistemáticas, tenazes, perseverantes e pacientes exatamente nas instituições, associações e sindicatos, por mais reacionários que sejam, onde haja massas proletárias e semiproletárias. E os sindicatos e cooperativas operárias (estas últimas pelo menos em alguns casos) são precisamente as organizações onde as massas se encontram. Na Inglaterra, segundo dados publicados pelo jornal sueco *Folkets Dagblad Politiken* de 10 de

8

março de 1920, o número de membros das trade-unions, que nos fins de 1917, era de 5.500.000, elevou-se nos fins de 1918 a 6.600.000, isto é, aumentou em 19%. Nos fins de 1919, seus efetivos atingiam, segundo cálculos, 7.500.000. Não tenho em mãos as cifras correspondentes à França e à Alemanha; mas alguns fatos, inteiramente indiscutíveis e conhecidos de todos, atestam o notável incremento do número de membros dos sindicatos também nesses países.

Estes fatos provam com toda clareza o que é confirmado por outros milhares de sintomas: o crescimento da consciência e dos anseios de organização justamente nas massas proletárias em suas "camadas inferiores", atrasadas. Na Inglaterra, França e Alemanha, milhões de operários passam pela primeira vez da completa falta de organização à forma mais elementar e inferior, mais simples e acessível (para os que se acham impregnados por completo ainda de preconceitos democráticos-burgueses) de organização: os sindicatos; e os comunistas de esquerda, revolucionários, mas insensatos, ficam de lado, gritam: "Massa! Massa!", mas se negam a atuar nos sindicatos (!) pretextando seu "espírito reacionário" (!) e inventam uma "união operária" novinha em folha, pura, isenta de todo preconceito democrático-burguês, de todo pecado corporativo e de estreiteza profissional, que será (que será!), dizem, ampla e que exige dos seus aderentes somente (somente!) o "reconhecimento do sistema dos soviets e da ditadura" (veja-se a citação feita acima)!!

É impossível conceber maior loucura, maior dano causado à revolução pelos revolucionários "de esquerda"! Se hoje, na Rússia, depois de dois anos e meio de triunfos sem precedentes sobre a burguesia da Rússia e da Entente, estabelecêssemos como condição para o ingresso nos sindicatos o "reconhecimento da ditadura", fariamos uma asneira, nossa influência sobre as massas deixaria de existir e ajudaríamos os mencheviques, pois a tarefa dos comunistas consiste em saber convencer os mais atrasados, saber atuar entre eles e não em isolar-se deles através de palavras de ordem sacadas da cabeça e infantilmente "esquerdistas".

Não há dúvida de que os senhores Gompers, Henderson, Jouhaux e Legien ficarão muito agradecidos a esses revolucionários "de esquerda", que, como os da oposição "de princípios" alemã (que o céu nos livre de semelhantes "princípios"! ou alguns revolucionários dos

Trabalhadores Industriais do Mundo nos Estados Unidos, pregam a saída dos sindicatos reacionários e a renúncia à atuação neles. Não duvidamos de que os senhores "chefes" do oportunismo recorrerão a todas as artimanhas da diplomacia burguesa, à ajuda dos governantes burgueses, dos padres, da polícia e dos tribunais para impedir a entrada dos comunistas nos sindicatos, para expulsá-los de lá por todos os meios e tornar o trabalho dos comunistas neles o mais desagradável possível, para ofendê-los, castigá-los e perseguir-los. É preciso saber enfrentar tudo isso, estar disposto a todos os sacrifícios, empregar inclusive - em caso de necessidade - todos os estratagemas, ardis e processos ilegais, silenciar e ocultar a verdade com o objetivo de penetrar nos sindicatos, neles permanecer e ali realizar, custe o que custar, um trabalho comunista. Sob o regime czarista, até 1905, não tivemos nenhuma "possibilidade legal"; mas quando o policial Zubatov organizou suas assembléias e associações operárias ultra-reacionárias com o objetivo de perseguir os revolucionários e lutar contra eles, enviamos para ali membros de nosso partido (lembro entre eles o camarada Babushkin, destacado operário petersburguense fuzilado em 1906 pelos generais czaristas), que estabeleceram contato com a massa; conseguiram agitá-la e arrancar os operários da influência dos agentes de Zubatov (os Gompers, os Henderson, os Jouhaux e os Legien nada mais são que os Zubatov, se diferenciando dele por seus trajes europeus, seu porte elegante e os refinados processos aparentemente democráticos e civilizados que empregam para realizar sua abominável política). Naturalmente é mais difícil atuar assim nos países da Europa Ocidental, particularmente impregnados de preconceitos legalistas, constitucionistas e democrático-burgueses muito arraigados. Mas se pode e deve fazer isso de modo sistemático.

O Comitê Executivo da III Internacional deve, na minha opinião, condenar abertamente e propor ao próximo Congresso da Internacional Comunista que condene em geral a política de não participação nos sindicatos reacionários (explicando detalhadamente a insensatez que representa esta não participação e o imenso prejuízo que causa à revolução proletária) e, em particular, a linha de conduta de alguns membros do Partido Comunista Holandês, que (direta ou indiretamente, às claras ou disfarçadamente, total ou parcialmente, tanto faz) realizaram esta política falsa. A III Internacional deve romper com a

tática da II e não encobrir nem ocultar as questões escabrosas, mas colocá-las cruamente. Dissemos cara a cara toda a verdade aos "Independentes" (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha); do mesmo modo, é preciso dizê-la aos comunistas "de esquerda".

10

(1933) - TROTSKY

Os sindicatos na Grã-Bretanha

(...) Na Grã-Bretanha, como na maioria dos velhos países capitalistas, a questão sindical continua sendo a mais importante da política proletária. Os erros do Comintern nesse terreno são inumeráveis. Não é de estranhar: a incapacidade de um partido para estabelecer relações corretas com a classe se manifesta com máxima gravidade na área do movimento sindical. Por isso acho necessário tratar essa questão.

Os sindicatos se formaram no período de surgimento e auge do capitalismo. Tinham por objeto melhorar a situação material e cultural do proletariado e ampliar seus direitos políticos. Esse trabalho, que na Inglaterra durou mais de um século, deu aos sindicatos uma autoridade tremenda sobre os operários. A decadência do capitalismo britânico, dentro do marco do declínio do sistema capitalista mundial, minou as bases do trabalho reformista dos sindicatos. O capitalismo só se mantém rebaixando o nível de vida da classe operária. Nessas condições, os sindicatos podem ou bem transformar-se em organizações revolucionárias ou converter-se em auxiliares do capital na crescente exploração dos operários.

A burocracia sindical, que resolveu satisfatoriamente seu próprio problema social, tomou o segundo caminho. Voltou toda a autoridade acumulada pelos sindicatos contra a revolução socialista e inclusive contra qualquer tentativa dos operários de resistir aos ataques do capital e da reação.

A partir desse momento, a tarefa mais importante do partido revolucionário passou a ser a libertação dos operários da influência reacionária da burocracia sindical. O Comintern revelou uma total falta

de adequação nesse campo decisivo. Em 1926-1927, especialmente no período da greve mineira e da greve geral, ou seja, no momento dos grandes crimes e traições do Conselho Geral dos Sindicatos, o Comintern adulava servilmente os "chefes" dos fura-greves, encobria-os com sua autoridade aos olhos das massas e os ajudou a manter seu lugar. O Movimento da Minoria sofreu assim um golpe mortal. A burocracia do Comintern, assustada com a própria obra, foi para o outro extremo: o ultraesquerdismo. Os excessos fatais do "terceiro período" (49) deveram-se ao desejo da pequena minoria comunista de atuar como se estivesse respaldada por uma maioria. Isolando-se cada vez mais da classe operária, o Partido Comunista enfrentou os sindicatos, que abarcavam milhões de operários, com suas próprias organizações, muito respeitadas da direção do Comintern mas separadas por um abismo da classe operária. Não se podia fazer um favor maior à burocracia sindical. Se estivesse em seu poder outorgar a Ordem da Jarreteira, esta teria adornado o peito de todos os dirigentes do Comintern e da Profintern (50).

Os sindicatos, como já dissemos, cumprem agora um papel reacionário e não progressista. Mas ainda assim reúnem milhões de operários. Não devemos pensar que os operários são cegos e não veem a mudança produzida no papel histórico dos sindicatos. Mas que se pode fazer? Ante os olhos da ala esquerdista dos operários, a via revolucionária está seriamente comprometida pelos ziguezagues e aventuras do comunismo oficial. Os operários dizem uns aos outros: os sindicatos são ruins, mas sem eles estaríamos pior. É a psicologia daquele que se encontra num beco sem saída. Enquanto isso, a burocracia sindical persegue com ainda mais força os operários revolucionários, substituindo com o maior descaramento a democracia interna pela ação arbitrária de uma camarilha, transformando os sindicatos em uma espécie de campo de concentração dos operários durante a decadência do capitalismo.

Diante dessa situação, surge imediatamente uma ideia: não é pos-

49 - "Terceiro Período". Segundo o esquema stalinista da história, este era o período final do capitalismo, de sua iminente destruição e substituição pelos soviets. Caracterizou-se pela utilização de táticas ultraesquerdistas e aventureiristas por parte dos comunistas.

50 - Profintern. Ver nota 5.

sível superar os sindicatos? Não é possível substituí-los por alguma organização nova, incorrupta, algo assim como sindicatos revolucionários, comitês de fábrica ou soviets? O erro fundamental desse tipo de intenção está em reduzir o grande problema político de como libertar as massas da influência da burocracia sindical a experiências organizativas. Não basta oferecer às massas outro lugar onde se dirigir. Deve-se ir buscá-las onde estão e dirigi-las.

Os esquerdistas impacientes dizem às vezes que é absolutamente impossível ganhar os sindicatos porque a burocracia usa o regime interno das organizações para preservar seus próprios interesses, recorrendo às maquinações mais grosseiras, à repressão, ao jogo sujo, ao estilo da oligarquia parlamentar da era dos "municípios podres". Então por que gastar tempo e energias? Esse argumento se reduz, na realidade, ao seguinte: abandonemos a luta concreta para ganhar as massas, usando como pretexto o caráter corrupto da burocracia sindical. Esse argumento pode ser desenvolvido: por que não abandonar também o trabalho revolucionário em vista da repressão e da provocação da burocracia estatal? Aqui não há diferença de princípios, já que a burocracia sindical converteu-se, definitivamente, em parte do aparelho político, econômico e governamental do capitalismo. É absurdo pensar que seria possível trabalhar contra a burocracia sindical com sua própria ajuda, ou sequer com seu consentimento. Já que se defende mediante perseguições, violências, expulsões, recorrendo frequentemente à ajuda das autoridades governamentais, devemos aprender a trabalhar *discretamente* nos sindicatos, encontrando uma linguagem comum com as massas, mas sem nos descobrirmos prematuramente ante a burocracia. Precisamente na época atual, em que a burocracia reformista do proletariado transformou-se em guardiã econômica do capital, a ação revolucionária nos sindicatos, realizada inteligente e sistematicamente, pode chegar a resultados decisivos num prazo relativamente curto. Com isso não queremos dizer que o partido revolucionário tenha alguma garantia de que ganhará completamente os sindicatos para a revolução socialista. O problema não é tão simples. O aparelho sindical tornou-se muito independente das massas. A burocracia é capaz de manter suas posições até muito tempo depois de as massas terem se voltado contra ela. Mas é precisamente essa situação, em que as massas já são hostis à burocracia, e

esta é ainda capaz de tergiversar a opinião da organização e sabotar novas eleições, a mais propícia para a criação de comitês de fábrica, conselhos operários e outras organizações para as necessidades do momento. Inclusive na Rússia, onde os sindicatos não tinham nem de longe a poderosa tradição dos britânicos, a Revolução de Outubro aconteceu quando os mencheviques predominavam na administração dos sindicatos. Mesmo já tendo perdido as massas, essas administrações ainda podiam sabotar as eleições nos aparelhos, se bem que já eram incapazes de sabotar a revolução proletária.

É imprescindível preparar desde já os operários avançados para a ideia de criar comitês de fábrica e conselhos operários no momento em que se dê uma mudança brusca. Mas seria totalmente errôneo "jogar" na prática com a bandeira dos conselhos de fábrica, consolandose com essa "ideia" pela falta de um verdadeiro trabalho e de uma real influência nos sindicatos. Contrapor aos sindicatos existentes a ideia abstrata de conselhos operários seria lançar-se não contra apenas a burocracia mas também contra as massas, privando-se da possibilidade de preparar o terreno para a criação dos conselhos operários.

O Comintern ganhou muita experiência nisso: com a criação de sindicatos obedientes, comunistas puros, confrontou hostilmente suas secções com as massas operárias, condenando-se à impotência total. Essa é uma das causas mais importantes do colapso do Partido Comunista Alemão. Claro que o Partido Comunista Britânico, pelo que sei, opõe-se à bandeira de conselhos operários nas condições atuais. Superficialmente isso poderia parecer uma apreciação realista da situação.

Na realidade o que se passa é que rejeita *uma forma* de aventureirismo político e adota outra, mais histórica. A teoria do social-fascismo⁽⁵¹⁾, assim como sua prática, e o repúdio à política de frente única criam obstáculos insuperáveis para o trabalho nos sindicatos, já que estes são, por natureza, uma frente única de fato dos partidos revo-

51 - *Social-fascismo*. Uma das invenções mais desastrosas do "terceiro período". Segundo o juízo de Stalin, os socialistas e os fascistas não eram antagonistas, mas "gêmeos". Os comunistas de todo o mundo chamavam os partidos e sindicatos social-democratas de "social-fascistas" e portanto os consideravam um perigo maior que os verdadeiros fascistas. Isso tornou impossível a frente única contra o nazismo e outros movimentos fascistas.

lucionários com os reformistas e as massas sem partido. No entanto o Partido Comunista Britânico mostrou-se incapaz, ainda depois da tragédia alemã, de aprender algo e de rearmar-se; uma aliança com ele pode levar, inclusive, ao rompimento com o Partido Operário Independente, que mal entrou num período de aprendizagem revolucionária.

Não há dúvida de que os pseudocomunistas mencionarão o último congresso dos sindicatos, que declarou não poder haver uma frente única com os comunistas contra o fascismo. Seria uma loucura aceitar essa mostra de sabedoria como veredito final da história. Os burocratas sindicais podem se permitir essas fórmulas arrogantes somente porque não estão ameaçados imediatamente pelo fascismo ou pelo comunismo. Quando a espada do fascismo se levantar sobre as cabeças dos sindicatos, havendo ali uma política correta do partido revolucionário, as massas sindicais mostrarão uma urgência irresistível por aliar-se com a ala revolucionária, e arrastarão com elas nessa direção inclusive parte do aparelho. Se, contrariamente, o comunismo se convertesse numa força decisiva, que ameaçasse o Conselho Geral com a perda de suas posições, honras e rendas, os senhores Citrine⁽⁵²⁾ e Cia. entrariam sem dúvida num bloco com Mosley⁽⁵³⁾ e Cia. contra os comunistas. Foi assim que em agosto de 1917 os mencheviques e os social-revolucionários russos rejeitaram, junto com os bolcheviques, o General Kornilov. Dois meses mais tarde, em outubro, lutavam ombro a ombro com os kornilovianos contra os bolcheviques. E nos primeiros meses de 1917, quando ainda eram fortes, os reformistas enchiam a boca, como Citrine e Cia., com a impossibilidade de fazer aliança com uma ditadura, fosse de direita ou de esquerda.

O partido operário revolucionário deve estar solidamente unido per uma clara compreensão de suas tarefas históricas. Isso pressupõe um programa com bases científicas. Ao mesmo tempo deve saber estabelecer relações corretas com a classe. Isso pressupõe uma política

52 - Citrine, Sir Walter (1887-1983). Secretário-geral do Congresso de Sindicatos Britânicos (1926-1946). Em 1935, foi-lhe dado o título de Sir por seus serviços ao capitalismo britânico, e em 1946 tornou-se barão.

53 - Mosley, Sir Oswald (1896-1980). Cabeça da União de Fascistas e Nacional-socialistas britânica.

de realismo revolucionário, livre tanto de evasivas oportunistas como de reservas sectárias. Levando em conta esses dois critérios intimamente relacionados, o Partido Operário Independente deveria revisar suas relações com o Comintern, bem como com outras organizações e tendências da classe operária. Nisso se joga sobretudo a sorte do próprio Partido Operário Independente.

4 de setembro de 1933

**O MOVIMENTO SINDICAL,
OS COMITÊS DE FÁBRICA E DE USINAS¹⁴**

III Internacional

1920 (2º Congresso)

1. Os sindicatos criados pela classe operária durante o período do desenvolvimento pacífico do capitalismo representavam organizações operárias destinadas a lutar pelo aumento dos salários dos operários, pela redução da jornada de trabalho e pela melhoria das condições do trabalho assalariado. Os marxistas revolucionários foram obrigados a entrar em contato com o partido político do proletariado, o Partido Social-Democrata, a fim de entabular uma luta comum pelo socialismo. As mesmas razões que, com raras exceções, tinham feito da democracia socialista não uma arma da luta revolucionária do proletariado pela derrubada do capitalismo, mas uma organização conduzindo o esforço revolucionário do proletariado no interesse da burguesia, fizeram com que, durante a guerra, os sindicatos se apresentassem, na maioria das vezes, na qualidade de elementos do aparelho militar da burguesia; eles ajudaram esta última a explorar a classe operária com maior intensidade e a conduzir a guerra da maneira mais energética, em nome dos interesses do capitalismo. Englobando apenas os operários especializados mais bem pagos pelos patrões, agindo apenas nos mais estreitos limites corporativos, acorrentados por um aparelho burocrático, completamente estranhos às massas enganadas por seus líderes oportunistas, os sindicatos não só traíram a causa da revolu-

ção social, mas também a da luta pela melhoria das condições de vida dos operários que haviam organizado. Eles abandonaram o terreno da luta profissional contra os patrões e a substituíram por um programa de negociações amigáveis com os capitalistas. Esta política foi adotada não apenas pelas *trade-unions* liberais na Inglaterra e na América, pelos sindicatos livres, pretensamente socialistas da Alemanha e da Áustria, mas também pelas uniões sindicais da França.

2. As conseqüências econômicas da guerra, a desorganização completa do sistema econômico do mundo inteiro, a carestia desenfreada, a exploração mais intensa do trabalho infantil e feminino, a questão da habitação, que vão progressivamente de mal a pior, tudo isso coloca as massas proletárias no caminho da luta contra o capitalismo. Por seu caráter e por sua envergadura se desenhando mais nitidamente dia a dia, esse combate se transforma numa grande batalha revolucionária destruindo as bases gerais do capitalismo. O aumento dos salários de uma categoria qualquer de operários, obtido ao custo de uma luta econômica obstinada, amanhã estará reduzido a zero pela alta do custo de vida. Ora, a alta dos preços deve continuar, pois a classe capitalista dos países vencedores, arruinando por sua política de exploração a Europa Oriental e Central, não está em condições de organizar o sistema econômico do mundo inteiro; ela o desorganiza cada vez mais. Para se assegurar do sucesso na luta econômica, as amplas massas operárias, que estavam até agora fora dos sindicatos, passam a correr a eles. Constata-se em todos os países capitalistas um crescimento prodigioso dos sindicatos, que não representam mais apenas a organização dos elementos avançados do proletariado, mas a de toda a massa. Uma vez nos sindicatos, as massas procuram fazer deles sua arma de combate. O antagonismo das classes, tornando-se cada vez mais agudo, força os sindicatos a organizarem greves cuja repercussão se faz sentir em todo o mundo capitalista, interrompendo o processo da produção e da troca capitalista. Aumentando suas exigências à medida que aumenta o custo de vida e que elas mesmas se esgotam, as massas operárias destroem todo cálculo capitalista que representa o fundamento de uma economia organizada. Os sindicatos, que durante a guerra foram transformados em órgãos de escravização das massas operárias aos interesses da burguesia, representam agora os órgãos da destruição do capitalismo.

3. Mas a velha burocracia profissional e as antigas formas de organização sindical entravam de todas as maneiras esta transformação do caráter dos sindicatos. A velha burocracia profissional procura, em todos os lugares, manter os sindicatos com as características de organizações da aristocracia operária; procura manter em vigor as regras que tornam impossível o ingresso das massas operárias mal-remuneradas nos sindicatos. A velha burocracia sindical se esforça ainda para substituir o movimento grevista, que a cada dia assume o caráter de um conflito revolucionário entre a burguesia e o proletariado, por uma política de acordos a longo prazo que perdem todo significado diante das fantásticas variações dos preços. Ela procura impor aos operários a política das comunas operárias, dos Conselhos Reunidos da Indústria (Joint Industrial Councils) e entrar pela via legal, graças à ajuda do Estado capitalista, a expansão do movimento grevista. Nos momentos críticos da luta, a burguesia semeia a discórdia entre as massas operárias militantes e opõe as ações isoladas de diferentes categorias operárias à fusão de uma ação geral de classe; em suas tentativas ela é sustentada pelo trabalho das antigas organizações sindicais, separando os trabalhadores de um ramo da indústria em grupos profissionais isolados artificialmente, ainda que saibam ligar uns aos outros para fazer o mesmo que a exploração capitalista. Ela se apóia sobre o poder da tradição ideológica da antiga aristocracia operária, ainda que esta última esteja enfraquecida pela abolição dos privilégios de diversos grupos do proletariado; esta abolição se explica pela decomposição geral do capitalismo, o nivelamento da situação de diversos elementos da classe operária, a igualdade de suas necessidades e sua falta de segurança. É desta maneira que a burocracia sindical substitui a possante corrente do movimento operário por frágeis riachos, os objetivos revolucionários gerais do movimento por reivindicações parciais reformistas e entrava de uma maneira geral a transformação dos esforços isolados do proletariado numa luta revolucionária única tendente à destruição do capitalismo.

4. Dada a tendência pronunciada das amplas massas operárias a se incorporarem aos sindicatos, e considerando o caráter e o objetivo revolucionário da luta que essas massas sustentam a despeito da burocracia profissional, é importante que os comunistas de todos os países façam parte dos sindicatos e trabalhem para fazer deles órgãos

conscientes da luta pela derrubada do regime capitalista e o triunfo do comunismo. Eles devem tomar a iniciativa da criação de sindicatos em todos os lugares onde ainda não existam. Toda deserção voluntária do movimento profissional, toda tentativa de criação artificial de sindicatos que não seja determinada pelas violências excessivas da burocracia profissional (dissolução de filiais sindicais locais revolucionárias pelos centros oportunistas) ou por sua estreita política aristocrática de fechar a entrada nos órgãos sindicais às grandes massas de trabalhadores pouco qualificados, representa um perigo enorme para o movimento comunista. Ela tira da massa os operários mais avançados, mais conscientes, e os empurra na direção dos chefes oportunistas trabalhando pelos interesses da burguesia... As hesitações das massas operárias, sua indecisão política e a influência de que desfrutam seus líderes oportunistas só poderão ser vencidas por uma luta cada vez mais áspera na medida em que as camadas profundas do proletariado aprenderem com sua experiência, com as lições de suas vitórias e suas derrotas, que jamais o sistema econômico capitalista lhes permitirá obter condições de vida humanas e suportáveis, na medida em que os trabalhadores comunistas avançados aprenderem, pela experiência de sua luta econômica, a ser não apenas propagandistas teóricos da idéia do comunismo, mas também condutores resolutos da ação econômica e sindical. Apenas dessa maneira será possível livrar os sindicatos dos líderes oportunistas, ao colocar os comunistas à sua frente e fazer deles órgãos da luta revolucionária pelo comunismo. Apenas dessa maneira será possível deter a desagregação dos sindicatos, de substituí-los pelas uniões industriais, de afastar a burocracia estranha às massas e substituí-la por um órgão formado pelos representantes dos operários industriais (*Betriebsvertreter*) deixando às instituições centrais apenas as funções estritamente necessárias.

5. Como os comunistas atribuem um alto peso ao objetivo e à substância dos sindicatos, não devem hesitar diante das cisões que poderão se produzir no seio das organizações sindicais se, para evitá-las, for necessário abandonar o trabalho revolucionário, se for necessário se recusar a organizar a parcela mais explorada do proletariado. Se acontecer de uma cisão se impor como uma necessidade absoluta, os comunistas não deverão temê-la; os comunistas conseguirão, por sua participação na luta econômica, convencer as amplas massas operá-

rias de que a cisão se justifica não por considerações ditadas por um objetivo revolucionário ainda distante é vago, mas pelos interesses concretos imediatos da classe operária correspondendo às necessidades da ação econômica. No caso de uma cisão se tornar inevitável, os comunistas deverão prestar atenção para que esta cisão não os isole da massa operária.

6. Nos locais onde a cisão entre as tendências sindicais oportunistas e revolucionárias já se produziu, ou existem, como na América, sindicatos de tendências revolucionárias, ainda que não comunistas, ao lado dos sindicatos oportunistas, os comunistas têm a obrigação de prestar ajuda a esses sindicatos revolucionários, de sustentá-los, de ajudá-los a se livrar dos preconceitos sindicalistas e se colocar no terreno do comunismo, pois esse último é a única bússola fiel e segura em todas as complicadas questões da luta econômica. Nos lugares onde se constituem organizações industriais (seja sobre a base dos sindicatos, seja fora deles) tais como os *shop stewards*, os *Betriebsraete* (conselhos de produção), organizações que têm por objetivo lutar contra as tendências contra-revolucionárias da burocracia sindical, os comunistas têm que lhes dar sustentação com toda a energia possível. Mas o auxílio prestado aos sindicatos revolucionários não deve significar a saída dos comunistas dos sindicatos oportunistas em estado de efervescência política e em evolução em direção à luta de classes. Ao contrário, é se esforçando para apressar essa revolução da massa dos sindicatos que se encontram já sobre a via da luta revolucionária que os comunistas poderão unir moral e praticamente os operários organizados para uma luta comum no sentido da destruição do regime capitalista.

7. Na época em que o capitalismo desfaz-se em ruínas, a luta econômica do proletariado se transforma em luta política muito mais rapidamente que na época do desenvolvimento pacífico do capitalismo. Todo conflito econômico importante pode suscitar para os operários a questão da revolução. É então dever dos comunistas fazer sobressair diante dos operários, em todas as fases da luta econômica, que esta luta não será coroada de sucesso enquanto a classe operária não tiver vencido a classe capitalista numa batalha organizada e se encarregar, uma vez estável sua ditadura, da organização socialista do país. Partindo disso, os comunistas devem tentar realizar, na medida do possível, a união perfeita entre os sindicatos e o Partido Comunista, subor-

17

dinando-os a esse último, vanguarda da revolução. Com esse objetivo, os comunistas devem organizar em todos os sindicatos e conselhos de produção (*Betriebsraete*) frações comunistas, que os ajudarão a se amparar no movimento sindical e dirigi-lo.

II

1. A luta econômica do proletariado por melhorias salariais e pela melhoria geral das condições de vida das massas acentua todos os dias seu caráter de luta sem saída. A desorganização econômica que assola um país após outro, numa proporção sempre crescente, demonstra, mesmo aos operários mais atrasados, que não é suficiente lutar por melhorias salariais e pela redução da jornada de trabalho, que a classe capitalista perde cada vez mais a capacidade de restabelecer a vida econômica e de garantir aos operários ao menos as condições de vida que tinham antes da guerra. A consciência sempre crescente das massas operárias faz nascer entre elas uma tendência a criar organizações capazes de iniciar a luta pelo renascimento econômico sob controle operário na indústria pelos Conselhos de Produção. Esta tendência a criar conselhos industriais operários, que ganha operários de todos os países, tem sua origem em fatores diferentes e múltiplos (luta contra a burocracia reacionária, fadiga causada pelas derrotas sofridas pelos sindicatos, tendência à criação de organizações que abarquem todos os trabalhadores) e se inspira no esforço feito para realizar o controle da indústria, tarefa histórica especial dos conselhos industriais operários. Por isso seria um erro tentar formar esses conselhos apenas de operários partidários da ditadura do proletariado. A tarefa do Partido Comunista consiste, ao contrário, em aproveitar a desorganização econômica para organizar os operários e colocar-lhes a necessidade de combater pela ditadura do proletariado, ampliando a idéia da luta pelo controle operário que todos compreendem atualmente.

2. O Partido Comunista não poderá se esquivar da tarefa de consolidar na consciência das massas a firme certeza de que a restauração da vida econômica sobre a base capitalista é atualmente impossível; ela significaria, além de tudo, um novo serviço à classe capitalista. A organização econômica que corresponde aos interesses das massas operárias só será possível se o Estado for governado pela classe ope-

rária e se a mão firme da ditadura do proletariado se encarregar da abolição do capitalismo e da nova organização socialista.

3. A luta dos comitês de fábrica e de usinas contra o capitalismo tem por objetivo imediato a introdução do controle operário sobre todos os ramos da indústria. Os operários de cada empresa, independentemente de suas profissões, sofrem sabotagem dos capitalistas, que estimam muito freqüentemente que a suspensão das atividades de tal ou qual indústria lhes será vantajosa; a fome deve constranger os operários a aceitar as condições mais duras para evitar aos capitalistas o crescimento do desemprego. A luta contra este tipo de sabotagem une a maioria dos operários, independente de suas idéias políticas, e faz dos comitês de usinas e de fábricas, eleitos por todos os trabalhadores de uma empresa, verdadeiras organizações de massa do proletariado. Mas a desorganização da economia capitalista é consequência não apenas da vontade consciente dos capitalistas, mas também, e muito mais, da decadência inevitável de seu regime. Também os comitês operários serão forçados, em sua ação contra as consequências desta decadência, a passar dos limites do controle das fábricas e das usinas isoladas e se encontrarão bem cedo diante da questão do controle a exercer sobre ramos inteiros da indústria e sobre seu conjunto. As tentativas dos operários de exercer seu controle não apenas sobre as provisões de matérias-primas para as fábricas e usinas, mas também sobre as operações financeiras das empresas industriais provocarão, então, da parte da burguesia e do governo capitalista, medidas rigorosas contra a classe operária, o que transformará a luta operária pelo controle da indústria em uma luta pela conquista do poder pela classe operária.

4. A propaganda a favor dos conselhos industriais deve ser conduzida de maneira a convencer as grandes massas operárias, inclusive aquelas que não pertencem diretamente ao proletariado industrial, de que a responsabilidade pela desorganização econômica cabe à burguesia, e que o proletariado, exigindo o controle operário, luta pela organização da indústria, pela supressão da especulação e da carestia. A tarefa dos partidos comunistas é lutar pelo controle da indústria, aproveitando, para atingir esse objetivo, todas as circunstâncias que se apresentem, a escassez de combustível e a desorganização dos transportes, fundindo no mesmo objetivo os elementos isolados do proleta-

riado e chamando para o seu lado largas faixas da pequena burguesia que se proletariza dia a dia, e sofre cruelmente as conseqüências da desorganização econômica.

5. Os conselhos industriais operários não substituirão os sindicatos. Eles só podem se organizar no decorrer da ação nos diversos ramos da indústria e criar, pouco a pouco, um aparelho geral capaz de dirigir toda a luta. Já no momento presente, os sindicatos representam órgãos de combate centralizados, ainda que eles não englobem massas operárias tão amplas que possam abarcar os conselhos industriais operários em sua qualidade de organizações acessíveis a todas as empresas operárias. A divisão de todas as tarefas da classe operária entre os comitês industriais e os sindicatos é o resultado do desenvolvimento histórico da revolução social. Os sindicatos organizaram as massas operárias com o objetivo de uma luta pelo aumento dos salários e pela redução da jornada de trabalho e o fizeram em larga escala. Os conselhos operários industriais se organizam para o controle operário da indústria e para a luta contra a desorganização econômica; eles englobam todas as empresas operárias, mas a luta que eles sustentam só muito lentamente pode assumir um caráter político geral. Apenas na medida em que os sindicatos conseguirem vencer as tendências contra-revolucionárias de sua burocracia, transformando-se em órgãos conscientes da revolução, os comunistas terão o dever de sustentar os conselhos industriais operários em suas tendências no sentido de se tornarem grupos industriais sindicalistas.

6. A tarefa dos comunistas se reduz aos esforços que devem fazer para que os sindicatos e os conselhos industriais operários sejam tomados do mesmo espírito de resolução combativa, de consciência e de compreensão dos melhores métodos de combate, isto é, do espírito comunista. Para fazerem isso, os comunistas devem submeter, de fato, os sindicatos e os comitês operários ao partido comunista e criar assim grupos proletários de massas que servirão de base a um poderoso Partido proletário centralizado, englobando todas as organizações proletárias e fazendo-lhes caminhar pela via que conduz à vitória da classe operária e à ditadura do proletariado – ao comunismo.

7. Enquanto os comunistas fazem dos sindicatos e dos conselhos industriais uma arma poderosa para a revolução, essas organizações de massas se preparam para o grande papel que lhes caberá com o es-

tabelecimento da ditadura do proletariado. Será, com efeito, seu dever transformar a base socialista da nova organização da vida econômica. Os sindicatos organizados, na qualidade de pilares da indústria, apoiando-se sobre os conselhos industriais operários que representarão as organizações das fábricas e das usinas, ensinarão às massas operárias seu dever industrial, formarão os operários mais avançados para a direção das empresas, organizarão o controle técnico dos especialistas; estudarão e executarão, de acordo com os representantes do poder operário, o plano da política econômica socialista.

III

Os sindicatos manifestam em tempos de paz a tendência de formar uma união internacional. Durante as greves, os capitalistas recorrem à mão de obra dos países vizinhos e aos serviços das “raposas” estrangeiras. Mas antes da guerra a Internacional Sindical tinha apenas uma importância secundária. Ela se ocupava da organização de auxílios financeiros recíprocos e de um serviço de estatística referente à vida operária, mas ela não procurou unificar a vida operária porque os sindicatos dirigidos pelos oportunistas fizeram o possível para se subtraírem a toda luta revolucionária internacional. Os líderes oportunistas dos sindicatos que, durante a guerra, foram os servidores fiéis da burguesia em seus respectivos países, procuram agora restaurar a Internacional Sindical, fazendo-a uma arma do capitalismo internacional dirigida contra o proletariado. Eles criam, com Jouhaux, Gompers, Legien¹⁵, etc, um “Birô do Trabalho”, próximo à “Liga das Nações” que não é outra coisa que uma organização do banditismo capitalista internacional. Eles querem derrotar em todos os países o movimento grevista fazendo decretar a arbitragem obrigatória dos representantes do Estado capitalista. Procuram obter, pela força de compromissos com os capitalistas, toda a espécie de favores para os operários capitalistas, a fim de quebrar a união cada dia mais estreita da classe operária. A Internacional sindical de Amsterdã é então a substituta da falida II Internacional de Bruxelas. Os operários comunistas que fazem parte dos sindicatos de todos os países devem, ao contrário, trabalhar pela criação de uma frente sindicalista internacional. Não se trata mais de auxílios pecuniários em caso de greve; é preciso, do-

ravante, sempre que o perigo ameaçar a classe operária de um país, que os sindicatos de outros países, na qualidade de organizações de massas, tomem sua defesa e façam tudo para impedir a burguesia de seu país de auxiliar aquela que está em apuros com a classe operária. Em todos os Estados, a luta econômica do proletariado se torna revolucionária. Também os sindicatos devem empregar conscientemente toda sua energia para apoiar toda ação revolucionária, tanto em seu próprio país como nos outros. Eles devem se orientar para esse objetivo com uma grande centralização da ação, não apenas em cada país, mas também na Internacional; eles o farão aderindo à Internacional Comunista e fundindo num só exército os diversos elementos engajados no combate, a fim de que eles tenham uma ação em comum e se auxiliem mutuamente.

20

TROTSKY

(1938)

Os sindicatos na época de transição

Na luta pelas reivindicações parciais e transitórias, atualmente os operários têm mais do que nunca necessidade de organizações de massas, antes de tudo de sindicatos. O poderoso crescimento dos sindicatos na França e nos Estados Unidos é a melhor resposta aos doutrinários ultra-esquerdistas da passividade, que pregavam que os sindicatos estavam "ultrapassados".

Os bolchevique-leninistas encontram-se nas primeiras fileiras de todas as formas de luta, mesmo naquelas onde se trata somente de interesses materiais ou dos direitos democráticos mais modestos da classe operária. Tomam parte ativa na vida dos sindicatos de massa, preocupando-se em reforçá-los, em aumentar seu espírito de luta. Lutam implacavelmente contra todas as tentativas de submeter os sindicatos ao Estado Burguês e de subjugar o proletariado pela "arbitragem obrigatória" e todas as outras formas de intervenção policial não-somente fascistas, mas também "democráticas". Somente tendo como base esse trabalho é possível lutar com sucesso no interior dos sindicatos contra a burocracia reformista e, em particular, contra a burocracia stalinista. As tentativas sectárias de criar ou manter pequenos sindicatos "revolucionários", como uma segunda edição do partido, significam, de fato, a renúncia à luta pela direção da classe operária. É necessário colocar aqui como um princípio inquebrantável: o auto-isolamento capitulador fora dos sindicatos de massa, equivale à traição da revolução, é incompatível com a militância na 4ª Internacional.

Ao mesmo tempo, a 4ª Internacional rejeita e condena resolutamente todo fetichismo próprio aos sindicalistas:

a) Os sindicatos não têm e não podem ter programa revolucionário acabado, em virtude de suas tarefas, de sua composição e do caráter de seu recrutamento, e por isso eles não podem substituir o Partido. A edificação de partidos revolucionários em cada país, seções da 4ª Internacional, e a tarefa central da época de transição.

b) Os sindicatos, mesmo os mais poderosos, não congregam mais de 20 a 25% da classe operária que, aliás, são suas camadas mais bem qualificadas e mais bem pagas. A maioria mais oprimida da classe operária só é levada à luta episodicamente, em momentos de um excepcional ascenso do movimento operário. Nesses momentos, é necessário criar organizações *ad-hoc* (temporárias) que congreguem toda a massa em luta: OS COMITÊS DE GREVE, OS COMITÊS DE FÁBRICA e, enfim, OS SOVIETES.

c) Enquanto organização das camadas superiores do proletariado, os sindicatos, como o testemunha toda a experiência histórica, inclusive a recente experiência dos sindicatos anarco-sindicalistas da Espanha, desenvolvem poderosas tendências à conciliação com o regime democrático burguês. Nos períodos agudos de luta de classes, os aparelhos dirigentes dos sindicatos se esforçam para se tornar senhores do movimento de massas com o fim de neutralizá-lo. Isso já acontece em simples greves, sobretudo quando há greves de massas com ocupação de fábricas que abalam os princípios da sociedade burguesa. Em tempo de guerra ou de revolução, quando a situação da burguesia se torna particularmente difícil, os dirigentes sindicais tornam-se, de ordinário, ministros burgueses.

É por essas razões que as seções da 4ª Internacional devem se esforçar, constantemente, não só para renovar o aparelho dos sindicatos, propondo audaciosa e resolutamente, nos momentos críticos, novos líderes prontos à luta no lugar dos funcionários rotineiros e carreiristas, mas inclusive para criar, em todos os casos em que for possível, organizações de combate autônomas que respondam melhor às tarefas da luta de massas contra a sociedade burguesa, sem nem mesmo vacilar, caso seja necessário, em romper abertamente com o aparelho conservador dos sindicatos. Se é criminoso voltar as costas às organizações de massa para se contentar com facções sectárias, não é menos criminoso tolerar passivamente a subordinação do movimento revolucionário das massas ao con-

trole de camarilhas burocráticas declaradamente reacionárias ou conservadoras disfarçadas ("progressistas"). O sindicato não é um fim em si, mas somente um dos meios na marcha para a revolução proletária.

Os comitês de fábrica

O movimento operário da época de transição não tem um caráter regular e igual, mas febril e explosivo. As palavras-de ordem, assim como as formas de organização, devem estar subordinadas a esse caráter do movimento. Fugindo da rotina como da peste, a direção deve estar extremamente atenta à iniciativa das próprias massas.

As greves com ocupação de fábrica, uma das mais recentes manifestações dessa iniciativa, escapam aos limites do regime capitalista "normal". Independentemente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das empresas golpeia no cerne a propriedade capitalista. Toda greve com ocupação coloca na prática a questão de saber quem é o dono da fábrica: o capitalista ou os operários. Se a greve com ocupação suscita essa questão episodicamente, o comitê de fábrica confere a essa mesma questão uma expressão organizada. Eleito por todos os operários e empregados da empresa, o comitê da fábrica cria de uma só vez um contrapeso à vontade da administração.

À crítica que os reformistas fazem aos patrões de tipo antigo – os que se chamam "patrões pelo direito divino", do gênero Ford –, para favorecer os "bons" exploradores "democráticos", nós opomos a palavra-de ordem de comitês de fábrica como centros de luta contra uns e outros.

Os burocratas dos sindicatos opor-se-ão, regra geral, à criação de comitês de fábrica, assim como se opõem a todo passo audacioso no caminho da mobilização das massas. Será, entretanto, tão mais fácil quebrar sua oposição quanto mais amplo for o movimento. Onde os operários da empresa, nos períodos "calmos", já pertencem ao sindicato (*closed shop*), o comitê coincidirá, formalmente, com o órgão do sindicato, mas lhe renovará a composição e ampliará suas funções. Entretanto, o principal significado dos comitês é o de se tornarem estados maiores de combate para as camadas operárias que, geralmente, o sindicato não é capaz de atingir. Aliás é, precisamente

dessas camadas, as mais exploradas, que sairão os destacamentos mais devotados à revolução.

Desde que surge o comitê, se estabelece de fato uma DUALIDADE DE PODER na fábrica. Por sua própria essência, essa dualidade de poder é transitória; porque encerra em si própria dois regimes incônciliáveis: o regime capitalista e o regime proletário. A importância principal dos comitês de fábrica consiste, precisamente, no fato de abrir senão um período diretamente revolucionário, ao menos um período pré-revolucionário entre o regime burguês e o regime proletário. As ondas de ocupação de fábricas que irromperam em certo número de países demonstram amplamente que a propaganda sobre os comitês de fábrica não é nem prematura nem artificial. Movimentos desse gênero são inevitáveis num futuro próximo. É necessário abrir a tempo uma campanha em favor dos comitês de fábrica para não mais sermos pegos de surpresa.

(Do Programa de Transição – México, 1938)

23

TROTSKY (1940)

Os sindicatos na época da decadência imperialista

A integração das organizações sindicais ao poder de estado

Há uma característica comum no desenvolvimento ou, para sermos mais exatos, na degeneração das modernas organizações sindicais de todo o mundo: sua aproximação e sua vinculação cada vez mais estreitas com o poder estatal. Esse processo é igualmente característico dos sindicatos neutros, social-democratas, comunistas e anarquistas. Somente esse fato demonstra que a tendência a "estretar vínculos" não é própria dessa ou daquela doutrina, mas provém de condições sociais comuns a todos os sindicatos.

O capitalismo monopolista não se baseia na concorrência e na livre iniciativa privada, mas numa direção centralizada. As camarilhas capitalistas, que encabeçam os poderosos trustes, monopólios, bancos etc., encaram a vida econômica com a mesma perspectiva do poder estatal, e a cada passo exigem sua colaboração. Os sindicatos dos ramos mais importantes da indústria, nessas condições, veem-se privados da possibilidade de aproveitar a concorrência entre as diversas empresas. Devem enfrentar um adversário capitalista centralizado, intimamente ligado ao poder estatal. Daí a necessidade que os sindicatos têm – enquanto se mantenham numa posição reformista, ou seja, de adaptação à propriedade privada – de adaptar-se ao estado capitalista e de lutar pela sua cooperação. Aos olhos da burocracia sindical, a tarefa principal é "liberar" o estado de suas amarras capitalistas, é enfraquecer a dependência do estado em relação aos monopólios para atraí-lo para seu lado. Essa posição harmoniza-se perfeitamente com a posição social da aristocracia e da burocracia operárias, que lutam por

obter algumas migalhas do sobrelucro do imperialismo capitalista. Os burocratas fazem todo o possível, em palavras e nos fatos, para demonstrar ao estado "democrático" até que ponto são indispensáveis e dignos de confiança em tempos de paz e, especialmente, em tempos de guerra. O fascismo, ao transformar os sindicatos em organismos do estado, não inventou nada de novo: simplesmente levou às últimas conseqüências as tendências inerentes ao imperialismo.

Os países coloniais e semicoloniais não estão sob o domínio de um capitalismo nativo, mas do imperialismo estrangeiro. Mas esse fato fortalece, em vez de debilitar, a necessidade de laços diretos, diários e práticos entre os magnatas do capitalismo e os governos que deles dependem nos países coloniais e semicoloniais. À medida que o capitalismo imperialista cria nas colônias e semicolônias um estrato de aristocratas e burocratas operários, estes necessitam do apoio dos governos coloniais e semicoloniais, que desempenhem o papel de protetores, de patrocinadores e às vezes de árbitros. Essa é a base social mais importante do caráter bonapartista⁵⁹ e semibonapartista dos governos das colônias e dos países atrasados em geral. Essa é também a base da dependência dos sindicatos reformistas em relação ao estado.

No México, os sindicatos transformaram-se por lei em instituições semiestatais e assumiram, por isso, um caráter semitotalitário. Segundo os legisladores, a estatização dos sindicatos fez-se em benefício dos interesses dos operários, para lhes assegurar certa influência na vida econômica e governamental. Mas, enquanto o imperialismo estrangeiro dominar o estado nacional e puder, com a ajuda de forças reacio-

59 - Bonapartismo. Forma de dominação assumida pelo Estado burguês, definida pela primeira vez por Marx em *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*. As condições sociais para o surgimento do Estado bonapartista são: a) equilíbrio entre as várias forças sociais, em especial entre as diversas frações da burguesia, incapazes de exercer uma dominação hegemônica (crise de hegemonia); b) ascenso do movimento de massas, em contraste com a relativa desorganização política do proletariado; c) surgimento de uma classe-apoiador, formada por algum estrato da pequena burguesia, que serve de base social para o poder de Estado, embora este continue atendendo aos interesses históricos da classe dominante; d) formação de um aparelho de Estado centralizado, burocrático e repressivo, sendo que o poder assume a forma de liderança carismática e personalizada na figura de um "Bonaparte", que surge, na aparência, como árbitro equidistante entre as várias classes. Apesar de o modelo estar baseado na política francesa do século XIX, o bonapartismo reaparecerá, segundo Trotsky, com muita frequência, após a I Guerra Mundial - já na fase imperialista - em vários países atrasados e semicoloniais, incluindo-se os da América Latina, onde assumirá formas nacionais específicas, com a presença de traços concretos do nacionalismo burguês.

nárias internas, derrubar a instável democracia e substituí-la por uma ditadura fascista declarada, a legislação sindical pode transformar-se facilmente numa ferramenta da ditadura imperialista.

Palavras de ordem pela independência dos sindicatos

A primeira vista, poderia ser possível deduzir do que foi dito que os sindicatos deixam de existir como tal na época imperialista. Quase não dão espaço à democracia operária que, nos bons tempos em que reinava o livre comércio, constituía a essência da vida interna das organizações operárias.

Não existindo a democracia operária não há qualquer possibilidade de lutar livremente para influir sobre os membros do sindicato. Com isso desaparece, para os revolucionários, o campo principal de trabalho nos sindicatos. No entanto, essa posição seria falsa até a medula. Não podemos escolher por nosso gosto e prazer o campo de trabalho nem as condições em que desenvolveremos nossa atividade. Lutar para conseguir influência sobre as massas operárias dentro de um estado totalitário ou semitotalitário é infinitamente mais difícil que numa democracia. Isso também se aplica aos sindicatos, cujo destino reflete a mudança produzida no destino dos estados capitalistas. Não podemos renunciar à luta para conseguir influência sobre os operários alemães simplesmente porque ali o regime totalitário torna essa tarefa muito difícil. Do mesmo modo, não podemos renunciar à luta dentro das organizações trabalhistas compulsórias criadas pelo fascismo. Menos ainda podemos renunciar ao trabalho sistemático no interior dos sindicatos de tipo totalitário ou semitotalitário porque dependem, direta ou indiretamente, do estado operário ou porque a burocracia não dá aos revolucionários a possibilidade de trabalhar livremente neles. Deve-se lutar sob todas essas condições criadas pela evolução anterior, onde é necessário incluir os erros da classe operária e os crimes de seus dirigentes. Nos países fascistas e semifascistas é impossível concretizar um trabalho revolucionário que não seja clandestino, ilegal, conspirativo. Nos sindicatos totalitários ou semitotalitários é impossível ou quase impossível realizar um trabalho que não seja conspirativo. Temos de nos adaptar às condições existentes nos sindicatos de cada país para mobilizar as massas não apenas contra a burguesia, mas também contra o regime totalitário

dos próprios sindicatos e contra os dirigentes que sustentam esse regime. A primeira palavra de ordem dessa luta é: independência total e incondicional dos sindicatos em relação ao Estado capitalista. Isso significa lutar para transformar os sindicatos em organismos das grandes massas exploradas e não da aristocracia operária.

A segunda é: democracia sindical. Essa palavra de ordem deduz-se diretamente da primeira e pressupõe para sua realização a independência total dos sindicatos em relação ao estado imperialista ou colonial.

Em outras palavras, os sindicatos atualmente não podem ser simplesmente os órgãos da democracia como na época do capitalismo concorrencial e já não podem ser politicamente neutros, ou seja, limitar-se a servir às necessidades cotidianas da classe operária. Já não podem ser anarquistas, quer dizer, já não podem ignorar a influência decisiva do estado na vida dos povos e das classes. Já não podem ser reformistas, porque as condições objetivas não dão espaço a nenhuma reforma séria e duradoura. Os sindicatos de nosso tempo podem ou servir como ferramentas secundárias do capitalismo imperialista para subordinar e disciplinar os operários e para impedir a revolução ou, ao contrário, transformar-se nas ferramentas do movimento revolucionário do proletariado.

A neutralidade dos sindicatos é total e irreversivelmente coisa do passado. Desapareceu junto com a livre democracia burguesa.

Necessidade do trabalho dentro dos sindicatos

De tudo que foi dito, depreende-se claramente que, apesar da degeneração progressiva dos sindicatos e de seus vínculos cada vez mais estreitos com o Estado imperialista, o trabalho neles não só mantém toda sua importância, como se torna, em certo sentido, até mesmo revolucionário. Trata-se essencialmente de lutar para ganhar influência sobre a classe operária. Toda organização, todo partido, toda fração que se permita ter uma posição ultimata⁽⁶⁰⁾ com respeito aos sindicatos, o que implica voltar as costas à classe operária, somente por não

60 - *Ultimatista*. O vício político de lançar bandeiras, programas e posições para as massas como se fossem *ultimatum*, ou seja, de forma peremptória, de "pegar ou largar", sem considerar o nível de compreensão dos operários ou suas expectativas sobre o assunto.

estar de acordo com sua organização, está destinado a acabar. E é bom frisar que merece acabar.

Nos países atrasados

Como nos países atrasados quem executa o papel principal é o capitalismo estrangeiro e não o nacional, a burguesia nacional ocupa, quanto à sua situação social, uma posição muito inferior à que deveria ocupar em relação ao desenvolvimento da indústria. Como o capital estrangeiro não importa operários, mas proletariza a população nativa, o proletariado nacional começa muito rapidamente a desempenhar o papel mais importante na vida nacional. Sob tais condições, quando o governo nacional tenta oferecer alguma resistência ao capital estrangeiro, vê-se obrigado, em maior ou menor grau, a se apoiar no proletariado. Por outro lado, os governos dos países atrasados, que consideram inevitável ou mais proveitoso marchar lado a lado com o capital estrangeiro, destroem as organizações operárias e implantam um regime mais ou menos totalitário. De modo que a debilidade da burguesia nacional, a ausência de uma tradição de governo próprio, a pressão do capital estrangeiro e o crescimento relativamente rápido do proletariado cortam pela raiz toda possibilidade de um regime democrático estável. O governo dos países atrasados, ou seja, coloniais ou semicoloniais, assume, no seu conjunto, um caráter bonapartista ou semibonapartista. Diferem entre si porque enquanto alguns tratam de se orientar para a democracia, buscando o apoio de operários e camponeses, outros implantam uma rígida ditadura policial-militar. Isso determina também a sorte dos sindicatos: ou estão sob tutela do estado ou estão sujeitos a uma cruel perseguição. Essa tutela corresponde a duas tarefas antagônicas as quais o estado deve encarar: em primeiro lugar atrair a classe operária para assim ganhar um ponto de apoio para a resistência às pretensões excessivas por parte do imperialismo, e ao mesmo tempo disciplinar essa mesma classe operária, colocando-a sob o controle de uma burocracia.

Capitalismo monopolista e os sindicatos

O capitalismo monopolista é cada vez menos capaz de conviver com a independência dos sindicatos. Exige que a burocracia reformista e a aristocracia operária, que juntam as migalhas que caem de

97

sua mesa, transformem-se em sua polícia política aos olhos da classe operária. Quando não consegue isso, suprime a burocracia operária, substituindo-a pelos fascistas. E, diga-se de passagem, todos os esforços que a aristocracia operária faça a serviço do imperialismo não poderão salvá-la por muito tempo da destruição.

A um certo grau de intensificação das contradições de classe dentro de cada país, dos antagonismos entre um país e outro, o capitalismo imperialista não pode tolerar (ao menos por certo tempo) uma burocracia reformista, a não ser que esta lhe sirva diretamente como um pequeno mas ativo acionista de suas empresas imperialistas, de seus planos e programas, tanto dentro do país como no plano mundial. O social-reformismo deve transformar-se em social-imperialismo para poder prolongar sua existência, mas para prolongá-la e nada mais. Esse caminho em geral não tem saída.

Isso significa que na era do imperialismo a existência de sindicatos independentes é, em termos gerais, impossível? Seria basicamente incorreto colocar assim esta questão. O que é impossível é a existência de sindicatos reformistas independentes ou semi-independentes. É perfeitamente possível a existência de sindicatos revolucionários, que não somente não sejam agentes da política imperialista mas que também se coloquem como tarefa a destruição do capitalismo dominante.

Na era da decadência imperialista, os sindicatos somente podem ser independentes na medida em que sejam conscientes de ser, na prática, os organismos da revolução proletária. Nesse sentido, o programa de transição adotado pelo último congresso da 4ª Internacional não é apenas um programa para a atividade do partido, mas, em traços gerais, é o programa para a atividade dos sindicatos.

O desenvolvimento dos países atrasados define-se por seu caráter combinado. Em outras palavras: a última palavra em tecnologia, economia e política imperialistas combina-se, nesses países, com o primitivismo e o atraso tradicionais. O cumprimento dessa lei pode ser observado nas esferas mais diversas do desenvolvimento dos países coloniais e semicoloniais, inclusive na do movimento sindical. O capitalismo imperialista opera aqui de maneira mais cínica e explícita. Transporta para um terreno virgem os métodos mais aperfeiçoados de sua tirânica dominação.

No último período pode-se notar no movimento sindical mundial

uma virada à direita e a supressão da democracia interna. Na Inglaterra foi esmagado o Movimento da Minoria dos sindicatos (não sem a intervenção de Moscou); os dirigentes sindicais são hoje, especialmente no terreno da política exterior, fiéis agentes do Partido Conservador. Na França não havia condições para a existência independente de sindicatos stalinistas; uniram-se aos chamados anarco-sindicalistas, sob a direção de Jouhaux, e o resultado dessa unificação não foi uma virada geral a esquerda, mas sim à direita. A direção da CGT é o agente mais direto e aberto do capitalismo imperialista francês.

Nos Estados Unidos o movimento sindical passou nos últimos anos por seu período mais tempestuoso. O crescimento do C.I.O. é uma evidência irrefutável da existência de tendências revolucionárias nas massas operárias. No entanto é significativo e muito importante assinalar o fato de que a nova organização sindical "de esquerda", nem bem se fundou, caiu no férreo abraço do estado imperialista. A luta nas altas esferas entre a velha e a nova federação⁽⁶¹⁾ reduz-se, em grande medida, à luta pela simpatia e pelo apoio de Roosevelt e seu gabinete.

Não menos significativo, se bem que num sentido diferente, é o desenvolvimento ou a degeneração dos sindicatos na Espanha. Nos sindicatos socialistas, todos os dirigentes que em alguma medida representavam a independência do movimento sindical foram afastados. Quanto aos sindicatos anarco-sindicalistas, transformaram-se em instrumentos da burguesia republicana. Seus dirigentes converteram-se em ministros burgueses conservadores. Que essa metamorfose tivesse acontecido em condições de guerra civil não atenua sua significação. A guerra não é mais que uma continuação da política. Acelera processos, deixa à mostra seus traços essenciais, destrói o corrompido, o falso, o equívoco e deixa o explícito, o essencial. A virada à esquerda dos sindicatos deve-se à agudização das contradições de classe e internacionais. Os dirigentes do movimento sindical sentiram, entenderam (ou os fizeram entender) que não é momento de brincar com a oposição. Todo movimento de oposição dentro do movimento sindical, especialmente nas altas esferas, ameaça provo-

61 - A velha Federação Operária Americana (AFL, *American Federation of Labor*) e o recém-fundado Congresso de Organizações Industriais (C.I.O., *Congress of Industrial Organizations*).

car uma tempestuosa mobilização das massas e criar dificuldades ao imperialismo nacional. Daí a virada à direita e a supressão da democracia operária nos sindicatos, a evolução para um regime totalitário, característica fundamental do período.

Deveríamos também considerar a Holanda, onde não apenas o movimento sindical reformista era o mais seguro suporte do capitalismo imperialista, como também a chamada organização anarco-sindicalista estava na realidade sob o controle do governo imperialista. O secretário dessa organização, Sneevliet, apesar de sua simpatia platônica pela 4ª Internacional, estava muito preocupado, como deputado do parlamento-holandês, em que a cólera do governo não caísse sobre sua organização sindical.

Nos Estados Unidos, o Departamento do Trabalho, com sua burocracia esquerdista, tinha como tarefa a subordinação do movimento sindical ao estado democrático, e é preciso dizer que até agora a realizou com êxito.

A nacionalização das estradas de ferro e dos campos petrolíferos no México não tem, certamente, nada a ver com o socialismo. É uma medida de capitalismo de estado, num país atrasado, que busca desse modo defender-se por um lado do imperialismo estrangeiro e por outro de seu próprio proletariado. A administração das estradas de ferro, campos petrolíferos etc. sob controle das organizações operárias, não tem nada a ver com o controle operário da indústria, porque em última instância a administração se faz por meio da burocracia trabalhista, que é independente dos operários, mas que depende totalmente do estado burguês. Essa medida tem, por parte da classe dominante, o objetivo de disciplinar a classe operária, fazendo-a trabalhar mais a serviço dos "interesses comuns" do Estado, que superficialmente parecem coincidir com os da própria classe operária. Na realidade, a tarefa da burguesia consiste em liquidar os sindicatos como organismos da luta de classes e substituí-los pela burocracia, como organismos de dominação dos operários pelo estado burguês. Em tais condições, a tarefa da vanguarda revolucionária consiste em empreender a luta pela total independência dos sindicatos e pela criação de um verdadeiro controle operário sobre a atual burocracia sindical, que foi transformada em administração das estradas de ferro, das empresas petrolíferas e outras.

Os acontecimentos dos últimos tempos (antes da guerra) demonstraram muito claramente que o anarquismo, que em teoria não é mais que um liberalismo levado às últimas consequências, não era na prática mais que propaganda pacífica dentro da república democrática, de cuja proteção necessitava. Se deixamos de lado os atos de terrorismo individual etc., o anarquismo como movimento de massa e de ação política não exerceu mais que uma atividade propagandística sob a proteção da legalidade. Em situações de crise os anarquistas sempre fazem o contrário daquilo que pregam em tempos de paz. Isso o próprio Marx já havia assinalado, referindo-se à Comuna de Paris. E se repetiu em muito maior escala na experiência da Revolução Espanhola.

Os sindicatos democráticos, no velho sentido do termo - de organismos no quadro dos quais lutavam no seio da mesma organização de massas, mais ou menos livremente, diferentes tendências - já não podem mais existir. Do mesmo modo que não se pode voltar ao estado democrático burguês, tampouco é possível voltar à velha democracia operária. O destino de uma reflete o da outra. Na realidade, a independência de classe dos sindicatos quanto às suas relações com o Estado burguês somente pode ser garantida, nas condições atuais, por uma direção revolucionária, isto é, a da 4ª Internacional. Naturalmente, essa direção deve e pode ser racional e assegurar aos sindicatos o máximo de democracia concebível sob as condições concretas atuais. Mas sem a direção política da 4ª Internacional a independência dos sindicatos é impossível.

Agosto de 1940

27

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura prévia/2:

- Consciência Sindical e Consciência de Classe

(1902/3)

O QUE FAZER
Vladimir Ilitch Lenin
(extratos)

II. A espontaneidade das massas e o espírito da consciência da social-democracia

Dissemos que era necessário animar nosso movimento, infinitamente maior e mais profundo que aquele de 1870-1880, com o mesmo espírito de decisão e a mesma energia sem limites. De fato, até o presente parece que ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo estivesse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e sua fraqueza residisse na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Nesses últimos tempos, contudo, foi feita uma descoberta espantosa, que ameaça subverter todas as idéias adquiridas sobre este ponto. Esta descoberta é obra do *Rabótcheie Dielo* que, em sua polêmica com o *Iskra* e a *Zaria*³, não se ateuve a objeções particulares e tentou reconduzir o “desacordo geral” à sua raiz mais profunda: a uma “apreciação diferente da importância relativa do elemento espontâneo e do elemento conscientemente metódico”. (...)

a) Início do impulso espontâneo

No capítulo anterior assinalamos o entusiasmo generalizado da juventude russa instruída pela teoria marxista, por volta de 1895. Foi também nessa mesma época, que as greves operárias, após a famosa guerra industrial de 1896 em Petersburgo, revestiram-se de um cará-

ter geral. Sua extensão por toda a Rússia atestava claramente a profundidade do movimento popular que de novo surgia, e se falamos do "elemento espontâneo", é certamente nesse movimento de greves que devemos considerá-lo, antes de tudo.

Mas, há espontaneidade e espontaneidade. Houve, na Rússia, greves nas décadas de 1870 e 1880 (e mesmo na primeira metade do século 19), que foram acompanhadas da destruição "espontânea" de máquinas etc. Comparadas a esses "tumultos", as greves após 1890 poderiam mesmo ser qualificadas de "conscientes", tal foi o progresso do movimento operário nesse intervalo. Isto nos mostra que o "elemento espontâneo", no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente. Os tumultos primitivos já traduziam certo despertar da consciência: os operários perdiam sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva, e rompiam deliberadamente com a submissão servil às autoridades. Era, portanto, mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta. As greves após 1890 mostram-nos melhor os lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, procura-se prever o momento favorável, discutem-se certos casos e exemplos de outras localidades etc.

Se os tumultos constituíam simplesmente a revolta dos oprimidos, as greves sistemáticas já eram o embrião mas, nada além do embrião, da luta de classe. Tomadas em si mesmas, essas greves constituíam uma luta sindical, mas não ainda social-democrata; marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter consciência da oposição irreductível de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência social-democrata. Nesse sentido, as greves após 1890, apesar do imenso progresso que representaram em relação aos "tumultos", continuavam a ser um movimento essencialmente espontâneo.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc.⁴

Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. À época de que falamos, isto é, por volta de 1895, essa doutrina constituía não apenas o programa perfeitamente estabelecido do grupo Libertação do Trabalho, mas também conquistara para si a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, pois, houve ao mesmo tempo um despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada da teoria social-democrata, buscava aproximar-se dos operários. Quanto a isso, é particularmente importante estabelecer este fato esquecido com frequência (e relativamente pouco conhecido), de que os primeiros social-democratas desse período, que se dedicavam com ardor à agitação econômica (contando, para isso, com as indicações verdadeiramente úteis do folheto "Sobre a Agitação", à época ainda manuscrito) longe de considerar essa agitação como sua tarefa única, atribuíam desde o começo à social-democracia russa as grandes tarefas históricas, em geral, e a tarefa da derrubada da autocracia, em particular.(...)

b) O culto do espontâneo: a *Rabótchaia Mysl*

(...) O aparecimento da *Rabótchaia Mysl*⁵ trouxe o "economismo" para a luz do dia, (...)

(...). Em lugar de estimular a marcha para a frente, de consolidar a organização revolucionária e de ampliar a atividade política, incitou-se a volta para trás, em direção à luta exclusivamente sindical. Proclamou-se que "a base econômica do movimento está obscurecida pela tendência a jamais esquecer o ideal político", que o lema do movimento operário é a luta pela situação econômica" (!) ou, melhor ainda, "os operários pelos operários"; declarou-se que as caixas de greve "valem

mais para o movimento do que uma centena de outras organizações" (que se compare esta afirmação, feita em outubro de 1897, com a disputa dos "dezembristas" com os jovens, no início de 1897) etc. Frases como: é preciso colocar em primeiro plano, não a "nata" dos operários, mas o operário "médio", o operário das fileiras; ou como: "O político segue sempre docilmente o econômico"⁶ etc. etc., entraram na moda e exerceram influência sobre a massa dos jovens seduzidos pelo movimento e que, na maioria, não conheciam senão fragmentos do marxismo, tal como era exposto legalmente.

Isto constituiu o completo aniquilamento da consciência pela espontaneidade - pela espontaneidade dos "sociais-democratas" que repetiam as "idéias" do senhor V.V., a espontaneidade dos operários seduzidos pelo argumento de que mesmo um aumento de um copeque por rublo valia mais que todo socialismo e toda política, de que deviam "lutar sabendo que o faziam não por remotas gerações futuras mas por eles próprios e por seus filhos" (editorial do n. 1 da *Rabótchaia Mysl*). As frases desse gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (como Hirsch, o "social-político" alemão) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês, e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical⁷ é uma luta por eles próprios e por seus filhos, e não por remotas gerações futuras com vistas a um incerto socialismo futuro. E agora os "V.V. da social-democracia russa" se põem a repetir essas frases burguesas.

(...) Isto nos mostra que, desde o princípio, a *Rabótchaia Mysl* começara - insistentemente - a realizar o programa do *Crado*. Isto mostra (o que não pode chegar a compreender o *Rabótcheie Dielo*), que todo culto da espontaneidade do movimento operário, toda diminuição do papel do "elemento consciente", do papel da social-democracia significa - quer se queira ou não - um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de "sobrestimação da ideologia"⁸, de exagero do papel do elemento consciente⁹ etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si, uma ideologia independente, com a única condição de que os operários "arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes". Mas, isto constitui um erro profundo. Para completar o que dissemos acima, citaremos ainda as palavras profun-

damente justas e significativas de K. Kautsky, a propósito do projeto do novo programa do partido social-democrata austríaco¹⁰:

Muitos de nossos críticos revisionistas atribuem a Marx a afirmação de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes não somente criam as condições da produção socialista, mas engendram diretamente a *consciência* (o grifo é de K. Kautsky) de sua necessidade. E eis que esses críticos objetam que a Inglaterra, país do mais avançado desenvolvimento capitalista, está mais alheia do que qualquer outro país a essa consciência. O projeto do programa leva a crer que a comissão que elaborou o programa austríaco partilha, também, desse ponto de vista dito marxista ortodoxo, que refuta o exemplo da Inglaterra. O projeto afirma: 'Quanto mais o proletariado aumenta em consequência do desenvolvimento capitalista, mais é obrigado e tem a possibilidade de lutar contra o capitalismo. O proletariado adquire a consciência' da possibilidade e da necessidade do socialismo. Por conseguinte, a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto, da luta proletária de classe. Ora, isto é inteiramente falso. Como doutrina, o socialismo evidentemente tem suas raízes nas relações econômicas atuais, da mesma forma que a luta de classe do proletariado; do mesmo modo que esta última, resulta da luta contra a pobreza e a miséria das massas, provocadas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. De fato, a ciência econômica contemporânea constitui tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e, apesar de todo o seu desejo, o proletariado não pode criá-las; ambas surgem do processo social contemporâneo. Ora, o portador da ciência não é o proletariado, mas os *intelectuais burgueses* (o grifo é de K.K.): foi do cérebro de certos indivíduos dessa categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmente mais evoluídos, que o introduziram, em seguida, na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiram. Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora (*von Aussenhineigetranses*) na luta de classe do proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente (*ur wüchsig*). Também o antigo programa de Heinfeld dizia, muito justamente, que a tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado (literalmente: preencher o proletariado com)

30

a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe. Ora, o novo projeto emprestou essa tese do antigo programa e juntou-se à tese acima citada. O que interrompeu completamente o curso do pensamento...

No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento¹¹, o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não elaborou uma "terceira" ideologia; e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso, toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do *Credo*¹², pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo, a *Nur-Gewerkschaftlerrei*: ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da social-democracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a social-democracia revolucionária. (...)

Mas, por que - perguntará o leitor - o movimento espontâneo, que se dirige para o sentido do mínimo esforço, conduz exatamente à dominação da ideologia burguesa? Pela simples razão de que, cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores¹³. Quanto mais jovem for o movimento socialista em um país, mais energicamente terá que lutar contra todas as tentativas feitas para consolidar a ideologia não socialista; tanto mais resolutamente será preciso colocar os operários em guarda contra os maus conselheiros que gritam contra a "sobrestimação do elemento consciente" etc. Com o *Rabótcheie Dielo*, os autores da carta econômica gritam em uníssono contra a intolerância própria à infância do movimento. A isto responderemos: de fato, nosso movimento ainda está em sua infância, e para atingir sua virilidade deve justamente

imbuir-se de intolerância em relação àqueles que, através de seu culto da espontaneidade, retardam seu desenvolvimento. Nada há de mais ridículo e de mais prejudicial para se colocar ao velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta! (...)

Constatamos, assim, que o erro fundamental da "nova tendência" da social-democracia russa é inclinar-se diante da espontaneidade; é não compreender que a espontaneidade da massa exige de nós, social-democratas, uma consciência elevada. Quanto maior for o impulso espontâneo das massas, mais amplo será o movimento, e de forma ainda mais rápida afirmar-se-á a necessidade de uma consciência elevada no trabalho teórico, político e de organização da social-democracia.

O impulso espontâneo das massas na Rússia foi (e continua a ser) tão rápido que a juventude social-democrata encontrou-se pouco preparada para realizar essas imensas tarefas. A falta de preparação, nossa infelicidade comum, constitui a infelicidade de todos os social-democratas russos. O impulso das massas não cessou de crescer e de se estender sem solução de continuidade; e longe de interromper-se onde foi iniciado, estendeu-se a novas localidades, a novas camadas da população (o movimento operário provocou um redobramento da efervescência entre a juventude das escolas, dos intelectuais em geral, e mesmo entre os camponeses). Os revolucionários atrasaram-se quanto à progressão do movimento, e em suas "teorias" e atividade, não souberam criar uma organização que funcionasse sem solução de continuidade, capaz de dirigir todo o movimento. (...)

III - Política sindical e política social-democrata

Já mostramos que os "economistas" não negam absolutamente a "política", mas que se desviam constantemente da concepção social-democrata em direção à concepção sindical da política.

a) A agitação política e seu estreitamento pelos "economistas"

(...) A grande maioria dos social-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. É bastante lembrar a *Rabótchaia Mysl* para se ver a que ponto chegou tal absorção; esquecia-se que, no fundo, essa ativida-

31

de não era ainda em si mesma social-democrata, mas apenas sindical. As denúncias referiam-se, no fundo, somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta "mercadoria" de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial. Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação social-democrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta "exclusivamente profissional" e a um movimento operário, não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas também pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. A social-democracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política. (...)

A questão que se coloca é: em que, portanto, deve consistir a educação política? (...)

É necessário fazer a agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão (como fizemos em relação às manifestações concretas da opressão econômica). Ora, como esta opressão se exerce sobre as mais diversas classes da sociedade, manifesta-se nos mais diversos aspectos da vida e da atividade profissional, civil, privada, familiar, religiosa, científica etc. etc., não se torna evidente que não realizaremos nossa tarefa que é desenvolver a consciência política dos operários, se não nos encarregarmos de organizar uma ampla campanha política de denúncia da autocracia? De fato, para fazer a agitação sobre as manifestações concretas da opressão, é preciso denunciar essas manifestações (da mesma forma que para conduzir a agitação econômica, era preciso denunciar os abusos cometidos nas fábricas). (...)

c) As denúncias políticas e "a educação para a atividade revolucionária"

(...) A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista social-democrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população. Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria, não é um social-democrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea, conhecimento não apenas teórico... ou melhor: não só teórico, como fundamentado na experiência da vida política. Eis porque nossos "economistas", que pregam a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político, realizam um trabalho profundamente prejudicial e reacionário em seus resultados práticos. Para tornar-se um social-democrata, o operário deve ter uma idéia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do padre, da autoridade, e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas e sua "natureza" verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa "idéia clara": ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas denúncias ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vere-

dictos, e assim até o infinito. Essas denúncias políticas abrangendo todos os aspectos são a condição necessária e fundamental para educar as massas em função de sua atividade revolucionária(...)

e) A classe operária como combatente de vanguarda pela democracia

(...) A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. O único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações, de todas as classes entre si. Por isso, à questão do que fazer para levar aos operários os conhecimentos políticos não se poderia simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os práticos, sem falar daqueles dentre eles que se inclinam para o "economismo", a saber: "ir até os operários". Para levar aos operários os conhecimentos políticos, os social-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar em todas as direções os destacamentos de seu exército.(...)

Consideremos o tipo de círculo social-democrata mais difundido nesses últimos anos e vejamos sua atividade. Tem "contatos com os operários" e se atém a isso, editando "folhas volantes" onde condena os abusos nas fábricas, o partido que o governo toma em favor dos capitalistas e violências da polícia. Nas reuniões com os operários, é sobre tais assuntos que se desenrola ordinariamente a conversa, sem quase sair disso; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política interna e externa de nosso governo, sobre a evolução econômica da Rússia e da Europa, sobre a situação dessas ou daquelas classes na sociedade contemporânea etc., constituem exceções extremas, e ninguém pensa em estabelecer e desenvolver sistematicamente relações no seio das outras classes da sociedade. Para dizer a verdade, o ideal do militante, para os membros de tal círculo, aproxima-se na maioria dos casos muito mais ao do secretário de sindicato do que do dirigente político socialista. De fato, o secretário de um sindicato inglês, por exemplo, ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza denúncias sobre a vida de fábrica, explica a injustiça das leis e disposições que entravam

a liberdade de greve, a liberdade dos piquetes (para prevenir a todos que há greve em uma determinada fábrica); mostra o partido tomado pelos árbitros que pertencem às classes burguesas etc. etc. Em uma palavra, todo secretário de sindicato conduz e ajuda a conduzir a "luta econômica contra os patrões e o governo". E não seria demais insistir que isto ainda não é "social-democratismo"; que o social-democrata não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democratas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado. (...)

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura prévia 3:

- Outros textos

James P. Cannon (EUA) 1924

Nossos objetivos e nossas táticas nos sindicatos

O seguinte discurso foi proferido em 27 de julho de 1924 em St. Louis, Missouri, em uma plenária de mineiros de carvão do Workers Party. Foi publicado no suplemento da revista Daily Worker em 2 de agosto de 1924.

Camaradas:

Estas plenárias dos membros do partido pertencentes aos grandes sindicatos, nas quais participam representantes do comitê executivo central, estão se tornando cada vez mais frequentes. Devemos considerar isso como um bom sintoma. Diz-nos que estamos amadurecendo como um partido de revolucionários teóricos e práticos e que estamos dominando nossas tarefas básicas. A estreita colaboração entre camaradas da frente e camaradas do principal órgão do partido tem e terá resultados benéficos em todas as fases da luta.

O contato íntimo e intenso com os problemas práticos da luta cotidiana, e com os camaradas que os confrontam diretamente, serve como um corretivo infalível para qualquer tendência que possa haver na parte para tratar esses problemas de uma maneira abstrata ou puramente doutrinária. Por outro lado, a participação dos representantes do partido garantirá que os aspectos políticos fundamentais da luta sindical se manifestem nas conferências do sindicato. A importância deste último não deve ser superestimada. Caso contrário, sempre haverá o perigo de que o trabalho dos sindicatos de nossos camaradas seja influenciado pela tendência de

dar respostas rápidas, resolver todas as questões em um momento, a chamada praticidade. Concepções unilaterais, visões puramente sindicais, assumem o controle da situação e questões de classe mais gerais ocupam o segundo lugar. Devemos nos precaver contra tal procedimento. Sabemos muito bem onde isso leva, à futilidade e ao reformismo.

Nos encontramos hoje para considerar todos os problemas do sindicato ao qual vocês pertencem, do ponto de vista do partido, que é o ponto de vista de todos os comunistas. E acredito que estarei procedendo de acordo se sugerir que a primeira premissa seja os objetivos revolucionários de nosso partido; e proponho que pesemos e julgemos toda a questão sindical diante de nós, por mais pequena ou prática que possa parecer, tomando como critério os nossos objetivos finais.

O nosso partido é o partido da revolução proletária e da ditadura do proletariado. A revolução proletária é a única solução da questão dos trabalhadores e todo o nosso trabalho deve ter como meta a revolução. Esse é o nosso ponto de partida nos sindicatos, assim como em todos os campos de atividade da luta de classes. É essa concepção fundamental que nos distingue de todos os outros partidos e grupos do movimento operário. Este é o cinturão que nos mantém no mesmo partido.

Nosso objetivo revolucionário é o que molda nossa política na luta diária. As aspirações revolucionárias de nossos camaradas são o que gera nelas o entusiasmo e o sacrifício que dão poder ao nosso partido. Pobre de nós se acabamos sendo tão "práticos" como esquecer isso só por um momento. Toda nossa atividade deve ser dirigida à revolução proletária. Se mantivermos isso em mente em todos os momentos e medirmos todo o nosso trabalho diário com

essa vira, ficaremos na faixa da direita. Os princípios revolucionários aos quais devemos, impõem responsabilidades e deveres que não podem ser reajustados ou ignorados se quisermos viver de acordo com a nossa concepção do partido como a vanguarda dos trabalhadores. Temos que nos levantar e lutar pelos verdadeiros interesses da classe trabalhadora, em sua totalidade, em todos os momentos da luta.

Queremos estar com as massas, mas também devemos estar um passo à frente delas, e não ter medo de tomar uma posição antipopular, quando necessário, a fim de combater seus preconceitos. Tomemos o exemplo da Ku Klux Klan. Aqui é uma organização que é completamente anti-operária e, por sua natureza, no entanto, uma boa parte dos mineiros de carvão apoiam ela erroneamente. Lutar contra a Ku Klux Klan, expondo sua natureza reacionária, convencer os trabalhadores de que é necessário combatê-la, é uma tarefa difícil e altamente arriscada em certas regiões do país, mas é nosso dever com a classe operária enfrentar essa luta. Nós não seríamos dignos de levar o nome glorioso do nosso partido se evitássemos tal luta usando qualquer pretexto que fosse.

Nosso trabalho nos sindicatos está se desenvolvendo. Provas disso podem ser encontradas em todos os lugares. As plenárias como esta são a evidência do rápido progresso que estamos fazendo. Já acumulamos uma experiência rica, e é essa experiência que está evidenciando os aspectos positivos e negativos do nosso trabalho. Uma de nossas principais obrigações é fazer uma avaliação de nossa atividade regularmente, para melhorar e fortalecer o que é bom, e descobrir o que está errado para liquidá-lo. Não precisamos dizer que nós, comunistas, sentimos grande estima uns pelos outros, mas

o que é importante sim dizer é que quando nós reunimos em plenária não é para se elogiar e se encher de flores, mas para falar francamente e abertamente; fazer do nosso trabalho o objeto de um profundo reexame e crítica para que os erros sejam descobertos e superados. Você tem o direito de esperar toda a franqueza do comitê executivo central. E estou confiante de que se alguns erros em seu trabalho são mencionados durante a discussão, se alguns erros cometidos por companheiros são mencionados aqui de uma maneira amigável e com toda a camaradagem, mas igualmente francamente, como é costume entre os comunistas, ninguém se ofenderá por isso. A discussão visa apenas melhorar nossa eficácia e fortalecer o partido para a luta.

O poder de um partido disciplinado, fundado em princípios revolucionários, que lida cientificamente com todos os aspectos da luta sindical, já começou a se manifestar. Na última plenária de delegados dos mineiros de Illinois, por exemplo, todos puderam ver que o partido está começando a crescer, a fortalecer seus ombros e ocupar um lugar no desenvolvimento dos fatos.

Nosso partido ali apareceu como líder da luta pelos interesses dos homens das minas. Ele estava na linha de frente, dando os mais impressionantes golpes aos agentes da burguesia, que usurparam os principais postos no sindicato dos mineiros. O trabalho desenvolvido na convenção pelos camaradas tem contribuído muito para fazer da união dos mineiros um melhor sindicato para a luta de classes, aumentando como consequência o prestígio de nosso partido. Isso deve ser reconhecido desde o primeiro momento.

Em toda a série de plenárias realizadas nos últimos meses, observa-se o mesmo fenômeno. Nosso partido, que ontem emergiu da escuridão e começou a reagrupar os batalhões dizimados dos

trabalhadores revolucionários, têm sido o centro nervoso da luta contra a reação no movimento operário. Nós ainda não nos tornamos a liderança das massas dos sindicatos, mas nos tornamos os líderes da luta por seus interesses. O resto virá em boa hora. Nisso podemos confiar. Não é por acaso que o nosso partido está a fazer progressos em todos os lugares, e em todos os lugares colocando-se à frente da luta. A razão é que o nosso partido é o único disposto a lutar pelos interesses imediatos dos trabalhadores e o único partido que reivindica e define a resolução do conflito operário através da derrubada revolucionária do capitalismo. Todos os interesses da classe trabalhadora, a curto e longo prazo, estão inextricavelmente ligados à revolução. E se cometermos erros aqui e ali, se não conseguirmos aproveitar ao máximo todas as oportunidades que nos são oferecidas no decorrer da luta, é em primeiro lugar porque os nossos camaradas nos sindicatos, devido à sua inexperiência, não dominam a arte de tomar em cada momento em cada fase uma posição prática, diante das questões que surgem, relacionando-as habilmente com os objetivos finais do movimento.

Realizar atividades práticas e, ao mesmo tempo, aprofundar e ampliar a consciência da classe operária e direcioná-la para a luta pelo poder. Esse é o objetivo do nosso trabalho nos sindicatos. Deste ponto de vista, uma análise dos eventos que ocorreram na sessão plenária dos delegados dos mineiros em Illinois traga-nos resultados bastante frutíferos. Nosso poder será multiplicado na próxima plenária, se conseguirmos dar um relato honesto dos aspectos positivos e negativos de nossa atividade no último.

Um dos principais erros que nossos colegas cometeram nessa plenária foi o fracasso em entender completamente que o esquema vergonhoso de colaboração de classes apresentado ao plenário no

relatório de Frank Farrington expunha as bases políticas e intelectuais da corrupção e da traição de toda a burocracia da UMW (United Mine Workers) da América do Norte, de Lewis a Farrington. Nossos companheiros deveriam ter atacado esse relatório da maneira mais militante. Eles deveriam tê-lo despedaçado na base de que era uma pregação da teoria dos interesses mútuos dos mineiros de carvão e dos parasitas que os exploram e engordam com o aumento de seu trabalho e miséria. Antes dela, eles deveriam ter erigido o princípio da luta de classes, a teoria da salvação dos trabalhadores por meio de uma luta irreconciliável contra seus exploradores.

Tal luta significaria um tiro certo no coração da corrupta e traiçoeira burocracia sindical, porque tal tiro teria sido dirigido ao sistema falacioso de ideias com o qual eles envenenam o movimento operário. Tal luta deveria ter sido caracterizada em primeira instância como o melhor meio para abrir os olhos dos mineiros, para que eles vejam o verdadeiro problema. Todas as outras lutas que ocorreram no plenário, a luta em torno da questão de como eleger autoridades, a luta por uma melhor legislação sobre questões sindicais, a luta pela reintegração de Howat, etc., eles deveriam ter sido concebidos por nossos companheiros e explicados aos delegados, como todos relacionados à luta básica colocada pelo princípio da luta de classes e subordinados a ela. Essa teria sido a melhor maneira de despertar os delegados mais honestos da base e aproximá-los de nós.

Outro erro foi no momento de decidir sobre o reconhecimento da URSS. Aqui, mais uma vez, o princípio da luta de classes tem algo a ver com isso. A máquina de Farrington moveu-se bastante inteligentemente com respeito a essa resolução para enganar os

delegados; em um parágrafo a União Soviética foi explicitamente reconhecida, mas em outro ela foi anulada adicionando a condição que a União Soviética tinha que reconhecer certas obrigações; as mesmas obrigações que em vão os governos capitalistas tentaram impor por seis anos. O erro que os companheiros fizeram nessa questão foi o de ter pensado que o objetivo era que a URSS fosse formalmente reconhecida e que ter considerado tal reconhecimento uma vitória para nós. Isso foi totalmente muita "mídia". Nós somos pelo reconhecimento da União Soviética, porque é um estado operário e porque entendemos que os interesses da classe trabalhadora em todo o mundo estão intimamente ligados a ela. O reconhecimento da URSS é para nós uma (questão) da luta de classes e deveríamos ter dado a luta a partir dessa base, e insistir aos delegados na ideia de que a solidariedade operária, a união internacional da classe operária na luta pela derrubada do capitalismo deve ser aceita como um princípio orientador do movimento operário. Poderíamos não obter a aceitação da maioria se tivéssemos partido essa base para lutar, assim como não teríamos o apoio da maioria do plenário se tivéssemos lutado impiedosamente contra o esquema de colaboração de classes de Farrington, mas isso seria uma questão secundária. Porque nós teríamos trazido a primeira linha de princípios. Teríamos esclarecido as mentes de muitos delegados, aproximando-os de nós. Não é a vitória formal, mas a luta que é importante.

Do mesmo ponto de vista, devê-se salientar a má concretização das reuniões da oposição no plenário. Alguns colegas se opuseram à realização de tais reuniões sob a alegação de que havia a possibilidade de que os espiões de Farrington estivessem presentes entre os delegados, e que eles pudessem descobrir algo sobre o plano de luta aplicado no plenário.

Essa atitude está errada. É o resultado de uma cautela excessiva e levando muito em conta as vitórias técnicas e legislativas. Mais ainda, é, em certa medida, uma concessão inconsciente à posição dos sindicalistas reacionários que naturalmente se ressentem e atacam qualquer tentativa de organização que se oponha a eles pela base. Esta questão é muito mais profunda do que parece à primeira vista. A incapacidade de organizar esses delegados esquerdistas em um corpo de luta, se levado à sua conclusão lógica final, significaria a incapacidade de organizar as forças da oposição para nível sindical. Significa renunciar, sob a pressão dos dirigentes, ao direito de organizar a liga sindical educativa: "Não faça uma montanha da colina", é uma boa máxima; mas será tão bom ou melhor se o investirmos e dissermos aos companheiros dispostos a entregar este pequeno bastião: "Não faça uma colina da montanha". Se, na realidade, estamos empreendendo uma luta séria para romper o controle burocrático do movimento operário, não devemos nos recusar a organizar nossas tropas.

Nossa luta pela conquista dos sindicatos é basicamente a luta para organizar os trabalhadores de base conosco com base na luta de classes. Portanto, eles devem ser ilustrados com relação aos nossos planos e objetivos.

As sessões plenárias devem ser concebidas como as melhores oportunidades para avançar nesse processo. As plenárias nos oferecem a oportunidade de ter contato direto com os delegados de base, para combater, por meio de discussão e argumentação, seus preconceitos e equívocos, e para unir em um único corpo organizado para dar a luta pela regeneração do movimento operário. As reuniões da oposição são necessárias para essa tarefa.

É muito mais valioso para nós entrar em contato com 10 novos trabalhadores e torná-los parte de uma luta organizada, do que aprovar uma dezena de resoluções no plenário graças a uma maioria acidental.

O apoio consciente dos trabalhadores é o que queremos. Estamos lutando por seus corações e mentes. Não esqueça, companheiros. A burocracia pode transformar nossas melhores resoluções em pedaços de papel inúteis. Pode conservar posições fraudando as eleições, mas não pode remover os trabalhadores que nós ganhamos para nossa maneira de agir e de lutar. Os burocratas poderão permanecer no poder, por um certo tempo, através de milhares de armadilhas e práticas fraudulentas. Mas uma vez que ganhemos as massas para nossas posições, podemos estalar os dedos e dizer chega. Controlar um sindicato para nós significa controlar as massas. Isso e apenas isso nos garante a vitória final.

Agora eu quero passar para outra questão que, sem dúvida, se tornará cada vez mais importante à medida que nossa força cresce nos sindicatos. Já foi colocado na agenda várias vezes. É a questão dos postos e dos companheiros que se tornam candidatos para essas posições. Este problema pode se tornar um dos maiores perigos, e em uma das mais fortes fontes de corrupção, se não considerarmos o assunto adequadamente e tomarmos uma decisão firme sobre ele desde o início.

Na discussão que aconteceu aqui hoje, ouvimos a opinião de um dos parceiros de nossa luta nos sindicatos é a luta por posições estratégicas. Este é um ponto de vista unilateral e se permitirmos que ele continue seu curso, cairemos em um erro grave. Devemos adotar a visão de que nossa luta é uma luta para desenvolver a consciência de classe dos trabalhadores de base e conquistá-los

para o princípio da luta revolucionária contra o capitalismo sob a liderança de nosso partido.

Se conectarmos a luta por posições estratégicas com esse objetivo político geral e o subordinarmos a ele, estaremos, sem dúvida, em terreno firme. Caso contrário, nos veremos na dolorosa situação de ter que ver os companheiros de nosso partido concebendo a luta por postos como um fim em si mesmo; evitando ou deixando de lado questões de princípio pelo simples fato de que não são familiares às massas; calculando e planejando com precisão todas as suas ações para ver se eles conseguem o cargo. Mas é claro que os companheiros justificam esses métodos dizendo que, uma vez obtidos, poderão fazer grandes coisas pelo partido. E, no entanto, mais de uma vez podemos ver quem dá essa justificativa para adotar o hábito de continuar com esses métodos, a fim de preservar o que foi obtido. Desta forma degeneram em meras posições de caça e detentores de títulos. Eles perderão o respeito e a confiança dos operários militantes de base, e nosso partido, que deve assumir a responsabilidade por eles, verá seu prestígio cair em grande parte.

As posições estratégicas, no entanto, são muito importantes e não devemos assumir uma posição doutrinária em relação a elas. A opinião que outro parceiro expressou no decorrer desta discussão de que os homens se tornam pequeno-burgueses tanto em seus interesses como em suas atitudes tão cedo como eles são eleitos e que, portanto, não devemos ter nada a ver com os postos, isso não é correto. É verdade que os postos, especialmente no caso do movimento sindical americano, levaram muitos homens no passado a traírem os trabalhadores e a corrupção, mas isso não significa que os comunistas serão corrompidos. Devemos fazer parte de nossa lógica a concepção de que um verdadeiro comunista pode ir a

qualquer lugar onde o partido o envia e fazer o que o partido pede; e ainda permanece um comunista; ainda permanecem fiéis à classe operária. O camarada Lenin tinha um posto. Ele tinha mais poder que Frank Farrington, mas não terminou como Frank Farrington. O que garante que os camaradas que aderem a cargos não se corrompam é que eles permanecem do lado do partido e baseiam toda a sua luta pela posição no apoio que os trabalhadores de base dão à política da luta de classes, e que não são muito rápido e muito "inteligente" para não tentar "esgueirar-se" em uma posição prejudicial e não ser diretos e francos em questões de princípio que podem ser de fato impopulares, mas que, no entanto, os comunistas têm o dever de defender.

Nosso partido é um grupo de operários revolucionários de base, um partido de luta revolucionária contra o capitalismo e todas as suas misérias, (por essa razão) esperamos que os companheiros que ocupam uma posição retenham esta concepção fundamental e a façam funcionar em todo o seu trabalho. Eles não devem deixar que sua posição material faça com que adotem uma atitude ultra cuidadosa. Acima de tudo, eles não devem adquirir uma psicologia "oficial" e deixar de cumprir seu dever para com o partido por medo de colocar suas posições em risco. Nós não colocamos os comunistas no comando para fazer menos pelo partido, mas para fazer mais. A atmosfera que envolve a liderança dos sindicatos norte-americanos é bastante fétida. Está infestado de cima a baixo com costumes e tradições de caráter não proletário. Cuide das pessoas que têm acesso a uma posição, de não cair em um pântano. Lembre-se sempre de que você é comunista acima de tudo e mantém seu espírito comunista rebelde a todo custo. Eles não sucumbem aos costumes e tradições de ofício desenvolvidos pelos agentes da burguesia, que, como os carrapatos, se apegaram às

posições do movimento operário, o que devem fazer é levar consigo a ética e os costumes revolucionários.

A questão da disciplina partidária torna-se especialmente importante quando se considera a atividade dos companheiros que ocupam cargos. Os companheiros que são colocados neles devem se apegar o máximo possível ao partido, tornar-se um com ele e sempre considerá-lo como seu melhor amigo. A estreita união deste sindicalista comunista com o seu partido é a melhor garantia de que ele será capaz de cumprir seu dever para com a classe operária e manter seu ponto de vista revolucionário. O partido espera mais disciplina dos líderes e sindicalistas do que dos outros membros do partido. Ele não sente medo ou surpresa se o maior líder sindical entra em conflito com uma política, mas ainda a aplica. Camaradas que ocupam cargos, não importa quão importantes sejam, não podem agir como sujeitos independentes sem que o partido os coloque em seu lugar.

Podemos resumir a questão em poucas palavras. Nós não somos progressistas, mas revolucionários. (Nosso objetivo nos sindicatos é organizar as massas para a revolução proletária e liderá-las na luta por essa revolução). Nosso trabalho diário deve ser subordinado e relacionado a isso.) (O resultado do nosso trabalho não são as vitórias formais no papel, a maneira de saber se progredimos ou não em nosso trabalho é observar se a consciência de classe dos trabalhadores progrediu ou não, é medir o grau de organização que tem nessas bases e a capacidade de liderança do nosso partido.) As posições estratégicas são importantes principalmente do ponto de vista que permitem ao partido desenvolver e expandir seu trabalho para revolucionar as massas.

Sejamos sérios e práticos por todos os meios. Vamos aprender a resolver todos os problemas que surgem no sindicato de uma maneira prática e séria. Vamos nos tornar especialistas no trabalho cinzento dos sindicatos, e em fazer todas as manobras necessárias para acessar as posições estratégicas, mas também lembrar o perigo de se tornar só procuradores de cargos.

Os sindicalistas ativos, especialmente aqueles que ocupam posições, são seduzidos por mil e uma tentações que os convidam a deixar o caminho da luta de classes. Apenas o contato próximo com o partido permitirá que eles superem tais tentações. Com a ajuda do partido, eles aprenderão como servir a classe operária em sua luta diária e como conectar toda a sua atividade com a tarefa de dirigir as massas para a revolução final.

Aprender a medir corretamente seu progresso em cada estágio, não baseado nos papéis, mas tomando como critério o desenvolvimento da consciência de classe e a influência do partido, tomando como critério o grau em que sua luta infunde aos trabalhadores aquele espírito de luta resoluta, que é o espírito do comunismo.

Muitas dificuldades surgirão nesta tarefa, mas com a ajuda do partido e da Internacional, resolveremos todas elas. Nós vamos ganhar as massas para o comunismo; libertaremos o movimento dos trabalhadores dos agentes da burguesia e os converteremos em instrumentos poderosos para a revolução proletária.

Extratos do capítulo "sindicatos, cooperativas e democracia política", do texto "Reforma ou Revolução" de ROSA LUXEMBURGO. (1900)

(...)

Quanto aos sindicatos que, na doutrina de Bernstein são o outro meio de lutar contra a exploração do capital, já demonstrámos que são incapazes de impor o domínio da classe operária no processo da produção e também no referente às dimensões de produção e seus processos técnicos.

Examinemos o aspecto puramente económico do problema, ao que Bernstein chama "a luta do salário contra o lucro". Essa luta não se processa em abstracto, num espaço imaterial, mas no bem determinado quadro de leis dos salários que não pode destruir, mas somente realizar. Isso surge com clareza quando se examina o problema sob uma outra face e quando se traçam as

coordenadas da questão da autêntica intervenção dos sindicatos. Bernstein atribui aos sindicatos uma missão particular na luta pela emancipação da classe operária: são eles que devem travar a luta contra a taxa de lucro industrial, transformando-a progressivamente em taxa de salário; ora os sindicatos não têm nenhum poder real para poderem iniciar uma política de ofensiva económica contra o lucro porque, na verdade, não passam de uma defesa organizada pela força do trabalho contra os ataques do lucro, expressão da resistência da classe operária contra a tendência opressiva da economia capitalista. E isto por duas razões:

1º. Os sindicatos têm por tarefa organizar-se no mercado da força do trabalho; mas a organização é constantemente ultrapassada pelo processo de proletarização das classes médias que trazem permanentemente para o mercado de trabalho novos recrutas.

2º. Os sindicatos propõem-se melhorar as condições de existência, aumentar a parte de riqueza social que vai para a classe operária; mas

essa parte é constantemente reduzida, com a fatalidade de um fenómeno natural, pelo crescimento da produtividade do trabalho. Para nos apercebermos disso, não é necessário ser marxista, é suficiente ter tido uma vez nas mãos o livro de Rodbertus intitulado: "Zur Beleuchtung der Sozialen Frage" "Para esclarecer a questão social". Devido a esses factores objectivos, que são a realidade da sociedade capitalista, as duas funções essenciais do sindicalismo transformam-se profundamente e a luta sindical é um autêntico trabalho de Sísifo. Esse trabalho de Sísifo é indispensável, se se quer que o operário receba a taxa de salário que lhe vem da situação conjuntural do mercado, que a lei capitalista se realize e que a tendência depressiva do desenvolvimento económico seja travada, ou mais exactamente, atenuada no seu efeito. Mas querer que os sindicatos consigam reduzir progressivamente o lucro em proveito do salário implica:

1º. Que cesse a proletarização das classes médias e o crescimento numérico da população operária.

2º. Que a produtividade do trabalho deixe de aumentar; no caso de essas condições sociais serem realizadas, tratar-se-ia ainda aqui – tal como para a economia cooperativa de consumo – de um retorno a uma economia anterior ao capitalismo.

Os dois meios com que Bernstein pretendia realizar a reforma socialista, a saber, cooperativas e sindicatos, revelam-se totalmente incapazes de transformar o modo de produção capitalista. Bernstein tinha disso consciência mais ou menos clara, mas encarava-os como meios de reduzir o lucro capitalista e de enriquecer os operários, o que equivalia a renunciar à luta contra o modo de produção capitalista e orientar o movimento socialista numa luta contra o modo de repartição capitalista. O próprio Bernstein definiu por várias vezes o seu socialismo como uma tentativa para introduzir um modo de repartição "justa", "mais justa" (p. 51 do seu livro) e mesmo "ainda mais justa" (Vorwärts, 26 de Março de 1899).

É verdade que o ferrão que atrai para o movimento socialista as massas populares é o modo de repartição "injusta" do regime capitalista. Lutando pela socialização de toda a economia, a social-democracia testemunha simultaneamente a sua aspiração natural e o desejo de uma repartição "justa" da riqueza social. Mas aprendemos com Marx que o modo de repartição de uma determinada época é a consequência natural do modo de produção dessa época: por consequência, a social-democracia intensifica a sua luta não contra o sistema de repartição no quadro da produção capitalista, mas visa suprimir a própria produção mercantil capitalista. Numa palavra, a social-democracia quer estabelecer um modo de repartição socialista suprimindo o modo de produção capitalista, enquanto o método de Bernstein consiste, pelo contrário, em combater o modo de repartição capitalista na esperança de conseguir estabelecer progressivamente, por esse mesmo meio, um modo de produção socialista.

Em que fundamenta Bernstein a reforma socialista? Em algumas das tendências determinadas da produção capitalista? Não, porque: 1º. Nega essas tendências e 2º. conforme sabemos pelo que precede, encara a transformação socialista da produção como a consequência de uma transformação da repartição e não o inverso. Os fundamentos do socialismo de Bernstein não são de ordem económica. Depois de ter invertido por completo a relação entre o objectivo e os meios do socialismo, depois de ter destruído esse fundamento económico, não pode dar ao seu programa um fundamento imperialista, é obrigado a recorrer ao idealismo.

"Para quê fazer derivar o socialismo da opressão económica?", escreve. "Para quê degradar a inteligência, o sentido da justiça, a vontade humana?" (Vorwärts, 26 de Março de 1899) Bernstein pretende que a mais justa repartição que deseja seja realizada não por uma necessidade económica opressiva, mas pela livre vontade do homem, ou melhor, porque a vontade

não passa de um instrumento, pela consciência da injustiça através da ideia de justiça.

Voltamos, pois, ao princípio da justiça, desde há milénios velho cavalo de batalha onde cavalgam os reformadores de todo o mundo, na falta de melhores meios históricos para o progresso, voltamos a esse Rocinante estafado no qual todos os D. Quixotes da história galoparam para a grande reforma do mundo, voltando perplexos e de orelhas caídas.

É este o socialismo de Bernstein, cujo fundamento social são as relações entre os ricos e os pobres, cujo conteúdo é o princípio das cooperativas, cujo objectivo é uma "repartição mais justa" e cuja legitimação histórica é a ideia de justiça. Com quanto mais força, espírito e brio, tinha Weitling defendido, há mais de cinquenta anos, essa espécie de socialismo! Certamente que o genial alfaiate ainda não conhecia o socialismo científico. Ora, para hoje, meio século mais tarde, pôr de pé a sua doutrina despedaçada por Marx e Engels, recoser os bocados e apresentá-Ios ao proletariado alemão

como a última palavra da ciência é preciso outro alfaiate... mas já sem nada de genial.

- (...)

(1908)

Publicamos no número anterior de *Proletari* a resolução do CC sobre os sindicatos. *Nash Viek* 54, ao informar os leitores a respeito, acrescentava que ela havia sido aprovada no CC por unanimidade, pois os mencheviques votaram a favor, em vista das concessões feitas em comparação com o projeto bolchevique inicial. Se essa informação é exata (*Nash Viek*, já desaparecido, destacava-se habitualmente por estar perfeitamente inteirado de tudo quanto se relacionava com o menchevismo), resta-nos apenas saudar de todo o coração o grande passo dado para a unificação do trabalho social-democrata num terreno tão importante como o dos sindicatos. As concessões a que *Nash Viek* se referia, são totalmente insignificantes e não modifiquem em nada os princípios fundamentais do projeto bolchevique (publicado, certamente, no n.º 17 de *Proletari*, de 20 de outubro de 1907, ao mesmo tempo que um longo artigo com a explicação de motivos, intitulado: *Os Sindicatos e o Partido Social-Democrata*).

Por conseguinte, todo nosso Partido reconheceu agora que se deve trabalhar dentro dos sindicatos, não com o espírito de neutralidade desses, mas com o espírito da mais estreita aproximação possível entre os sindicatos e o Partido Social-Democrata. Reconheceu-se também que o caráter político dos sindicatos deve ser alcançado, exclusivamente, através do trabalho dos social-democratas no seio deles, que os social-democratas devem formar dentro dos sindicatos células estreitamente unidas e que é preciso fundar sindicatos ilegais, uma vez que não são possíveis os legais.

Sem dúvida, o Congresso de Stuttgart influiu poderosamente para essa aproximação de ambas frações de nosso Partido na questão relativa ao caráter do trabalho a ser realizado nos sindicatos. Como assinalou Kautsky em seu informe diante dos operários de Leipzig, a resolução do Congresso de Stuttgart põe termo ao reconhecimento da neutralidade

como princípio. O alto grau de desenvolvimento das contradições de classe, seu aguçamento nos últimos tempos em todos os países, a experiência de muitos anos na Alemanha — onde a política de neutralidade acentuou o oportunismo nos sindicatos, sem impedir de maneira alguma que surgissem sindicatos cristãos e liberais —, a ampliação da esfera particular da luta proletária que exige uma ação conjugada e unânime, tanto dos sindicatos como do partido político (greve de massas e insurreição armada na revolução russa, como protótipo das formas prováveis da revolução proletária no Ocidente), tudo isto privou definitivamente de base a teoria da neutralidade.

Entre os partidos proletários não parece que a questão da neutralidade já possa suscitar grandes disputas. O mesmo não ocorre entre os partidos não proletários quase-socialistas, como o de nossos socialistas-revolucionários, que na realidade representam a extrema esquerda do partido revolucionário-burguês dos intelectuais e dos camponeses avançados. É muitíssimo significativo que, depois do Congresso de Stuttgart, somente os socialistas-revolucionários e Plekhânov tenham defendido em nosso país a *idéia* da neutralidade. E defenderam-na com bem pouca sorte.

No último número (de 8 de dezembro de 1907) de *Znamia Truda*, órgão central do partido dos socialistas-revolucionários, encontramos dois artigos consagrados ao movimento sindical. Nêles os socialistas-revolucionários procuram, sobretudo, zombar da afirmação feita pelo jornal social-democrata *Vperiod* 55, de que a resolução de Stuttgart resolveu o problema concernente à atitude do Partido diante dos sindicatos, precisamente do mesmo modo com que o fez a resolução do Congresso de Londres, isto é, no espírito do bolchevismo. Sobre isso diremos que os próprios socialistas-revolucionários, nesse mesmo número de *Znamia Truda*, citavam fatos que constituíam uma demonstração indiscutível da justiça dessa apreciação.

"Foi então — disse *Znamia Truda* referindo-se ao outono de 1905, e isto é significativo — quando se deifrontaram as três frações socialistas russas: os social-democratas mencheviques, os social-democratas bolcheviques, e os esserristas, expondo seus respectivos pontos de vista sobre o movimento sindical. O birô de Moscou, que foi encarregado de designar dentre os seus membros o birô central, a quem caberá convocar o Congresso (dos Sindicatos), organizou um grande comício dos operários filiados aos sindicatos, no teatro Olímpia*. Os mencheviques defenderam a idéia de uma definição

* Aproximadamente mil e quinhentas pessoas assistiram ao comício. Veja-se a resenha no Boletim do Museu do Trabalho, n.º 2 de 26 de novembro de 1905 (a citação é de *Znamia Truda*).

45

marxista clássica e rigorosamente ortodoxa dos fins do Partido e dos sindicatos. "A missão do Partido Social-Democrata consiste em implantar o regime socialista, suprimindo as relações capitalistas; a dos sindicatos consiste em melhorar as condições de trabalho dentro dos marcos do regime capitalista, a fim de conseguir condições de venda da força de trabalho vantajosas para os operários"; daí se pretendia concluir sobre a independência dos sindicatos em relação ao Partido e a necessidade de agrupar neles "todos os operários de cada profissão".

Os bolcheviques demonstraram que, atualmente, a separação entre a política e o movimento sindical não pode ser estabelecida de modo rigoroso, e por isso chegavam à conclusão de que "deve haver uma estreita união entre o Partido Social-Democrata e os sindicatos, que devem ser dirigidos por aquele". Os esserristas, finalmente, exigiram uma rigorosa independência dos sindicatos em relação ao Partido, para evitar a divisão no seio do proletariado, mas rejeitaram qualquer limitação das tarefas e da atividade dos sindicatos a uma esfera estreita, formulando essa tarefa como uma luta contra o capital em toda extensão e, por conseguinte, como uma luta tanto econômica como política".

Assim são os fatos apresentados pelo próprio *Znamia Trudá*. É só um cego ou quem seja absolutamente incapaz de pensar pode negar que desses três pontos de vista, o que fala da estreita união entre o Partido Social-Democrata e os sindicatos "foi confirmado pela resolução de Stuttgart, que recomenda a estreita vinculação entre o Partido e os sindicatos"***.

Para baralhar a questão, clara demais, os esserristas confundiram do modo mais divertido a independência dos sindicatos na luta econômica com sua neutralidade em relação ao Partido. "O Congresso de Stuttgart — escrevem — manifestou-se, também, terminantemente, a favor da independência (neutralidade) dos sindicatos, isto é, rejeitou tanto o ponto de vista dos bolcheviques como o dos mencheviques". Tiram esta conclusão das seguintes palavras da resolução de Stuttgart: "Cada uma dessas duas organizações (o Partido e o sindicato) possui a esfera de ação que lhes é inerente

* É preciso dizer, no entanto, que os senhores mencheviques compreenderam essa "independência em relação ao Partido" de modo bastante original: Seu informante ilustrou suas teses da seguinte maneira: "Um exemplo de solução acertada do problema relativo à atitude diante do Partido é-nos oferecido pelo sindicato de impressores de Moscou, propondo aos camaradas que ingressem individualmente no Partido Social-Democrata". (Nota de *Znamia Trudá*)

** Os mencheviques não expuseram, em novembro de 1905, os pontos de vista ortodoxos da neutralidade, mas os pontos de vista comuns. Que os senhores esserristas tenham isso em mente!

por natureza e nela devem desenvolver seu trabalho com inteira independência. Mas, ao mesmo tempo, existe uma esfera cada vez mais ampla" etc, como foi citado mais acima. Pois bem, há zombadores que confundiram esta reivindicação de "independência" dos sindicatos na "esfera que lhes é inerente por natureza" com a questão da neutralidade dos sindicatos, ou de sua estreita aproximação do Partido no terreno da política e das tarefas da revolução socialista!

Foi assim que nossos esserristas atastaram por completo o problema fundamental de princípio com a apreciação da teoria da "neutralidade", que serve de fato para reforçar a influência da burguesia sobre o proletariado. Em vez de abordar essa questão de princípio, preferiram falar somente das relações específicas da Rússia, onde existem vários partidos socialistas, e mais ainda, falar disso *falseando* o que em realidade ocorreu em Stuttgart. "Não há porque referir-se — escreve *Znamia Trudá* — à nebulosidade da resolução de Stuttgart, pois o senhor Plekhanov dissipou qualquer nebulosidade e toda dúvida ao intervir no congresso internacional como representante oficial do Partido, e, até agora, não temos a declaração correspondente do Comitê Central social-democrata dizendo que "esta intervenção do camarada Plekhanov desorganizava as fileiras do Partido único"...

Senhores esserristas! Vocês, naturalmente, têm direito de fazer ironias porque o nosso CC chamou Plekhanov a ordem. Têm direito de pensar que se pode estimar, por exemplo, um partido que não condena oficialmente as ternuras do senhor Guershuri para com os democratas-constitucionalistas. Mas por que dizer coisas que são evidentemente falsas? Plekhanov não foi ao Congresso de Stuttgart como representante do Partido Social-Democrata, mas sim como um dos 33 delegados deste. E não representava os pontos de vista do Partido Social-Democrata, mas os da atual oposição menchevique com respeito ao Partido Social-Democrata e às decisões de seu Congresso de Londres. Os esserristas não podem pelo menos deixar de saber isto e, portanto, afirmam *categoricamente* uma coisa que não é certa.

"...Na comissão que examinou as relações entre os sindicatos e o partido político, ele (Plekhanov) disse literalmente o seguinte: "Na Rússia existem onze organizações revolucionárias; pois bem, com qual delas os sindicatos devem estabelecer contacto?... Seria prejudicial semear divergências políticas no seio dos sindicatos na Rússia". Diante disto, os membros da comissão declararam unanimemente que não é assim que a resolução do Congresso deve ser compreendida, que eles não impõem de modo algum aos sindicatos e aos seus filiados a obrigação de ser membros do Partido Social-Democrata", isto é, eles, como também é indicado na resolução, exigem a "completa independência dos sindicatos" (a anotação é de *Znamia Trudá*)

Senhores de *Znamia Trudá*, vocês são uns trapalhões! Na comissão, um camarada *belga* perguntou se se podia obrigar os membros dos sindicatos a ingressarem no Partido Social-Democrata, ao que todos responderam negativamente. Por outro lado, Plekhanov apresentou a seguinte emenda à resolução: "Além disso, não podemos perder de vista a unidade da organização sindical"; esta emenda foi aceita, mas não por unanimidade (o camarada Voinov, que representava o ponto de vista do POSDR, votou a favor da emenda e, em nossa opinião, com razão). Assim ocorreram os fatos.

Os social-democratas nunca devem perder de vista a unidade da organização sindical. Isso é perfeitamente justo. Mas isso se refere também aos esserristas, aos quais convidamos a pensar na referida "unidade da organização sindical" quando esta proclama sua estreita ligação com os social-democratas. Quanto à idéia de "impor a obrigação" aos membros dos sindicatos de ingressarem no Partido Social-Democrata, nunca ninguém pensou em tal coisa: o medo é que faz com que os esserristas pensem assim. Porém, é uma invenção afirmar que o Congresso de Stuttgart proibiu aos sindicatos proclamarem sua estreita ligação com o Partido Social-Democrata ou tornar essa ligação praticamente efetiva.

"Os social-democratas russos — diz *Znamia Trudá* — realizam a mais firme e enérgica campanha para conquistar os sindicatos e subordiná-los à direção de seu partido. Os bolcheviques fazem isso de maneira aberta e direta... os mencheviques escolheram um caminho indireto"... Muito bem, senhores esserristas! Em nome da autoridade da Internacional operária, vocês têm o direito de exigir-nos que realizemos esta campanha com tato e discreção, "sem perder de vista a unidade da organização sindical". Nós reconhecemos isto com a maior boa-vontade e exigimos que vocês também o reconheçam, porém não renunciaremos a desenvolver a campanha!

Mas Plekhanov disse que é prejudicial semear divergências políticas no seio dos sindicatos... Sim, Plekhanov disse essa asneira, e, está claro, os senhores esserristas tinham que se agarrar a ela, como se agarram sempre a tudo aquilo que menos deve ser tomado como modelo. Mas o que deve servir de guia não são as palavras de Plekhanov, mas a resolução do Congresso, que *não é possível* ser posta em prática sem "semear divergências políticas". Eis aqui um pequeno exemplo. A resolução do Congresso diz que os sindicatos não devem guiar-se "pela teoria da harmonia de interesses entre o trabalho e o capital". Nós, social-democratas, afirmamos que um programa agrário, que exija uma distribuição igualitária da terra na sociedade burguesa, está baseado na teoria

da harmonia de interesses entre o trabalho e o capital". Sempre nos oporemos a que, em virtude de tal divergência (e inclusive por uma divergência com operários monárquicos), se quebre a unidade numa greve, etc; mas sempre "semearmos esta divergência" nos meios operários em geral e em todas as associações operárias em particular.

Igualmente desonesto é a referência de Plekhanov à existência de onze partidos. Em primeiro lugar, a Rússia não é o único país onde existem diferentes partidos socialistas. Em segundo lugar, na Rússia só existem dois partidos socialistas, que concorrem entre si de certa maneira importante, o social-democrata e o socialista-revolucionário, já que é completamente absurdo atirar no mesmo saco os partidos das diferentes nacionalidades da Rússia. Em terceiro lugar, a unificação dos partidos verdadeiramente socialistas é questão à parte; ao colocá-la, Plekhanov confunde as coisas. Devemos defender sempre, e em todo lugar, a aproximação dos sindicatos ao partido socialista da classe operária, mas determinar qual partido é realmente socialista e realmente da classe operária, num ou noutro país, em tal ou qual nacionalidade, é questão à parte, que não será resolvida por resoluções de congressos internacionais, e sim através da luta entre os partidos das diversas nacionalidades.

O artigo do camarada Plekhanov no número 12 de 1907 de *Sovremenni Mir* demonstra, com extraordinária clareza, até que ponto são errados os seus raciocínios nessa questão. Plekhanov cita na página 55 a observação de Lunatcharski de que a neutralidade dos sindicatos é defendida pelos revisionistas alemães. Plekhanov responde a esta observação: "Os revisionistas dizem que os sindicatos devem ser neutros, mas insinuam com isso que é preciso utilizar os sindicatos para a luta contra o marxismo ortodoxo". E Plekhanov conclui: "A supressão da neutralidade dos sindicatos não servirá para nada. Se colocamos os sindicatos inclusive em estreita dependência formal do Partido, mas no Partido triunfa a "ideologia" dos revisionistas, a supressão da neutralidade dos sindicatos não será senão uma nova vitória dos "críticos de Marx".

Esse pensamento representa um exemplo do costume, tão habitual em Plekhanov, de fugir ao problema e obscurecer a essência da discussão. Se, efetivamente, triunfasse no Partido a ideologia dos revisionistas, não seria ele um partido socialista da classe operária. O x da questão não se encontra de modo algum em como se forma um tal partido, que luta

* Agora, inclusive, alguns esserristas compreenderam isto e, portanto, deram um passo decidido para o marxismo. Veja-se o novo livro, muito interessante, dos camaradas Firsov e Iakobia, do qual logo falaremos detalhadamente aos leitores de *Proletari* 56.

47

e que divisões nele ocorrerão. O x da questão está em que existem em cada país capitalista um partido socialista e certos sindicatos, e nossa tarefa consiste em determinar as relações fundamentais entre eles. Os interesses de classe da burguesia originam, inevitavelmente, o esforço em circunscrever os sindicatos à atividade miúda e estreita no marco do atual regime, em afastá-los de qualquer vinculação com o socialismo, e a teoria da neutralidade é a cobertura ideológica desse ato da burguesia. Os revisionistas no seio dos partidos social-democratas sempre abrirão caminho para si, de um ou de outro modo, na sociedade capitalista.

Naturalmente, na fase primária do movimento operário político e sindical da Europa, podia-se defender a neutralidade dos sindicatos, como meio de ampliar a base inicial da luta proletária, numa época em que ela estava relativamente pouco desenvolvida e não existia uma influência burguesa sistemática sobre os sindicatos. Atualmente, do ponto de vista da social-democracia internacional já é completamente inoportuno pregar a neutralidade dos sindicatos. Só se pode sorrir lendo a afirmação de Plekhanov de que "Marx, hoje defenderia na Alemanha a neutralidade dos sindicatos", sobretudo quando esse argumento se baseia em uma interpretação unilateral de certa "citação" de Marx, fazendo caso omisso de todo o conjunto das afirmações de Marx e de todo o espírito de sua doutrina.

"Pronuncio-me a favor da neutralidade, compreendida no sentido que lhe dá Bebel, e não como os revisionistas a entendem", escreve Plekhanov. Falar assim equivale a escudar-se em Bebel, sem deixar por isso de cair no charco. Não se pode nem mesmo dizer que Bebel seja tão grande autoridade no movimento internacional do proletariado, um dirigente prático tão experimentado, um socialista tão sensível em relação às exigências da luta revolucionária, que em noventa e nove por cento dos casos saiu do charco quando deu algum tropeção dele retirando, além disso, todos aqueles que quiseram segui-lo. Bebel equivocou-se quando, em Breslavo (em 1895), defendeu junto com Wollmar o programa agrário dos revisionistas, quando insistiu (em Essen) na diferença de princípio entre guerra defensiva e ofensiva e quando esteve disposto a transformar em princípio a "neutralidade" dos sindicatos. Acreditamos de bom grado que, se Plekhanov caísse no charco, mas pela mão de Bebel, isso não lhe ocorreria freqüentemente e por muito tempo. Acreditamos, no entanto, que não se deve imitar a Bebel quando Bebel se equivoca.

Diz-se — e Plekhanov insiste particularmente nisso — que a neutralidade é necessária para unir todos os operários que chegam a compreender a necessidade de melhorar sua

situação material. Mas os que dizem isso esquecem que a fase atual de desenvolvimento das contradições de classe se-meia, inevitável e infalivelmente, "divergências políticas" mesmo na questão relativa a como se deve conseguir essa melhora dentro da sociedade contemporânea. A teoria da neutralidade dos sindicatos, diferentemente da teoria sobre a necessidade de estreita vinculação deles à social-democracia revolucionária, conduz inevitavelmente a preferir meios para alcançar esta melhora e que equivalem a amortecer a luta de classes do proletariado. Um exemplo patente disso (relacionado, certamente, com a valorização de um dos episódios mais interessantes do movimento operário moderno) é-nos dado por esse mesmo caderno de *Sovremenni Mir* onde Plekhanov defende a neutralidade. Junto com Plekhanov vemos aqui o senhor E.P., que louva o conhecido líder dos operários ferroviários ingleses Richard Bell, o qual, através de acordo, pôs fim a um conflito entre os operários e os diretores das companhias. Bell é "a alma de todo o movimento operário ferroviário". "Não há nenhuma dúvida — escreve o senhor E.P. — de que, graças à sua tática serena, pensada e prudente, Bell conquistou a confiança absoluta da associação de empregados de estradas de ferro, cujos membros estão dispostos, sem vacilação, a segui-lo por toda parte." (pág. 75, n.º 12 de *Sovremenni Mir*) Esse ponto de vista não é casual, mas está vinculado na realidade ao neutralismo, que apresenta em primeiro lugar a união dos operários para melhorar a sua situação, e não a união para uma luta capaz de servir à causa da emancipação do proletariado.

Mas esse ponto de vista não corresponde nem mesmo ao critério dos socialistas ingleses, que, sem dúvida, ficariam surpresos se soubessem que os apologistas de Bell escrevem, sem encontrar objeções, na mesma revista em que colaboram mencheviques notórios como Plekhanov, Iordanski e Cia.

O jornal social-democrata inglês *Justice*, em editorial de 16 de novembro, escrevia a propósito do acordo de Bell com as companhias ferroviárias: "Estamos completamente de acordo com a condenação quase geral de que foi objeto por parte das trade-unions o chamado convênio de paz". "O referido convênio põe abaixo por completo a própria razão de ser das trade-unions". "Este convênio absurdo... não pode ser manietar os operários, que agirão bem se o rejeitarem". E no número seguinte, de 23 de novembro, Berniet escrevia sobre isso em artigo intitulado *Uma Nova Traição!*: "Há três semanas, a associação de empregados de estradas de ferro era uma das trade-unions mais poderosas da Inglaterra; agora está convertida numa sociedade de ajuda mútua". "E essa mudança não ocorreu porque os ferroviários tivessem

48

lutado e sofrido uma derrota, e sim porque os seus líderes, premeditadamente ou por ignorância, venderam-na aos capitalistas antes de desencadear a luta". E a redação do jornal acrescenta que recebeu uma carta análoga de um "operário assalariado da companhia ferroviária Midland".

Trata-se talvez de "exageros" de social-democratas "demasiado revolucionários"? Não. *Labour Leader*, órgão do Partido Trabalhista Independente (ILP), tão moderado que nem sequer deseja intitular-se socialista, incluiu em seu número de 15 de novembro carta de um ferroviário trade-unionista, que em resposta aos elogios feitos a Bell por toda a imprensa capitalista (começando pelo radical *Reynolds News-Paper* e terminando pelo conservador *Times*), dizia que o convênio feito por ele é "o mais desprezível que se registra na história do trade-unionismo", e qualificava Richard Bell de "marchal Bazaine do movimento trade-unionista". No mesmo número, outro ferroviário pede que "se responsabilize Bell" por esse infeliz convênio, "que condena os operários a sete anos de trabalhos forçados". E a redação desse jornal moderado, em artigo de fundo do mesmo número, chama o convênio de "o Sedã do movimento trade-unionista britânico". "Jamais houve uma ocasião tão propícia para demonstrar na área nacional a força do trabalho organizado": entre os operários reinava um "entusiasmo extraordinário" e o desejo de luta. O artigo termina fazendo uma sarcástica comparação entre a miséria dos operários e o ar triunfal "do senhor Lloyd-George (ministro que desempenhou o papel de laçoio dos capitalistas) e do senhor Bell, que andam preparando banquetes".

Os únicos que *aprovaram* o convênio foram os oportunistas mais extremados, os fabianos, organização puramente intelectual, fazendo corar de vergonha inclusive a revista *The New Age*, que simpatiza com os fabianos e foi obrigada a reconhecer que, se, de um lado, o jornal burguês conservador *Times* reproduziu integralmente a correspondente declaração do Comitê Central dos fabianos, de outro, à exceção desses, "nem uma só organização socialista, nem uma só trade-union, nem um só líder destacado dos operários" (pág. 101, número de 7 de dezembro) se pronunciou a favor do convênio.

Eis aí um modelo de aplicação da neutralidade por um colaborador plekhanovista, o senhor E.P. Não se tratava de "divergências políticas", mas da melhoria da situação dos operários na sociedade atual. A favor de uma "melhoria" à custa de renunciar à luta e de entregar-se à mercê do capital, manifestaram-se toda a burguesia da Inglaterra, os fabianos, e o senhor E.P.: a favor da luta coletiva dos operários,

pronunciaram-se todos os socialistas e os operários trade-unionistas. Continuará, agora, Plekhanov pregando a "neutralidade" em lugar da estreita aproximação dos sindicatos ao Partido Socialista?

Proletari, n.º 22, (3 de março) 19 de fevereiro de 1908. Encontra-se in Obras, t. XIII, pág. 422/431.

49

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura no seminário 1:

- Relação Partido- Sindicato para o Marxismo

TROTSKY (1923)

Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas

Este artigo foi escrito em resposta ao camarada Louzon⁽¹⁾, imediatamente após o Quarto Congresso Mundial da Internacional Comunista⁽²⁾. Porém, naquele momento, prestava-se mais atenção à luta contra a direita socialista, contra a última leva de dissidentes, Verfeuil, Frössard⁽³⁾ etc. Nessa luta, uníamos nossos esforços – o que continuamos fazendo – aos dos sindicalistas, e eu preferi adiar a publicação deste artigo. Estamos firmemente convencidos de que continuaremos nos entendendo perfeitamente com os sindicalistas revolucionários. O ingresso do nosso velho amigo Monatte⁽⁴⁾ no Partido Comunista significou para nós uma grande alegria. A revolução precisa de homens como ele. Mas seria um erro compensar um *rapprochement* [reaproximação, n. ed.] com uma confusão de ideias. No curso dos últimos meses o Partido Comunista Francês depurou-se e se conso-

1 – Louzon, Robert (1882). Sindicalista revolucionário, membro do Partido Comunista Francês nessa época. Ele e Monatte logo seguiram o mesmo caminho e terminaram no grupo *Révolution Proletarienne*. Trotsky deixara temporariamente de lado suas diferenças com Monatte e Louzon para concentrar seus esforços na luta contra Frössard.

2 – Quarto Congresso Mundial da Internacional Comunista. Novembro/dezembro de 1922. Nesse congresso Trotsky informou sobre a crise do partido francês.

3 – Frössard, Louis Olivier (1889–1946). Centrista de esquerda. Secretário do Partido Comunista Francês depois de 1920, renunciou em 1923 e voltou ao Partido Socialista. Deixou o PS em 1935 para ser Ministro do Trabalho. Foi ministro dos governos da Frente Popular e do primeiro governo de Pétain.

4 – Monatte, Pierre (1881–1960). Sindicalista revolucionário, fundou *Vie Ouvrière* em 1909. Um dos primeiros a opor-se à Primeira Guerra Mundial. Uniu-se ao Partido Comunista Francês em 1923, para deixá-lo um ano mais tarde. Fundou *Révolution Proletarienne* em 1924 e a Liga Sindicalista em 1926.

lidou; portanto agora podemos entrar numa discussão tranquila e fraternal com nossos camaradas sindicalistas, ao lado de quem temos muitas tarefas a cumprir e muitas batalhas a ganhar.

O camarada Louzon, numa série de artigos e explicações pessoais, expôs, no que diz respeito à questão fundamental das relações entre o partido e os sindicatos, posições que diferem radicalmente das da Internacional e do marxismo. Camaradas franceses, cuja opinião costumam respeitar, sentem grande estima pelo camarada Louzon e por sua devoção ao proletariado. Por isso torna-se mais necessário corrigir os erros que ele cometeu numa questão tão importante. O camarada Louzon defende a independência completa e incondicional dos sindicatos. Contra o quê? Obviamente contra certos ataques. De quem? Contra ataques atribuídos ao Partido. A independência dos sindicatos, uma necessidade indiscutível, adquire para ele um significado absoluto e quase místico. E nosso camarada apela, equivocadamente, a Marx.

Os sindicatos, diz Louzon, representam "toda a classe operária". O partido, no entanto, é apenas um partido. Não se pode sequer equipará-los. "A classe operária tem seu fim em si mesma." O partido, por sua vez, somente pode servir à classe operária ou subordinar-se a ela. Consequentemente, o partido não pode "incorporar-se" à classe operária. O fato de que, até o último Congresso de Moscou, a Internacional Comunista estivesse representada na Internacional Sindical Vermelha⁽⁵⁾ e vice-versa, significava, de acordo com Louzon, uma equiparação entre a classe e o partido. Agora, abolida essa representação, o partido reassume seu papel de servente, e isso o camarada Louzon aprova. Para ele, essa era também a posição de Marx. Que às internacionais política e sindical já não estejam representadas uma na outra significa, para Louzon, a recusa dos erros de Lassalle (!)⁽⁶⁾ e dos social-democratas (!) e um retorno aos princípios do marxismo.

5 - *Internacional Sindical Vermelha*. Conhecida também como *Profintern*, sigla de suas iniciais em russo. Foi fundada em Moscou em 1921, em oposição à federação operária internacional reformista ("amarela"), com sede central em Amsterdã.

6 - *Lassalle*, Ferdinand (1825-1864). Socialista alemão, Organizou a União Geral de Operários Alemães em 1863. Sua fusão com os seguidores de Marx na Alemanha conduziu, finalmente, à constituição do Partido Social-democrata.

Essa é a essência de um artigo que apareceu em *Vie Ouvrière*⁽⁷⁾ de 7 a 15 de dezembro. O que mais chama a atenção nesse e noutros artigos similares é que o autor está fechando, óbvia, consciente e decididamente, os olhos ao que realmente ocorre na França. Seria de se supor que o artigo foi escrito na estrela Sírio. De que outra forma poderia compreender a afirmação de que os sindicatos representam "toda a classe operária"? De que país está se falando? Caso esteja se referindo à França, pelo que sabemos, ali os sindicatos não contêm, infelizmente, nem a metade da classe operária. As manobras criminosas dos sindicalistas reformistas, apoiados à esquerda por alguns anarquistas, romperam a organização sindical francesa. Nenhuma das confederações sindicais abarca mais de 300 mil operários. Nem separadas nem juntas se justifica que sejam identificadas com todo o proletariado francês, do qual constituem somente uma modesta parcela. E, mais do que isso, cada sindicato segue uma política diferente. A confederação sindical reformista (*Confédération Générale du Travail* — CGT) coopera com a burguesia; a Confederação Geral do Trabalho Unitária (*Confédération Générale du Travail Unitaire* — CGTU) é, por sorte, revolucionária. Nessa última organização, Louzon representa apenas uma tendência. O que ele quer dizer então, quando afirma que a classe operária, a qual ele identifica obviamente com a organização sindical, tem um fim em si mesma? Com a ajuda de quem e como a classe operária francesa expressa seus fins? Com a ajuda da organização de Jouhauz?⁽⁸⁾ Certamente não. Com a ajuda da CGTU? A CGTU prestou-lhe grandes serviços, porém, infelizmente, ainda não é toda a classe operária. Por fim, para não omitir nada, não faz muito tempo a CGTU era dirigida pelos anarco-sindicalistas do "Pacto"⁽⁹⁾. Atualmente seus dirigentes são sindicalistas comunistas. Em qual destes

7 - *Vie Ouvrière*. Ver nota 4.

8 - *Jouhauz*, Léon (1870-1954). Dirigente da *Confédération Générale du Travail* (CGT), da qual foi secretário-geral de 1921 até a Segunda Guerra Mundial. Sindicalista social-patriota durante a Primeira Guerra, foi contrário à Revolução Russa. Para Trotsky, era a personificação do colaboracionismo de classes.

9 - O "Pacto". Assinado por dezoito anarquistas e semianarquistas em fevereiro de 1921, sua existência manteve-se em segredo. Impregnados do espírito de franco-maçonaria e de "sindicalismo puro", seus assinantes tentavam ganhar o movimento sindical francês para opor-se à influência dos comunistas. Ao ser descoberto algum tempo antes do congresso de fundação (junho de 1922) da *Confédération Générale du Travail Unitaire* (CGTU) armou-se grande agitação. O Pacto não conseguiu seu objetivo, já que a CGTU elegeu uma direção comunista e comunista-sindicalista.

dois períodos a CGTU representou melhor os interesses da classe operária? Quem pode julgá-lo? Se tentássemos responder a essa pergunta agora, valendo-nos da experiência internacional de nosso partido, cometeríamos, para Louzon, um pecado mortal, porque estaríamos pretendendo que o partido julgue qual política é mais benéfica para a classe operária. Vale dizer, estaríamos colocando o partido acima da classe. Mas, se quiséssemos dirigir-nos a toda a classe operária, infelizmente a encontraríamos dividida, impotente, muda. Os diversos setores da classe, organizados em diferentes confederações, em diferentes grupos dentro de um mesmo sindicato, nos darão respostas diversas. Porém, a esmagadora maioria do proletariado, que continua fora das duas confederações, não nos dará, atualmente, nenhuma resposta.

Não existe nenhum país no qual a organização sindical abarque toda a classe operária, embora em alguns compreenda pelo menos um vasto setor. Não é esse, porém, o caso da França. Se, como coloca Louzon, o partido não deve "incorporar-se" à classe operária (o que quer dizer realmente este termo?), por que razão então ele outorga esse direito ao sindicalismo? Louzon poderia responder: "Nossa organização sindical ainda é muito débil. Mas não temos dúvidas quanto ao seu futuro e à sua vitória final." A isso responderíamos: "É certo, nós também compartilhamos dessa convicção. Mas não temos dúvida de que o partido ganhará a confiança incondicional da grande maioria da classe trabalhadora."

Não se trata, nem para o partido nem para os sindicatos, de "incorporar-se" ao proletariado (é muito ruim que Louzon empregue a terminologia utilizada por nossos opositores em sua luta contra a revolução), mas sim de ganhar a confiança do proletariado. E isso só pode ser conseguido mediante táticas corretas, comprovadas pela experiência. Quem prepara consciante, cuidadosa e criticamente essas táticas? Quem as propõe à classe operária? Seguramente que não caem do céu. E o conjunto da classe operária, como "coisa em si", também não nos ensina essas táticas. Parece-nos que o camarada Louzon não pensou nisto.

"O proletariado tem seu fim em si mesmo." Se despojarmos essa frase de seus "adornos" místicos, seu significado óbvio será que as tarefas históricas do proletariado estão determinadas por sua locali-

zação social como classe e seu papel na produção, na sociedade e no estado. Quanto a isso não há dúvida. Mas essa verdade não nos ajuda a resolver o problema que nos preocupa, isto é, como o proletariado chegará à *compreensão subjetiva* da tarefa histórica que lhe coloca, sua situação objetiva? Se o proletariado, como classe, fosse capaz de compreender imediatamente sua tarefa histórica, não seriam necessários nem o partido nem os sindicatos. A revolução teria nascido, simultaneamente, com o proletariado. Pelo contrário, o processo mediante o qual o proletariado compreende sua missão histórica é longo e penoso, e está repleto de contradições internas.

Somente através de prolongadas lutas, de duras provas, de muitas vacilações e de uma ampla experiência, os melhores elementos da classe operária, da vanguarda das massas, atingem essa compreensão. Isso se aplica tanto ao partido como aos sindicatos. Também os sindicatos começam com um pequeno grupo de operários ativos e crescem gradualmente, à medida que sua experiência lhes permite ganhar a confiança das massas. Porém, enquanto as organizações revolucionárias lutam para ganhar influência sobre a classe operária, os ideólogos burgueses contrapõem "a totalidade da classe operária" não só ao partido da classe operária, mas também a suas organizações sindicais, às quais acusam de querer "incorporar" a classe. É o que diz *Le Temps*⁽¹⁰⁾ quando há uma greve. Em outras palavras, os ideólogos burgueses contrapõem a classe operária como objeto à classe operária como sujeito consciente. Porque é somente através de sua minoria com consciência de classe que a classe operária converte-se em fator histórico. Vemos então que as críticas colocadas pelo camarada Louzon às "pretensões injustificadas do partido" podem aplicar-se igualmente às "pretensões injustificadas" dos sindicatos. Sobretudo na França, já que o sindicalismo francês - é preciso repetir - foi e é, organizativa e teoricamente, igual a um partido. Foi assim que chegou, durante seu período clássico (1905-1907), à teoria da "minoria ativa", e não à do "proletariado coletivo". E o que é uma minoria ativa, ligada pela unidade de suas ideias, senão um partido? Por outro lado, uma

10 - *Le Temps*. Importante diário francês. Apareceu entre a I e a II Guerra Mundial, como porta-voz semioficial do governo. Muito corrupto, foi fechado depois da Segunda Guerra por sua colaboração com os fascistas.

52

organização sindical de massa que não contivesse uma minoria ativa com consciência de classe não seria uma organização sem sentido e puramente formal?

Que o sindicalismo francês era um partido ficou totalmente confirmado com a ruptura que sofreu tão logo apareceram divergências políticas em suas fileiras. Mas o partido do sindicalismo revolucionário sente a mesma aversão que toda a classe operária francesa pelos partidos em geral. Por isso não assumiu o nome de *partido* e se mantém incompleto quanto à sua organização. É um partido que tentou diluir seus membros na associação sindical, ou pelo menos abrigar-se nos sindicatos. Explica-se, então, a subordinação real dos sindicatos a certas tendências, frações e até camarilhas. Também se explica o "Pacto", caricatura maçônica de partido no seio da organização sindical. E vice-versa: a Internacional Comunista combateu firmemente a divisão do movimento sindical francês, isto é, sua conversão em partidos sindicalistas. A consideração principal do Partido Comunista foi a tarefa histórica da totalidade da classe operária e a enorme importância que como tal tem a organização sindical na resolução das tarefas do proletariado. Nesse aspecto defendeu, desde o início, no espírito do marxismo, a independência real e viva dos sindicatos.

O sindicalismo revolucionário, que foi em muitos aspectos o precursor do comunismo atual na França, adotou a teoria da minoria ativa, vale dizer, do partido, mas sem converter-se abertamente num partido. Impediu assim que os sindicatos se transformassem numa organização senão da "totalidade da classe operária" (o que não é possível num sistema capitalista) mas, pelo menos, de amplas massas. Os comunistas não temem a palavra "partido", porque seu partido não tem, nem terá, nada em comum com os outros partidos. Seu partido não é um dos partidos políticos do sistema burguês; é a minoria ativa e com consciência de classe do proletariado, sua vanguarda revolucionária. Por isso os comunistas não têm nenhuma razão – nem ideológica, nem organizativa – para se esconder atrás dos sindicatos. Não os utilizam para maquinações de bastidor. Não os rompem quando estão em minoria. Não perturbam de nenhuma forma o desenvolvimento independente dos sindicatos e apoiam suas lutas com todas as suas forças. Mas, ao mesmo tempo, o Partido Comunista se reserva o direito de expressar suas opiniões sobre todos os problemas do movi-

mento operário, inclusive sobre os sindicatos, de criticar as táticas dos sindicatos e de fazer-lhes propostas definidas que estes, por seu lado, são livres para aceitar ou rejeitar. O partido trata de ganhar a confiança da classe operária e sobretudo do setor organizado dos sindicatos.

O que significam as citações de Marx, às quais recorre o camarada Louzon? É certo que Marx escreveu em 1868 que o partido operário sairia dos sindicatos. Quando escrevia isso pensava principalmente na Inglaterra, que era o único país capitalista desenvolvido e que já possuía vastas organizações operárias. Desde então já se passou meio século. A experiência histórica confirmou a profecia de Marx no que diz respeito à Inglaterra. O Partido Trabalhista inglês se construiu realmente sobre a base dos sindicatos. Mas o camarada Louzon acredita que o Partido Trabalhista inglês atual, com a direção de Henderson e Clynes, pode ser considerado autenticamente representativo dos interesses da totalidade do proletariado? Decididamente não. O Partido Trabalhista trai a causa do proletariado na Grã-Bretanha do mesmo modo que o faz a burocracia sindical; se bem que na Inglaterra os sindicatos estejam mais próximos de representar o conjunto da classe operária do que em qualquer outro lugar. Por outro lado, não podemos duvidar de que nossa influência comunista crescerá nesse Partido Trabalhista inglês surgido dos sindicatos, e de que isso contribuirá para a agudização das lutas entre as massas e seus dirigentes dentro dos sindicatos, até que os burocratas traidores sejam expulsos e o Partido Trabalhista seja transformado e regenerado totalmente. E nós, assim como o camarada Louzon, pertencemos a uma Internacional à qual o Partido Comunista inglês adere, mas que combate a Segunda Internacional à qual o Partido Trabalhista inglês – que teve sua origem nos sindicatos – apoia.

Na Rússia – e, no que concerne às leis do desenvolvimento capitalista, a Rússia é a antípoda da Grã-Bretanha – o Partido Comunista, que originalmente foi o partido social-democrata, é anterior aos sindicatos e os criou. Os sindicatos e o Estado operário da Rússia estão, hoje em dia, totalmente sob a influência do Partido Comunista, que não teve de modo nenhum sua origem nos sindicatos, mas que, pelo contrário, os criou e preparou. O camarada Louzon diria que a Rússia evoluiu em contradição com o marxismo? Não é mais simples dizer que a colocação de Marx sobre a origem do partido nos sindicatos foi

53

reafirmada pela experiência da Inglaterra – e, nem sequer ali, em cem por cento – mas que Marx nunca teve a menor intenção de firmar uma lei que ele mesmo chamara uma vez, com desdém, de “supra-histórica”? Os demais países da Europa, incluída a França, encontram-se, neste aspecto, entre a Rússia e a Grã-Bretanha. Em alguns países os sindicatos são anteriores ao partido, noutros deu-se o caso contrário. Mas em nenhum, salvo na Inglaterra, e parcialmente na Bélgica, o partido do proletariado surgiu dos sindicatos. De toda forma, dos sindicatos não surgiu nenhum partido comunista orgânico. Devemos tirar a conclusão de que toda a Internacional Comunista teve um nascimento ilegítimo?

Quando os sindicatos ingleses apoiavam alternadamente os conservadores e os liberais, tornando-se, em certa medida, um apêndice sindical desses partidos; quando a organização política dos operários alemães não era mais que a ala esquerda do partido democrático; quando os seguidores de Lassalle e Eisenach⁽¹¹⁾ brigavam entre si, então Marx reclamava a independência dos sindicatos de todo partido. Essa fórmula estava ditada pelo desejo de contrapor as organizações operárias a todos os partidos burgueses e de impedir que se ligassem muito estreitamente às seitas socialistas. Mas o camarada Louzon deve ter esquecido que o próprio Marx fundou a Primeira Internacional, cujo objetivo era guiar em todo sentido o movimento operário de todos os países e fazê-lo frutífero. Foi em 1864, e a Internacional criada por Marx *era um partido*. Marx não quis esperar que o partido internacional da classe operária se formasse sozinho de algum modo a partir dos sindicatos. Fez tudo o que pôde para fortalecer dentro dos sindicatos a influência das ideias do socialismo científico, as quais se expressaram pela primeira vez em 1847, no *Manifesto Comunista*. Quando Marx reclamava a total independência dos sindicatos de todos os partidos e seitas existentes, vale dizer, de todos os partidos e seitas burguesas e pequeno-burguesas, fazia-o com o objetivo de facilitar ao socialismo científico seu predomínio nos sindicatos. Marx nunca considerou o partido do socialismo científico como um a mais dentre

11 – Eisenach. Wilhelm Liebknecht e August Bebel, seguidores de Marx na Alemanha, fundaram o Partido Operário Social-democrata em 1869 em Eisenach, em oposição à União Geral de Operários Alemães, lassallista. Lassallistas e eisenachenses uniram finalmente seus movimentos em 1875 numa convenção celebrada em Gotha. Ver nota 6.

tantos partidos políticos existentes (parlamentares, democráticos etc.). Para Marx, a Internacional era a classe operária consciente, representada neste momento por uma vanguarda ainda muito pequena.

Se o camarada Louzon fosse coerente com sua metafísica sindical e sua interpretação de Marx, diria: “Renunciemos ao Partido Comunista e esperemos que ele se forme a partir dos sindicatos.” Na realidade, a única possibilidade de que os atuais sindicatos franceses recuperem sua unidade e conquistem uma influência majoritária sobre as massas está na organização de seus melhores elementos como vanguarda revolucionária consciente do proletariado, ou seja, num Partido Comunista. Marx não deu nenhuma resposta definitiva ao problema das relações entre o partido e os sindicatos, nem poderia fazê-lo. Essas relações dependem de circunstâncias que variam em cada caso. Se o partido e a confederação sindical têm uma representação mútua em seus Comitês Centrais, ou se formam comitês de ação conjunta quando é necessário, essa questão não tem maior importância. Podem mudar as formas organizativas, mas o papel fundamental do partido continua constante. O partido, para merecer esse nome, deve incluir toda a vanguarda da classe operária e usar sua influência ideológica para fazer frutificar todas as manifestações do movimento operário, especialmente o movimento sindical. Mas, para que as organizações sindicais mereçam esse nome, devem abranger uma massa crescente de operários, e entre eles muitos elementos atrasados. Somente cumprirão sua missão caso se guiem conscientemente por princípios firmemente estabelecidos. E somente podem conseguir essa direção se seus melhores elementos estiverem unidos no partido da revolução proletária.

A recente depuração do Partido Comunista Francês, que de um lado livrou-o de pequeno-burgueses chorosos, heróis de salão, Hamlets políticos e carreiristas repugnantes e, de outro, produziu o *rapprochement* dos comunistas e dos sindicalistas revolucionários, significa um grande avanço em direção ao estabelecimento de relações adequadas entre as organizações sindicais e a organização política da classe operária, o que por sua vez é um grande avanço em direção à revolução.

23 de março de 1923

TROTSKY - (1923)

Outra vez os preconceitos anarco-sindicalistas!

O novo artigo do camarada Louzon⁽¹²⁾ contém mais erros que os anteriores, apesar de sua linha principal de argumentação desta vez seguir um caminho totalmente diferente.

Em seus artigos anteriores partia de abstrações que supunham que os sindicatos representavam o "conjunto da classe operária". Em minha resposta levantei a seguinte dúvida: "Onde o camarada Louzon escreve seus artigos, na França ou na estrela Sírio?" Em seu último artigo abandonou o frágil suporte das leis universais e tentou apoiar-se no terreno nacional do sindicalismo francês. Disse que os sindicatos franceses não são realmente o conjunto da classe trabalhadora, mas sim uma minoria ativa. Ou seja, o camarada Louzon reconhece que os sindicatos são uma espécie de partido revolucionário. Mas esse partido sindicalista distingue-se por ser puramente proletário em sua constituição. Essa é sua grande vantagem sobre o Partido Comunista. Além disso, tem outras vantagens: o partido sindicalista repele categoricamente as instituições estatais burguesas, não "reconhece" a democracia e portanto não toma parte nas lutas parlamentares.

O camarada Louzon não se cansa de repetir que nos referimos unicamente às particularidades do desenvolvimento francês. Havia começado com uma ampla generalização em que convertera Marx em um sindicalista, agora deixa de lado a Inglaterra, Rússia e Alemanha. Não responde a nossa pergunta sobre os motivos por que pertence

¹² - O novo artigo de Louzon. Ver *International Press Correspondence*, 14 de junho de 1923.

VS

à Internacional Comunista, em companhia do minúsculo Partido Comunista Inglês, e não à Segunda Internacional, apoiada pelos sindicatos e Partido Trabalhista ingleses. Louzon começou por uma lei "supra-histórica" para todos os países e terminou reclamando uma lei excepcional para a França. E, mais ainda, seu caráter exclui a possibilidade de uma Internacional: como podem ser discutidas táticas comuns se não há premissas fundamentais comuns? É muito difícil entender por que o camarada pertence à Internacional Comunista. Não menos difícil é entender por que pertence ao Partido Comunista Francês, havendo outro que tem todas as suas vantagens e nenhuma de suas desvantagens.

Agora, apesar de o camarada Louzon deixar o plano internacional para ater-se ao nacional, ignora sistematicamente a questão "nacional" que lhe foi colocada em nosso primeiro artigo: que papel cumpriu a CGT⁽¹³⁾ durante a guerra? O papel de Jouhaux não foi menos desprezível e traidor que o de Renaudel⁽¹⁴⁾. A única diferença consistiu no fato de que o partido social-patriótico demonstrava certa sistematização em suas posições e em seus atos, enquanto os sindicalistas patriotas atuavam de forma puramente empírica e justificavam suas ações com miseráveis e estúpidas improvisações. Seria possível dizer que, quanto à tradição patriótica, o Partido Socialista, devido a sua definição, superava o semidefinido partido sindicalista. No fundo, Renaudel e Jouhaux eram o mesmo. E agora? Louzon deseja a união das duas confederações? Nós sim. A Internacional considera essa união necessária. Sequer ficaríamos alarmados se essa união desse a maioria a Jouhaux. Claro que não diríamos (como faz Louzon) que o sindicalismo é, ainda que encabeçado por Jouhaux, Dumoulin, Merrheim e companhia⁽¹⁵⁾, a forma mais pura de organização proletária,

13 - CGT - *Confédération Générale du Travail* (Confederação Geral do Trabalho), a confederação sindical reformista dirigida por Jouhaux.

14 - *Renaudel*, Pierre (1871-1935). Braço direito do dirigente socialista Jean Jaurès até 1914. Editor social patriota de *L'Humanité* durante a I Guerra Mundial. Depois dirigente da ala direita do Partido Socialista.

15 - *Jouhaux ... e companhia*: Para Jouhaux, ver nota 8. *Dumoulin*, Georges (1877-1963). Centrista durante a I Guerra Mundial, uniu-se depois a Jouhaux e à ala direita. Teve cargos sindicais antes da II Guerra Mundial, quando colaborou com o governo de Vichy. *Merrheim*, Alphonse (1871-1923). Partidário de Jouhaux, em 1917 lutou contra os revolucionários e permaneceu na ala direita da CGT depois da divisão de 1921.

ria, que abarca "o conjunto da classe operária" etc., etc. Seria uma tergiversação dos fatos. Mas considerariamos que a formação de organizações operárias mais amplas, quer dizer, a concentração de massas proletárias maiores, que correspondam a um campo de batalha mais vasto para a luta pelas táticas e ideias do comunismo, é uma grande vitória para a causa da revolução. O que primordialmente se necessita para isso é que as ideias e táticas do comunismo não estejam no ar, mas sim organizadas sob a forma de um partido. Quanto ao camarada Louzon, não é coerente até o fim com suas propostas, caso contrário sua conclusão lógica deveria ser a substituição do partido por uma organização sindical da "minoría ativa". O resultado inevitável disso seria a substituição do partido e do sindicato, já que esses sindicatos que o camarada Louzon propõe são demasiado indefinidos como partidos e demasiado pequenos para sindicatos.

Os argumentos do camarada Louzon, a respeito de os sindicatos não quererem se manchar no contato com as organizações da democracia burguesa, fazem um débil eco ao anarquismo. Pode-se supor que a maioria dos operários organizados na CGTU votarão nas eleições pelo Partido Comunista (ao menos esperamos que o camarada Louzon, como membro do Partido Comunista, os chame a fazê-lo), enquanto a maioria dos membros da confederação amarela votarão pelo partido de Blum-Renaudel⁽¹⁶⁾. O sindicato, como forma organizativa, não se adapta à luta parlamentar, mas os operários organizados nos sindicatos terão igualmente seus deputados. É um simples caso de divisão do trabalho dentro de uma mesma classe. Ou acaso é indiferente aos operários franceses o que se passa no parlamento? Eles não pensam assim. Os sindicatos têm reagido muitas vezes diante do trabalho legislativo do parlamento e continuarão reagindo no futuro. E se, ao mesmo tempo, há legisladores comunistas no parlamento que trabalhem ombro a ombro com os sindicatos revolucionários, contra os atos de violência e os golpes da "democracia" imperialista, isto é uma vantagem e não uma desvantagem. A "tradição" francesa diz que os deputados são traidores. Mas o Partido Comunista Francês foi criado para acabar com essa tradição. Se algum deputado se afasta da

16 - O partido de *Blum-Renaudel*. O Partido Socialista. *Léon Blum* (1872-1950) era editor do principal jornal socialista, *Le Populaire*. Depois das eleições de 1936 foi primeiro-ministro do primeiro governo da Frente Popular. Para Renaudel, ver nota 14.

56

linha classista, será expulso do partido. Nosso partido francês aprendeu a fazê-lo, e a desconfiança é totalmente infundada.

Louzon queixa-se de que o partido tem muitos intelectuais pequeno-burgueses. Está certo. Mas o IV Congresso da Internacional Comunista o reconheceu e adotou uma resolução a respeito que não deixou de ter seu efeito. Há muito mais por fazer para consolidar o caráter proletário do partido. Mas não conseguiremos esse fim mediante a contraditória metafísica sindicalista do camarada Louzon, e sim com um trabalho partidário sistemático no terreno sindical e nos aspectos da luta proletária. Já existe um número considerável de operários no Comitê Central de nosso partido francês. Isso se reflete em todo o partido. A mesma tendência se segue, de acordo com as resoluções do IV Congresso, nas eleições parlamentares e municipais. O partido ganhará assim a confiança do proletariado revolucionário. Isso significa que o partido sofrerá cada vez menos a falta de proletários ativos e competentes que ocupem os postos revolucionários mais importantes e de maior responsabilidade. Receio que as posições do camarada Louzon exerçam uma influência negativa sobre essa profunda evolução progressiva da vanguarda da classe operária francesa. Mas não duvido de que o comunismo superará esse obstáculo, como todos os demais.

Moscou, 8 de maio de 1923

57

TROTSKY (1929)

Comunismo e sindicalismo

O problema dos sindicatos é um dos mais importantes para o movimento operário e portanto também para a Oposição. Se esta não tem uma posição clara sobre os sindicatos não poderá ganhar uma influência real sobre a classe operária. Por isso quero propor aqui, para discussão, algumas considerações sobre a questão sindical:

1 - O Partido Comunista é a ferramenta fundamental para a ação revolucionário do proletariado, a organização de combate de sua vanguarda que deve se erigir em direção da classe operária em todos os âmbitos de sua luta, sem exceção, e portanto também no campo sindical.

2 - Aqueles que, em princípio, contrapõem a autonomia sindical à direção do Partido Comunista estão contrapondo - queiram ou não - o setor proletário mais atrasado com a vanguarda da classe operária; a luta pelas conquistas imediatas com a luta pela completa libertação dos trabalhadores; o reformismo com o comunismo; o oportunismo com o marxismo revolucionário.

3 - O sindicalismo francês anterior à guerra, na época de seu surgimento e sua expansão, ao lutar por sua autonomia sindical lutava, na verdade, por sua independência do governo burguês e seus partidos, entre eles o socialismo reformista-parlamentar. Essa foi uma luta contra o oportunismo levada de maneira revolucionária.

Nesse sentido, o sindicalismo revolucionário não tornou um fetiche a autonomia das organizações de massa. Pelo contrário, compreendeu e elogiou o papel dirigente da minoria revolucionária em relação às organizações de massa, que refletem a classe operária com

58

todas as suas contradições, seu atraso e suas debilidades.

4 - A teoria da minoria ativa era essencialmente uma teoria incompleta do partido operário. Em toda sua prática o sindicalismo revolucionário era um embrião de partido revolucionário, em oposição ao oportunismo; quer dizer, era um notável precursor do comunismo revolucionário.

5 - A debilidade do anarco-sindicalismo, ainda em seu período clássico, era a falta de uma base teórica correta, o que resultava numa compreensão errônea da natureza do estado e de seu papel na luta de classes, assim como numa concepção incompleta, não totalmente desenvolvida e portanto equivocada, do papel da minoria revolucionária, ou seja, do partido. Daí seus erros táticos, como o fetichismo da greve geral, o desconhecimento da relação entre a insurreição e a tomada do poder etc.

6 - Depois da guerra, o sindicalismo francês encontrou no comunismo sua refutação, assim como seu desenvolvimento e sua plena realização. Tentar reviver agora o sindicalismo revolucionário seria querer fazer retroceder a história. Semelhante tentativa só pode ser reacionária para o movimento operário.

7 - Os epígonos⁽¹⁷⁾ do sindicalismo transformam (nas palavras) a independência das organizações sindicais da burguesia e dos socialistas reformistas em independência em geral, em independência absoluta de todos os partidos, incluindo o comunista. Se em seu momento de expansão o sindicalismo considerava-se uma vanguarda e lutava pela hegemonia da minoria da vanguarda sobre as massas atrasadas, os epígonos do sindicalismo lutam agora contra idênticas intenções da vanguarda comunista, tentando, ainda que sem êxito, basear-se no pouco desenvolvimento e nos preconceitos dos setores mais atrasados da classe operária.

8 - A independência da influência da burguesia não pode ser um estado passivo. Somente se expressa mediante atos políticos, ou seja, mediante a luta contra a burguesia. Essa luta deve inspirar-se em um programa claro, que requer organização e táticas para sua aplicação. A união do programa, da organização e das táticas formam o partido. Nesse sentido, a verdadeira independência do proletariado em rela-

17 - Epígonos. Discípulos que corrompem os ensinamentos de seu mestre.

ção ao governo burguês não pode se concretizar a não ser que avance sua luta sob a condução de um partido revolucionário e não de um partido oportunista.

9 - Os epígonos do sindicalismo queriam nos fazer acreditar que os sindicatos são autossuficientes. Isso teoricamente não quer dizer nada, mas na prática significa a dissolução da vanguarda revolucionária na retaguarda das massas, ou seja, nos sindicatos.

Quanto mais amplas são as massas que os sindicatos abrangem, melhor eles cumprem sua missão. Um partido operário, ao contrário, se prestigia somente se for ideologicamente homogêneo, ligado pela unidade de ação e de organização. Pretender que os sindicatos são autossuficientes porque o proletariado já alcançou sua "maioridade" é adular o proletariado, afirmando-lhe ser algo que ele não é e nem pode ser sob o capitalismo - que mantém no atraso e na ignorância a enorme massa de operários -, permitindo somente à vanguarda a possibilidade de superar as dificuldades e chegar a uma clara compreensão das tarefas do conjunto de sua classe.

10 - A autonomia real, prática e não metafísica, da organização sindical não se vê perturbada nem diminuída, um mínimo que seja, pela batalha do Partido Comunista para influir sobre os sindicatos. Todo membro do sindicato tem direito a votar como melhor lhe pareça e a escolher o que julgar melhor. Os comunistas, como os demais, gozam destes direitos.

Que os comunistas ganhem a maioria nos órgãos diretivos está totalmente de acordo com o princípio de autonomia, ou seja, de autoadministração dos sindicatos. Por outro lado, nenhum estatuto sindical pode impedir ou proibir que o partido eleja como membro de seu Comitê Central o secretário da Confederação do Trabalho, já que aqui entramos inteiramente no domínio da autonomia partidária.

11 - É certo que os comunistas se submetem nos sindicatos, sem importar o posto que ocupem, à disciplina partidária. Isso não exclui, mas pressupõe, sua submissão à disciplina sindical. Em outras palavras: o partido não lhes impõe nenhuma linha de conduta que contradiga a predisposição nem as opiniões da maioria dos membros dos sindicatos. Em casos inteiramente excepcionais, quando o partido considera impossível o acatamento, por parte de seus membros, de alguma decisão reacionária do sindicato, assinala abertamente a seus

membros as consequências que isso acarreta: separação dos cargos, expulsões etc.

Nessas questões, com fórmulas jurídicas (e a autonomia é uma forma puramente jurídica) não se chega a nada. Deve-se colocar o essencial do problema, e o essencial é a política sindical. A uma política incorreta deve-se opor uma política correta.

12 - O caráter da influência do partido, suas formas e seus métodos podem diferir profundamente de acordo com as condições gerais de um determinado país ou o seu nível de desenvolvimento.

Nos países capitalistas, onde o Partido Comunista não tem nenhum meio de coerção, é óbvio que somente pode exercer a liderança através dos comunistas que sejam membros ou funcionários dos sindicatos.

O número de comunistas que ocupam cargos de direção nos sindicatos nada mais é do que um dos meios para medir a influência do partido. O parâmetro mais importante é a porcentagem de comunistas em relação ao total de sindicalizados. Mas o principal critério é a influência geral do partido sobre a classe operária, que se mede pela circulação da imprensa comunista, a concorrência a atos do partido, o número de votos nas eleições e, o que é especialmente importante, o número de operários e operárias que respondem ativamente aos chamados do partido à luta.

13 - Está claro que a influência geral do Partido Comunista crescerá, inclusive nos sindicatos, quanto mais revolucionária se torne a situação.

Essas condições permitem uma apreciação do grau e da forma da verdadeira autonomia, real e não metafísica, dos sindicatos. Em tempos de "paz", quando as formas mais militantes de ação sindical consistem em greves econômicas isoladas, o papel direto do partido na ação sindical passa a um segundo plano. Geralmente o partido não toma uma decisão sobre cada greve isolada. Ajuda o sindicato a decidir sobre se a greve é oportuna, mediante sua informação econômica e política e seus conselhos. Colabora com cada greve mediante a agitação etc. Mas o primeiro lugar na greve certamente corresponde ao sindicato.

A situação muda radicalmente quando a mobilização eleva-se à greve geral ou inclusive a uma luta direta pelo poder. Nessas

condições o papel de direção do partido passa a ser direto, aberto e imediato. Os sindicatos (naturalmente os que não passam para o outro lado da barricada) convertem-se em aparelhos organizativos do partido, que aparece, perante toda a classe, como líder da revolução e assume toda a responsabilidade. Entre a greve econômica parcial e a insurreição revolucionária há toda uma gama de possíveis relações entre o partido e os sindicatos, vários graus de influência direta e imediata etc.

Mas, quaisquer que sejam as condições, o partido trata de ganhar influência, contando com a autonomia dos sindicatos, os quais (cabe repetir) não estão "submetidos" a ele organizativamente.

14 - Os fatos demonstram que não há, em lugar nenhum, sindicatos politicamente "independentes". Nunca houve. A experiência e a teoria nos dizem que nunca haverá. Nos Estados Unidos, os aparelhos sindicais estão diretamente ligados ao plano maior da indústria e dos partidos burgueses. Na Inglaterra, antes apoiavam geralmente aos liberais, agora formam a base material do Partido Trabalhista. Na Alemanha, marcham sob a bandeira da social-democracia. Na República Soviética, sua direção corresponde aos bolcheviques. Na França, uma das organizações sindicais segue aos socialistas e outra aos comunistas. Na Finlândia, dividiram-se há pouco tempo: uns vão para a social-democracia e outros para o comunismo. E assim em todas as partes.

Os teóricos da "independência" do movimento sindical até agora não se deram ao trabalho de se colocar esta pergunta: por que sua palavra de ordem não se torna realidade em nenhum lugar mas, pelo contrário, a dependência dos sindicatos em relação a um partido é, sem exceção, cada vez mais evidente e aberta em todas as partes? Isso corresponde diretamente às características da época imperialista, que desnuda todas as relações de classe e, inclusive dentro do proletariado, acentua as contradições entre sua aristocracia e os setores mais explorados.

15 - A expressão mais acabada desse sindicalismo fora de época é a chamada Liga Sindicalista (*Ligue Syndicaliste*). Por suas características, aparece como uma organização política que busca subordinar o movimento sindical à sua influência. Concretamente recruta seus membros segundo o método dos grupos políticos e não o dos

sindicatos. Tem uma plataforma, não um programa, e a defende em suas publicações. Tem sua própria disciplina interna dentro do movimento sindical. Nos congressos das Confederações seus partidários atuam como fração política, do mesmo modo que os comunistas. Em poucas palavras: a tendência da Liga Sindicalista se reduz à luta por tirar ambas as Confederações da direção de socialistas e comunistas e uni-las sob a direção do grupo de Monatte. A Liga não atua abertamente em nome do direito da minoria mais avançada de lutar para estender sua influência sobre as massas atrasadas e da necessidade de que isso ocorra. Apresenta-se sob o disfarce do que chama a "independência" sindical. Nesse sentido aproxima-se do Partido Socialista, que também exerce sua liderança ocultando-se atrás da frase "independência do movimento sindical". O Partido Comunista, ao contrário, diz abertamente à classe operária: eis meu programa, minhas táticas e minha política, é o que proponho aos sindicatos.

O proletariado não deve acreditar às cegas em nada. Deve julgar cada partido e cada organização por seu trabalho. Os operários devem desconfiar duplamente dos aspirantes a dirigentes que atuam disfarçadamente, pretendendo lhes fazer acreditar que não necessitam de nenhuma direção.

16 – Não se deve negar a um partido político o direito de lutar para ganhar influência nos sindicatos, mas deve-se colocar uma dúvida: em nome de que programa e de que tática luta essa organização? Nesse sentido, a Liga Sindicalista não oferece as garantias necessárias. Seu programa é extremamente amorfo, da mesma forma que suas táticas. Em suas avaliações atua por reação ante os fatos. Ao mesmo tempo em que aceita a revolução proletária, e inclusive a ditadura do proletariado, ignora o partido e luta contra a influência comunista, sem a qual a revolução proletária será sempre uma expressão vazia.

17 – A ideologia da independência sindical não tem nada em comum com as ideias e sentimentos do proletariado como classe. Se o partido, por meio de sua direção, é capaz de garantir uma política correta, clara e firme nos sindicatos, não ocorrerá a nenhum operário rebelar-se contra a direção do partido. Prova disso é a experiência histórica dos bolcheviques.

Isso se aplica também à França, onde os comunistas obtiveram

1 milhão e 200 mil votos nas eleições, enquanto a Confederação Geral do Trabalho Unitária (organização central dos sindicatos vermelhos) não reúne mais que a terça ou quarta parte dessa cifra. Está claro que, quaisquer que sejam as condições, a bandeira abstrata de independência nunca surgirá das massas. A burocracia sindical é outra coisa. Não somente tem certos cuidados profissionais quanto à burocracia partidária, mas tende a tornar-se independente também do controle da vanguarda do proletariado. A bandeira da independência é, por suas próprias bases, uma bandeira burocrática, e não de classe.

18 – Sob o fetiche da "independência", a Liga Sindicalista converte em fetiche também a unidade sindical.

É importante reafirmar que manter a unidade das organizações sindicais tem enormes vantagens, tanto do ponto de vista das tarefas diárias do proletariado como da luta do Partido Comunista para estender sua influência sobre as massas. Mas a realidade nos mostra que, a partir dos primeiros êxitos da ala revolucionária dos sindicatos, os oportunistas tomaram deliberadamente o caminho da ruptura. Estes gostam mais das relações pacíficas com a burguesia do que da unidade do proletariado. Essa é a única conclusão que se pode tirar da experiência do pós-guerra.

De qualquer modo, a nós comunistas interessa demonstrar aos operários que a responsabilidade pela ruptura dos sindicatos recai inteiramente sobre a social-democracia. Mas daí não se pode concluir que a fórmula vazia da unidade seja mais importante para nós que as tarefas revolucionárias da classe operária.

19 – Passaram-se oito anos desde o rompimento sindical na França. Durante esse tempo ambas as organizações ligaram-se definitivamente a partidos políticos mortalmente hostis. Em tais condições, seria alimentar esperanças vãs pretender unificar o movimento sindical mediante um simples chamado à unidade. Declarar que sem a unificação prévia das duas organizações não só não é possível a revolução mas tampouco uma séria luta de classes significa fazer depender da corrupta camarilha sindical dos reformistas o futuro da revolução.

Na realidade o futuro da revolução não depende da fusão dos dois aparelhos sindicais, mas sim da unificação da maioria da classe operária.

luta ao redor de bandeiras e métodos de luta revolucionários.

Atualmente a unificação da classe operária só é possível mediante a luta contra os colaboracionistas de classe (partidários da coalizão), que se encontram não apenas nos partidos políticos mas também nos sindicatos.

20 – O verdadeiro caminho para a unidade revolucionária passa pelo desenvolvimento, aperfeiçoamento, crescimento e pela consolidação da revolucionária CGTU e pelo enfraquecimento da reformista CGT.

Não se exclui, ao contrário, é muito provável, que no momento da revolução o proletariado francês entre na luta com duas confederações: uma que reúna as massas e outra a aristocracia operária e a burocracia.

21 – A nova oposição sindical, obviamente, não quer avançar no caminho do sindicalismo. Ao mesmo tempo rompe com o partido (não com determinada direção mas com o partido em geral). Isso significa, objetivamente, que se desarma a si mesma e cai nas posições do gremialismo ou do sindicalismo.

22 – A oposição sindical tem diferentes variantes. Mas caracteriza-se por alguns traços comuns que não a aproximam da Oposição de Esquerda. Ao contrário, tornam-na mais distante e oposta. Não luta contra os atos arbitrários e os métodos incorretos da direção comunista, mas contra a influência comunista na classe operária. Não luta contra a caracterização ultrasquerdista da situação e de sua evolução, mas atua, na realidade, contra as perspectivas revolucionárias em geral. A oposição sindical não luta contra os métodos caricaturescos do antimilitarismo, mas coloca uma orientação pacifista. Em outras palavras, a oposição sindical está evoluindo num sentido claramente reformista.

23 – É totalmente incorreto afirmar que – contrariamente ao que sucedeu na Alemanha, Checo-eslováquia e em outros países – não se constituiu nos últimos anos, na França, uma ala direita no campo revolucionário. O que ocorre é que a Oposição de Direita francesa, negando a política revolucionária do comunismo, assumiu, conforme as tradições do movimento operário francês, um caráter sindicalista, ocultando desse modo sua fisionomia política. Na verdade, a maioria da oposição sindical representa a ala direita, do mesmo

modo que o grupo de Brandler⁽¹⁸⁾ na Alemanha, ou os sindicalistas checos, que adotaram uma posição claramente reformista depois do rompimento.

24 – Seria possível objetar que as considerações precedentes seriam corretas só se correta fosse a política do Partido Comunista. Essa objeção é infundada. A relação entre o partido, que representa o proletariado como deveria ser, e os sindicatos, que o representam tal como é, é o problema fundamental do marxismo revolucionário. Seria um verdadeiro suicídio excluir a única resposta principista possível a essa questão somente porque o Partido Comunista, sob influências objetivas e subjetivas de que já falamos mais de uma vez, esteja concretizando uma política incorreta nos sindicatos, assim como em outros campos. A uma política incorreta se opõe uma política correta. Com esse objetivo a Oposição de Esquerda se constituiu em fração. Caso se considere que todo o Partido Comunista Francês está numa situação irremediável ou sem esperanças de recuperar-se – coisa que nós não acreditamos –, deve-se opor a ele outro partido. Mas isso não muda em nada a questão da relação entre o partido e a classe.

A Oposição de Esquerda afirma que é impossível influir no movimento sindical, ajudá-lo a encontrar uma orientação correta, imbuí-lo de bandeiras adequadas, senão através do Partido Comunista (ou, no momento, de uma fração) que é, além de seus outros atributos, o principal laboratório ideológico da classe operária.

25 – Entenda-se bem: a tarefa do Partido Comunista não consiste somente em ganhar influência nos sindicatos tais como são, mas em ganhar, através dos sindicatos, influência na maioria da classe operária. Isso somente é possível se os métodos que o partido emprega nos sindicatos correspondem à natureza e às tarefas destes. A luta pela influência do partido no sindicato tem sua verificação objetiva no fato de eles prosperarem ou não e no aumento do número de seus membros, além de suas relações com as massas. Se o partido paga por sua influência nos sindicatos o preço de estes limitarem seu alcance ou de fracioná-los (convertendo-os em auxiliares do partido para fins

18 – O grupo de Brandler. Seguidores de Heinrich Brandler, dirigente do Partido Comunista Alemão expulso em 1928-1929, quando o Comintern empreendeu seu zigzague ultrasquerdista. Os brandleristas tinham laços internacionais com o grupo americano de Lovestone e outros anti-gos colaboradores de Bukharin, ou seja, com a Oposição de Direita do movimento comunista.

momentâneos ou impedindo-os de transformarem-se em autênticas organizações de massas), as relações entre o partido e a classe andam mal. Não é necessário tratarmos aqui as causas de semelhante situação. Fizemos isso mais de uma vez e o fazemos todos os dias. A inconstância da política comunista oficial reflete sua tendência aventureira de converter-se em senhores da classe operária no menor tempo possível, por meio de malabarismos, maquinações, uma agitação superficial etc.

Todavia o modo de sair desta situação não é contrapor os sindicatos ao partido (ou à fração), mas lutar implacavelmente para mudar toda a política do partido, inclusive a sindical.

26 – A Oposição de Esquerda deve relacionar, indissolavelmente, os problemas do movimento sindical aos da luta política do proletariado. Deve oferecer uma análise concreta do nível atual de desenvolvimento do movimento operário francês. Deve fazer uma avaliação, tanto quantitativa como qualitativa, do movimento grevista atual e de suas perspectivas em relação às perspectivas do desenvolvimento econômico francês. É desnecessário dizer que está completamente descartada a possibilidade de uma estabilização e uma paz capitalista que durem décadas. Isso se deve a uma caracterização de nossa época como revolucionária. Surge da necessidade de uma preparação oportuna do proletariado de vanguarda ante as mudanças abruptas que são não apenas prováveis mas inevitáveis. Quanto mais firme e implacável seja sua ação contra as fanfarronadas supostamente revolucionárias da burocracia centrada, contra a histeria política que não leva em conta as condições objetivas, que confunde hoje com ontem ou com amanhã, mais firme e decididamente é preciso se opor à direita que toma suas críticas e oculta-se atrás delas para infiltrar-se no marxismo revolucionário.

27 – Outra definição nova dos limites? Novas polêmicas? Novos rompimentos? Assim se lamentarão as almas boas, mas cansadas, que queriam transformar a Oposição em um tranquilo retiro onde alguém possa descansar, em paz, das grandes tarefas, preservando intacto o nome de "revolucionário de esquerda". Não! dizemos a esses espíritos cansados; não seguimos o mesmo rumo. A verdade nunca foi a soma de pequenos erros. Uma organização revolucionária não pode nunca se compor de pequenos grupos conservadores, que

o que primeiro procuram é diferenciar-se uns dos outros. Há épocas em que a tendência revolucionária se vê reduzida a uma pequena minoria dentro do movimento operário. Mas o que essas épocas exigem não é fazer acordos entre pequenos grupos, tapando-se mutuamente os pecados, mas, ao contrário, uma luta duplamente implacável por uma perspectiva correta e uma educação dos quadros no espírito do autêntico marxismo. Somente assim é possível a vitória.

28 – Quanto ao autor destas linhas, deve admitir que a ideia que tinha; quando foi deportado da União Soviética, sobre o grupo de Monatte manifestou-se demasiado otimista e portanto falsa. Durante muitos anos não teve a oportunidade de seguir as ações desse grupo. Julgou por velhas recordações. As divergências não apenas mostraram-se mais profundas, mas também mais agudas do que havia suposto. Os últimos acontecimentos provaram, sem sombra de dúvida, que a Oposição comunista da França não poderá avançar sem uma clara e precisa definição ideológica da linha do sindicalismo. As teses propostas são um primeiro passo para essa definição, que é o prelúdio de uma luta vitoriosa contra a charlatanice revolucionária e contra a essência oportunista de Cachin, Monmousseau e Cia.⁽¹⁹⁾

14 de outubro de 1929

19 – Cachin, Monmousseau e Cia. Marcel Cachin (1869–1958), ardente social-patriota durante a I Guerra Mundial; passou para o comunismo em 1920. Convertiu-se num firme stalinista e manteve-se como editor de *L'Humanité* até a morte. Casimir Monmousseau (1883–1960), antigo sindicalista revolucionário, transformou-se em comunista e dirigente da CGTU e num stalinista ferrenho.

Trotsky (1933)

Os sindicatos em face do ataque econômico da contrarrevolução

Toda a história moderna atesta que o proletariado não é nada sem as suas organizações de classe.

Ao mesmo tempo, a experiência mostra que as organizações operárias podem se tornar um obstáculo para a luta revolucionária. Mais de uma vez o movimento proletário foi esmagado por essa contradição. O exemplo mais trágico é a catástrofe da Alemanha, na qual as principais organizações, cada uma a seu modo, paralisaram o proletariado de cima e o tornaram indefeso ao fascismo.

O Partido Comunista se coloca o objetivo levar o proletariado ao poder, e só pode realizar sua missão revolucionária conquistando a maioria do proletariado e, conseqüentemente, suas organizações de massa, principalmente os sindicatos.

O partido deve travar sua luta para ganhar influência nos sindicatos de tal modo que não pare as tarefas imediatas da organização de massas, que não as quebre, nem produza nos operários a impressão de que os comunistas desorganizam o movimento da classe. Os princípios orientadores dessa luta estão delineados no Manifesto Comunista, desenvolvidos na teoria e na prática do movimento operário e encontraram sua mais alta expressão na obra do bolchevismo.

O partido é a nata da classe, sua elite revolucionária. O sindicato inclui amplas massas de trabalhadores, de diferentes níveis. Quanto mais amplas as massas que abrange, mais se aproxima o sindicato de alcançar seus objetivos. Mas, na medida em que a organização ganha em amplitude, ela perde em profundidade. As tendências oportunistas, nacionalistas e religiosas que fluem nos sindicatos e em suas direções mostram que elas não apenas reúnem a vanguarda, mas também uma pesada retaguarda. Assim, as fraquezas dos sindicatos surgem do que os torna fortes. A luta contra o oportunismo nos sindicatos significa basicamente trabalhar persistentemente e pacientemente para unir aquela retaguarda com a vanguarda.

Aqueles que separam os operários revolucionários dos sindicatos, que constroem, paralelamente às organizações de massa, sindicatos revolucionários, "puros" (segundo o termo irônico usado por Lenin) mas pequenos e, portanto, fracos, não resolvem a tarefa histórica, mas eles se recusam a resolvê-lo; pior ainda, eles impedem a luta para ganhar influência na classe operária.

Os organizadores deste congresso fazem parte da Internacional Sindical Vermelha, que é de oposição. A história dessas organizações é a da violação criminal dos princípios do marxismo na arena sindical. A Internacional Sindical Vermelha nada mais é que um partido comunista, ou parte de um partido comunista, com outro nome. Esta organização não vincula o partido aos sindicatos; pelo contrário, separa-o deles. Sua fraqueza numérica não lhe permite substituir os sindicatos no campo da mobilização de massa, nem pode influenciar de fora, pois aparece como uma organização hostil, e em oposição aos sindicatos.

Para justificar a política da Internacional Sindical Vermelha, assim como a do social-fascismo, a burocracia stalinista apela para o fato de que a liderança dos sindicatos alemães se mostrou disposta a agir como o laçao de Hitler, como no passado foi para os Hohenzollern. Apontando o papel abjeto de Leipart and Co., os stalinistas franceses se opõem à fusão das duas organizações sindicais na França. Aceitam a unidade com uma única condição: a liderança dos sindicatos conjuntos deve estar nas mãos de combatentes revolucionários, não de traidores.

Com isso, os stalinistas demonstram mais uma vez que, como os Bourbons franceses, eles não aprenderam nada nem esqueceram de nada. Eles exigem receber organizações de massa com líderes revolucionários pré-fabricados, e condescendem em participar desses sindicatos. Em outras palavras, eles esperam que os outros realizem a tarefa histórica que deveria ser o objetivo fundamental de seu próprio trabalho.

Os líderes dos sindicatos alemães, como os sindicatos ingleses e norte-americanos e os sindicatos reformistas franceses, são (como Rosa Luxemburgo disse há muitos anos) "os maiores canalhas do mundo". A tarefa mais importante do Comintern foi, desde a sua fundação, expulsar os canalhas dos sindicatos. Mas, quando se tratou de cumprir essa tarefa, a burocracia stalinista demonstrou sua bancarrota total.

O fato de a Organização Sindical Vermelha não ter passado para o lado de Hitler constitui um mérito puramente negativo que, em geral, não corresponde a ostentação nas fileiras revolucionárias. Mas sua impotência, a impotência do PC alemão, a impotência do Comintern, reside precisamente em que os canalhas como Leipart e

Cia. continuam à frente dos sindicatos de massa. Quanto à Organização Sindical Vermelha, antes dos grandes acontecimentos, já havia provado ser um castelo de cartas.

O lugar dos comunistas está nos sindicatos. Eles devem entrar neles com bandeiras dobradas ou ao vento, para atuar em ambientes fechados ou ao ar livre, de acordo com as condições políticas e policiais vigentes no país. Mas eles devem agir, e não ficar de braços cruzados.

Em relação a sua participação no movimento sindical, os comunistas geralmente não podem exigir condições da classe operária ou da burocracia reformista. Se a classe operária compreendesse antecipadamente as vantagens da política comunista, não toleraria a presença de traidores reformistas à frente de suas organizações. Por sua vez, a burocracia reformista persegue consistentemente o objetivo de manter os comunistas fora dos sindicatos e, portanto, rejeita qualquer condição que possa facilitar seu trabalho minimamente. O revolucionário proletário não inventa ultimatoss arrogantes, mas absurdos, para justificar sua deserção do sindicato; penetra nele, salvando todas as barreiras e obstáculos. O comunista não finge que os burocratas sindicais criam condições favoráveis para o seu trabalho; ele as cria gradualmente, na medida em que ele adquire influência dentro do sindicato.

O fato de que este congresso, que pede a preparação da resistência à investida do capital e do fascismo, tenha sido chamado por organizações que são sectárias em princípio (as organizações alemãs, polonesas e italianas afiliadas à ISV) nos obrigam a levantar com mais força ainda nosso apelo a todos os autênticos comunistas,

65

para lutar contra os métodos fatais da burocracia stalinista, que isolam a vanguarda proletária e fecham o caminho para a vitória.

Camaradas comunistas, operários conscientes! Introduzi no campo do sindicalismo a plena vigência dos princípios do marxismo, formulados pelos quatro primeiros congressos do Comintern! Limpai a poeira stalinista dos seus sapatos! Voltai para o caminho de Marx e Lenin! Só esse caminho leva adiante!

(Declaração dos Representantes da Oposição de Esquerda (Bolchevique-Leninistas) no Congresso contra o Fascismo, 30 de março de 1933, Trotsky, Escritos, Volume IV, Volume 2, Editorial Pluma, Bogotá, 1976, páginas 251 a 255).

66

Extrato do texto "Greve de Massas, Partido e Sindicatos" de ROSA LUXEMBURGO, publicado em 1906

(...)

A especialização de sua atividade profissional como líderes sindicais, bem como seu horizonte naturalmente estreito, que num período calmo decorre das lutas econômicas fragmentadas, levam facilmente os funcionários sindicais a uma concepção burocrática e obtusa⁵⁵. Ambos se manifestam em toda uma série de tendências, que podem tornar-se fatídicas para o futuro do próprio movimento sindical. Disso faz parte, sobretudo, a sobrevalorização da organização, que aos poucos se transforma de meio para determinado fim, em fim em si, em um bem maior, ao qual são submetidos os interesses da luta {repetidamente}⁵⁶.

⁵⁵ Ledição: e uma determinada parte

⁵⁶ Ledição: eles são, ainda que inseparáveis de certos malefícios, decerto inquestionáveis

⁵⁷ Ledição: e uma certa estreiteza.

⁵⁸ Ledição: incluído "devem ser".

Daí também se explica aquela conhecida e confessa necessidade de repouso, que recua diante de um risco maior e de supostos perigos à existência dos sindicatos, diante da incerteza de ações de massas maiores, e enfim, a superestimação do modo de luta sindical propriamente dito, de suas expectativas e de seus sucessos. Os líderes sindicais, continuamente absorvidos pela luta econômica cotidiana, cuja tarefa consiste em tornar plausível para as massas trabalhadoras o elevado valor da conquista econômica por menor que seja, todo aumento salarial ou redução do tempo de trabalho, chegam gradualmente ao ponto em que eles mesmos perdem de vista os nexos

maiores e o panorama da situação geral. Apenas assim é que se pode explicar que os⁵⁷ líderes sindicais alemães, por exemplo, apontem com tanta satisfação as conquistas dos últimos quinze anos, os milhões de marcos em aumentos salariais, em vez de, inversamente, enfatizar o outro lado da medalha: o enorme rebaixamento do nível de vida dos proletários causado pelo preço extorsivo do pão, por toda uma política alfandegária e tributária, pelo usurário de terras que elevou de maneira tão exorbitante os aluguéis, em resumo, por todas aquelas tendências objetivas da política burguesa, que em grande parte voltam a tornar ilusórias⁵⁸ aquelas conquistas de quinze anos de lutas sindicais. Em vez de mostrarem *toda* a verdade social -democrata, que acentuando a necessidade absoluta do trabalho atual, coloca o peso maior na *crítica* e nos limites desse trabalho, apoiam assim uma *meia verdade* sindical, de modo que apenas se destaque o que há de positivo na luta diária. E, por fim, a ocultação dos limites objetivos postos pela ordem social burguesa à luta sindical transforma -se numa hostilidade direta contra toda e qualquer crítica teórica que aponte para esses limites em conexão com os objetivos finais do movimento operário. A bajulação incondicional e o otimismo ilimitado tornam -se obrigação de todo "amigo do movimento sindical". Mas dado que a posição social -democrata consiste

justamente em combater o otimismo sindical acrítico, bem como em combater o otimismo parlamentar acrítico, acaba -se por fazer frente contra a própria teoria social -democrata: os sindicalistas procuram às apalpadelas uma "nova teoria", isto é, uma teoria que, em oposição à teoria social -democrata, abrisse perspectivas ilimitadas de ascensão econômica à luta sindical, no terreno da ordem capitalista. Na verdade, uma teoria desse tipo já existe há bastante tempo: trata -se da teoria do Prof. *Sombart*, que foi construída com o intuito expresso de colocar uma cunha entre os sindicatos e a social -democracia na Alemanha, e atrair os sindicatos para o terreno burguês.

(...)

⁵⁷ Ledição: que alguns.

⁵⁸ Ledição: anular.

Extrato do texto "Greve de Massas, Partido e Sindicatos" de ROSA LUXEMBURGO, publicado em 1906

(...)

Encontra-se numa parte dos líderes sindicais, em conexão estreita com essa mudança teórica, uma mudança na relação do líder com a massa. No lugar da direção colegiada, sem salário, de uma agitação sindical feita por puro idealismo por meio de comissões locais dos próprios companheiros, entra a direção técnica regular, burocrática de funcionários sindicais, na maioria das vezes enviados de fora.

Com a concentração dos fios do movimento em suas mãos, também a competência em questões sindicais se torna sua especialidade profissional. A massa dos companheiros é degradada à incompetência, seu dever é sobretudo aceitar a "disciplina", ou seja, a obediência passiva. Em oposição à social-democracia, onde, contrariamente à fábula tendenciosa da "ditadura de Bebel", reina de fato o maior democratismo através da elegibilidade e da administração colegiada, onde a direção do partido é de fato apenas um órgão administrativo, existe nos sindicatos, em muito maior medida, a relação da autoridade com a massa subjugada⁵⁹. A melhor expressão desse ponto de vista é em especial a argumentação segundo a qual toda crítica teórica das perspectivas e possibilidades da prática sindical deve ser proibida, porque supostamente representa um perigo para a devoção da massa em relação aos sindicatos. Decorre deste ponto de vista que só uma fé cega e infantil na salvação da luta sindical pode conquistar a massa trabalhadora para a organização e nela mantê-la. Em oposição à social-democracia, que baseia sua influência justamente no discernimento da massa sobre as contradições da ordem vigente e de toda a complicada natureza de seu desenvolvimento, no comportamento crítico da massa em todos os momentos e estágios da própria luta de classes, a influência e o poder dos sindicatos, de acordo com essa teoria⁶⁰, estão fundados na falta de crítica e de julgamento da massa. "Deve-se manter a fé do povo" - é esse o fundamento, a partir

59 L. edição: Em conexão estreita com essa mudança teórica encontra-se uma mudança na relação do líder com a massa. Em lugar da liderança colegiada constituída por comissões locais, com suas insuficiências indubitáveis, entra a liderança empresarial do funcionário sindical. Desse modo, a iniciativa e a capacidade de julgamento tornam-se, por assim dizer, sua especialidade profissional, enquanto a massa cega, sobrecarregada de virtude mais passiva da disciplina. Esses lados sombrios do funcionalismo decorrem também perigos significativos para o partido, que facilmente se dá ao partir da renovação, da nomeação de secretários locais do partido, se a massa social-democrata não considerar que os citados secretários são apenas simples órgãos executivos e não os responsáveis pela iniciativa e pela liderança da vida partidária local. Mas na social-democracia, pela natureza das coisas, pelo caráter da própria luta política, o burocratismo tem limites mais estreitos que na vida sindical. Aqui justamente a especialização técnica das lutas salariais, por exemplo, a aprovação de complicados acordos salariais e similares, contribui para que a massa dos organizados frequentemente se retire a uma visão geral da vida profissional e, assim, se fundamente sua incompetência.

60 L. edição: incluído "contra-ia".

69

70

do qual alguns funcionários sindicais transformam toda a crítica às insuficiências objetivas do movimento sindical num atentado a esse movimento. E por fim, um resultado dessa especialização-c desse burocratismo dos funcionários sindicais é, também, a forte autonomização e a "neutralidade" dos sindicatos diante da social-democracia. A autonomia externa da organização sindical adveio de seu crescimento como uma condição natural, como uma relação proveniente da divisão técnica do trabalho entre a forma de luta política e sindical. A "neutralidade" dos sindicatos alemães surgiu, por sua vez, como um produto da legislação reacionária das associações⁶¹ e do Estado policial prussiano-alemão. Com o tempo, ambos os fatores alteraram sua natureza. Da "neutralidade" política dos sindicatos, uma condição policialmente imposta, se tirou posteriormente uma teoria de sua neutralidade voluntária como uma necessidade supostamente fundamentada na natureza da própria luta sindical. E a autonomia técnica dos sindicatos, que deveria residir na divisão prática do trabalho no interior da luta de classes social-democrata unificada, foi transformada na independência⁶² dos sindicatos diante da social-democracia; e seus pontos de vista e sua liderança foram transformados na assim chamada "igualdade de direitos". Essa aparência de independência⁶³ dos sindicatos e de igualdade de direitos⁶⁴ entre eles e a social-democracia é encarnada, sobretudo, nos funcionários sindicais, alimentada pelo aparato administrativo dos sindicatos. Por meio da coexistência de todo um *staff* sindicalista, de uma central completamente independente, de uma imprensa profissional numerosa e, por fim, dos congressos sindicais, exteriormente está criada a aparência de paralelismo total com o aparato administrativo da social-democracia, com sua direção, imprensa e congressos. Essa ilusão de igualdade de direitos⁶⁵ entre a social-democracia e os sindicatos também levou, entre outras coisas, à aberração de que, nos congressos do Partido Social-Democrata e nas conferências sindicais, as pautas tratadas são em parte bastante análogas e para a mesma questão são tomadas decisões diretamente opostas. A partir da divisão do trabalho⁶⁶ entre o Congresso do partido, que representa os interesses e as tarefas gerais do movimento operário, e as conferências sindicais, que tratam do domínio bem mais restrito das questões e dos interesses especiais da luta profissional diária, foi construída uma cisão entre uma suposta visão de mundo sindical e outra social-democrata no que

61 A legislação das associações, com seu caráter antidemocrático, voltava-se sobretudo contra as associações políticas da classe trabalhadora e limitava o direito de coligação. Como na Prússia, os sindicatos também eram associações políticas, e estavam sempre ameaçados de dissolução.

62 1.edição: separação.

63 1.edição: separação.

64 1.edição: equiparação.

65 1.edição: equiparação.

66 1.edição: incluído "natural".

A S.IGUSSIEV

(1905)

De Lenin a Natsia

13/X/905

Caro amigo:

A resolução do Comitê de Odessa sobre a luta sindical ("decisões" n.º 6 ou 5, não sei bem; na carta n.º 24. Datada de setembro de 1905) parece-me totalmente equivocada. Na minha opinião, o ardor com que se luta contra os mencheviques explica essa resolução, e isso é natural, mas é preciso não cair no outro extremo. Pois bem, a resolução cai precisamente no outro extremo. Por isso me permitirei analisar com um sentido crítico a resolução do Comitê de Odessa, pedindo aos camaradas que discutam as minhas opiniões, que não foram feitas, de modo algum, para mortificar ninguém.

A resolução consta de três partes (não numeradas) nos motivos e cinco partes (numeradas) na parte propriamente resolutive. A primeira parte (o ponto inicial dos motivos) é francamente boa, assumir "a direção de *todas* as manifestações da luta de classe do proletariado" e "não esquecer nunca a tarefa de dirigir a luta sindical. Magnífico. Depois, o segundo ponto "em primeiro lugar" se propõe a tarefa de preparar a insurreição armada e (ponto terceiro ou final dos motivos) "em virtude disso a tarefa de dirigir a luta sindical do proletariado fica relegada inevitavelmente a segundo plano. A meu ver, isto é errado teoricamente e desacertado no sentido da tática.

É errado do ponto de vista teórico estabelecer um paralelo entre estas duas tarefas, apresentando-as como se fossem iguais, como se estivessem situadas no mesmo nível: a "tarefa de preparar a insurreição armada" e a "tarefa de di-

71

dirigir a luta sindical. Uma tarefa no primeiro plano e outra no segundo. Falar assim significa comparar e estabelecer um paralelo entre coisas de ordem diferente. A insurreição armada é um meio de luta política num dado momento. A luta sindical é uma das manifestações permanentes de todo o movimento operário, sempre necessárias sob o capitalismo e obrigatórias em todos os momentos. Engels, num trecho citado por mim em *Que Fazer?*, distingue três formas fundamentais da luta proletária: a econômica, a política e a teórica, isto é, a sindical, a política e a teórica (científica, ideológica, filosófica). Como é possível colocar junto uma destas formas fundamentais de luta (a sindical) e o método próprio de outra forma fundamental de luta num dado momento; colocar junto a toda a luta sindical, como "tarefa", um meio de luta política que tem caráter de atualidade é *que está longe de ser o único*? Isto é simplesmente absurdo, algo assim como somar avos e centésimos sem reduzir os quebrados a um denominador comum. Na minha opinião, estes dois pontos (o segundo e o terceiro) dos motivos devem desaparecer. Junto à "tarefa de dirigir a luta sindical" só se pode colocar a tarefa de dirigir toda a luta política em geral, a tarefa de sustentar a luta ideológica em geral e em seu conjunto, e de modo algum tais ou quais tarefas parciais, determinadas e atuais da luta política ou ideológica. Estes dois pontos deveriam ser substituídos pela indicação de que é necessário não esquecer nem um instante a luta política, a tarefa de educar a classe operária em todo o conjunto das idéias social-democratas, a necessidade de esforçar-se para estabelecer uma ligação estreita e indissolúvel entre todas as manifestações do movimento operário para criar um movimento operário coe-
rente e verdadeiramente social-democrata. Esta indicação poderia ser o segundo ponto dos motivos. O terceiro poderia ser a constatação da necessidade de prevenir contra uma compreensão e uma formulação estreitas da luta sindical, ingentemente difundidas pela burguesia. Naturalmente, não proponho um projeto de resoluções, não abordo a questão de se é mister falar disto de modo especial; a única coisa que faço por enquanto é elucidar qual expressão de vosso pensamento seria teoricamente acertada.

Do ponto de vista da tática, a resolução, em sua forma atual, apresenta as tarefas da insurreição armada de modo muito infeliz. A insurreição armada é o meio supremo da luta política. Para o êxito da insurreição do ponto de vista do proletariado, isto é, para o êxito de uma insurreição proletária e dirigida pela social-democracia, e não de outra insurreição qualquer, é preciso um amplo desenvolvimento de todos os aspectos do movimento operário. Por isso, é ul-

tra-desacertada a idéia de contrapor a tarefa da insurreição à tarefa de dirigir a luta sindical. Assim, rebaixa-se e diminui-se a tarefa da insurreição. Em lugar da soma e coroamento de *todo* o movimento operário em seu conjunto, destaca-se à parte a tarefa da insurreição. Confundem-se, por assim dizer, duas coisas: a resolução sobre a luta sindical em geral (a esse tema está consagrada a resolução do Comitê de Odessa) e a resolução sobre a distribuição das forças no trabalho atual do Comitê de Odessa (nesta confusão incorre a vossa resolução, tratando-se, como se trata, de duas questões completamente diferentes).

Passarei a analisar os pontos numerados da parte resolutiva no sentido estrito da palavra.

Ad. I — "Desmascarar as ilusões" "a respeito dos sindicatos"... isto ainda pode passar, embora fosse melhor suprimi-lo. Em primeiro lugar, isto entra nos motivos, onde deve ser indicada a ligação indissolúvel de todos os aspectos do movimento. Em segundo lugar, não se diz que ilusões. Era preciso acrescentar: ilusões burguesas sobre a possibilidade de satisfazer as necessidades econômicas e de qualquer outra espécie da classe operária na sociedade capitalista.

"...acentuando fortemente *sua* (dos sindicatos?) estreiteza em comparação com os objetivos finais do movimento operário". Conclui-se que todos os sindicatos são "estreitos". E os sindicatos *social-democratas*, vinculados à organização política do proletariado? O centro de gravidade não está em que os sindicatos sejam "estreitos", mas em vincular este aspecto (estrito por ser um só) com os demais. Por conseguinte, ou tirar isto ou falar mais uma vez na necessidade de criar e fortalecer a *ligação* de um aspecto com todos os demais, impregnar os sindicatos de conteúdo *social-democrata*, de propaganda *social-democrata*, incorporá-los a *todo* o trabalho social-democrata, etc.

Ad. II — Pode passar.

Ad. III — Não é justo, pelas causas indicadas, estabelecer um paralelo entre a tarefa dos sindicatos e a "urgêntissima e primordial tarefa" da insurreição armada. Num resolução sobre a luta sindical não há por que falar da insurreição armada, pois esta é um meio para a "derrubada da autocracia czarista" a que se refere o ponto II. Os sindicatos poderiam ampliar a base de onde tiramos a força para a insurreição, de modo que, direi mais uma vez, é errado contrapor um ao outro.

Ad. IV — "Sustentar uma enérgica luta ideológica contra a chamada minoria, que retrocede para o "economismo" "nas questões referentes aos sindicatos". Isso não é demasiada-

72

mente geral para uma resolução do Comitê de Odessa? Não é um exagero? Pois na imprensa não houve crítica a nenhuma resolução de todos os mencheviques sobre os "sindicatos". Indicou-se apenas que os liberais elogiam os mencheviques por sua tendência a se esforçarem imprudentemente nesse sentido. Mas a única conclusão que daí se infere é que nós devemos esforçar-nos "prudentemente", mas nos esforçar a todo transe. A meu ver, ou bem é preciso prescindir absolutamente deste ponto, limitando-se a indicar que é preciso prevenir contra a estreiteza e lutar contra as tendências da burguesia e dos liberais a desfigurar as tarefas dos sindicatos, ou bem formular este ponto de modo especial em relação com alguma resolução concreta dos mencheviques (e não sei se há resoluções desse tipo atualmente; acaso tenham surgido entre vós no Sul algumas resoluções ao estilo de Akimov).

Ad. V — Isso sim. As palavras: "e se for possível, a direção", eu substituiria por: "e a direção". Fazemos tudo "se for possível". Colocar aí estas palavras, e só aí, pode gerar interpretações errôneas como a de que o que menos aspiramos é a direção, etc.

Na minha opinião, falando em termos gerais, é preciso evitar exagerar a luta contra os mencheviques nesse assunto. Agora, provavelmente, começarão logo a surgir sindicatos. É preciso não ficar à margem e, acima de tudo, não dar motivo para pensar que é preciso ficar à margem, mas sim esforçar-se para participar, influir, etc. Pois há uma camada especial de operários, os de idade madura, os que têm família, que colaboram agora muito pouco na luta política, mas muito na luta sindical. É preciso aproveitar essa camada orientando seus passos nesse aspecto da luta. Para a social-democracia da Rússia é importante atuar com tino desde o próprio começo nos sindicatos, criar em seguida uma tradição de iniciativa social-democrata, de participação social-democrata e de direção social-democrata nesse aspecto. De início, podem faltar forças na prática, mas isso já é uma questão muito diferente; além disso, se se sabe utilizar todas as diversas forças, sempre as encontraremos também para os sindicatos. Encontraram-se forças para escrever uma resolução sobre os sindicatos, isto é, para dirigi-los ideologicamente, e nisso está a essência!

Um aperto de mão. Peço que me escreva acusando o recebimento desta carta e comunicando-me sua opinião sobre ela. Seu *N. Lenin*.

Remetida de Genebra a Odessa. Publicada, pela primeira vez, em 1926. Encontra-se in Obras, t. XXXIV, págs. 306/310.

73

TESES SOBRE O TRABALHO COMUNISTA NOS SINDICATOS¹⁸

III Internacional

1932 (IV Congresso)

I. A condição do movimento sindical

1. Nos últimos dois anos, que viram uma ofensiva capitalista mundial, o movimento sindical em todo lugar perdeu uma força considerável. Em todos os países, exceto em uns poucos (Alemanha e Áustria), os sindicatos declinaram; perderam a massa de seus membros. Esse declínio na militância pode ser explicado de um lado pela poderosa ofensiva burguesa, e de outro lado pela incapacidade dos sindicatos reformistas de opor qualquer oposição séria ao ataque capitalista e de defender os interesses básicos dos trabalhadores.

2. A ofensiva capitalista e a continuação da colaboração de classe acrescentaram-se à desilusão da classe operária. Aos olhos de muitos trabalhadores, as organizações sindicais perderam sua credibilidade porque falharam em resistir à ofensiva capitalista e foram incapazes, ou relutaram, em manter as posições já ganhas. Os acontecimentos claramente realçaram a esterilidade do reformismo.

3. O movimento sindical internacional caracteriza-se por uma falta de coesão interna, pela constância ininterrupta com a qual importantes setores do proletariado estão deixando os sindicatos, e pela política, mantida obstinadamente pelos reformistas, da colaboração de classe "com o objetivo de usar o capital no interesse do trabalho". Contudo, na realidade o capital sempre usou as organizações refor-

mistas para seus próprios fins ao envolvê-las e implicá-las na redução dos padrões de vida das massas trabalhadoras.

O período recente viu a existência de elos extremamente estreitos entre os governos burgueses e os líderes reformistas e uma subordinação ainda maior dos interesses das massas operárias aos interesses das classes dominantes.

II. O ataque da Internacional de Amsterdã aos sindicatos revolucionários

4. Os líderes reformistas, cedendo à pressão burguesa em toda a linha, também começaram um ataque aos trabalhadores revolucionários. Já que tem havido uma séria preocupação entre as massas operárias com a relutância dos sindicatos de organizar a oposição à ofensiva capitalista, os líderes reformistas estão tentando livrar as organizações operárias das idéias revolucionárias lançando uma ofensiva organizada contra o movimento sindical revolucionário. Seu objetivo é usar todos os meios à sua disposição para desmoralizar e quebrar a minoria revolucionária e assim fortalecer a posição abalada da burguesia.

5. Para manter seu poder no futuro, os líderes da Internacional de Amsterdã foram ao ponto de expulsar não apenas grupos ou indivíduos isolados, mas organizações inteiras. Eles decidiram firmemente estar sempre em maioria, manter a organização em suas próprias mãos e em particular resistir a qualquer ameaça dos elementos revolucionários de aderir à Comintern ou à Profintern. Deste jeito, eles esperam pelo menos manter o controle do aparato e de todos os recursos financeiros das organizações operárias. Os líderes da Confederação Geral Francesa do Trabalho agiram deste modo. Indo na mesma direção estão os líderes reformistas na Tchecoslováquia, e depois deles os líderes da Federação Pan-Germânica dos Sindicatos. Os interesses da burguesia exigem uma divisão do movimento sindical.

6. Simultaneamente ao ataque dos reformistas aos operários revolucionários em cada país, uma ofensiva similar foi lançada a nível internacional; os vários sindicatos internacionais que aderem à Internacional de Amsterdã expulsam sistematicamente os sindicatos revolucionários e recusam-se a readmiti-los. Assim, por exemplo, os congressos mundiais dos mineiros, os têxteis, de colarinho branco,

agrícolas, do setor madeireiro, da construção e das comunicações recusaram-se a admitir os sindicatos russos e vários outros simplesmente porque eles pertenciam à Profintern.

7. Esta campanha reformista contra os sindicatos revolucionários é um reflexo exato da campanha capitalista internacional contra a classe operária, e persegue os mesmos fins: o fortalecimento do capitalismo às custas das massas trabalhadoras, a consolidação do reformismo nos sindicatos e o enfraquecimento dos elementos militantes expulsando-os e privando-os de qualquer possibilidade de tomar os meios de produção e, ao mesmo tempo, o poder.

III. Anarquismo e Comunismo

8. Ao mesmo tempo que os reformistas de Amsterdã conduzem sua ofensiva contra o movimento sindical comunista, os anarquistas começam uma "ofensiva" similar contra a Internacional Comunista, os partidos comunistas e as células comunistas nos sindicatos. Algumas organizações anarco-sindicalistas colocaram-se abertamente contra a Internacional Comunista e a Revolução Russa, apesar de sua adesão solene à Internacional Comunista em 1920 e suas declarações de pleno apoio ao proletariado russo e à Revolução de Outubro. Um processo similar pode ser observado na união sindicalista italiana, entre os localistas alemães e os anarco-sindicalistas espanhóis, e igualmente nos vários grupos sindicalistas na França, Holanda e Suécia.

9. Sob o *slogan* de independência dos sindicatos dos partidos comunistas, muitas organizações sindicalistas (O National Workers' Proletariat na Holanda, os Industrial Workers of the World, a união sindicalista italiana etc.) começaram a excluir os apoiadores da Internacional Vermelha dos sindicatos operários, especialmente quando são comunistas. O *slogan* de independência sindical tornou-se um *slogan* anti-comunista, isto é, contra-revolucionário. Além disso, ele ecoa o *slogan* usado pelos reformistas, que também enfatizam a independência em sua política, embora sua dependência da burguesia nacional e internacional não seja nenhum segredo.

10. Os ataques dos anarquistas à Internacional Comunista, à Profintern e à Revolução Russa trouxeram a confusão e a divisão em suas próprias fileiras. Os operários mais avançados protestaram contra tais

75

idéias. O anarquismo e o anarco-sindicalismo se dividiram em várias tendências e grupos, que estão travando uma amarga luta entre eles mesmos pró e contra a Profintern, pró e contra a ditadura do proletariado.

IV. Neutralidade e Independência

11. A influência da burguesia sobre o proletariado reflete-se na teoria da neutralidade do movimento sindical. A implicação desta teoria é que os sindicatos devem se restringir a questões puramente econômicas e profissionais, e não devem tentar apresentar qualquer objetivo geral de classe. A neutralidade sempre foi uma teoria burguesa, e o marxismo revolucionário resolutamente se opôs a ela. Os sindicatos que não têm nenhum objetivo de classe geral, isto é, objetivos dirigidos para a derrubada do sistema capitalista, são, apesar de sua composição proletária, os melhores defensores da ordem e da sociedade burguesa.

12. Desde tempos imemoriais a teoria da neutralidade tem se baseado na afirmação de que os sindicatos devem se preocupar apenas com questões econômicas e sob nenhuma circunstância interferir na política. A burguesia sempre esforçou-se para separar a política da economia, pois está bem consciente de que nenhum perigo sério ameaçará seu domínio enquanto conseguir manter a classe operária dentro dos estreitos limites do puro sindicalismo.

13. A separação da política e da economia também é defendida pelos elementos anarquistas que operam nos sindicatos e tentam desviar o movimento operário de qualquer envolvimento nas questões políticas, com base de que toda política é nociva à classe operária. Esta teoria, na essência puramente burguesa, é apresentada como uma defesa da independência; esta independência pressupõe um estado de hostilidade entre os sindicatos e os partidos comunistas proletários e uma declaração de guerra ao movimento operário comunista em nome da mesma gloriosa independência e autonomia.

14. A hostilidade à política tende a enfraquecer a militância das massas operárias e leva à luta contra as idéias comunistas, a encarnação da consciência comunista de classe entre os operários. Independência em suas formas puramente anarquistas e anarco-sindicalistas

é uma teoria anti-comunista. Como tal, deve ser resolutamente combatida, ou ela levará, no melhor, ao isolamento das idéias comunistas e à polarização entre os sindicatos e os partidos comunistas e, no pior, a uma luta amarga das organizações sindicais contra os partidos comunistas, o comunismo e a revolução social.

15. A teoria da independência, como propagada pelos anarco-sindicalistas franceses, italianos e espanhóis, é um efeito do grito de guerra do anarquismo em sua luta contra o comunismo. Os comunistas devem iniciar uma luta determinada de idéias dentro do movimento sindical para conter qualquer tentativa de espalhar as idéias anarquistas sob a bandeira da independência e promover uma divisão no movimento operário unido, especialmente se essa tentativa é feita de um jeito que possa dificultar e atrasar a vitória da classe operária.

V. Sindicalismo e Comunismo

16. Os anarco-sindicalistas confundem os sindicatos com o sindicalismo e declaram seu partido anarco-sindicalista como a única organização genuinamente revolucionária capaz de conseguir os objetivos globais do proletariado. Um sindicato não é nada mais nada menos do que uma organização de massas não-partidária unindo operários de todas as tendências políticas, enquanto que o sindicalismo é simplesmente uma das tendências políticas existentes na base destas organizações. Embora o sindicalismo, em comparação com a perspectiva de mundo do outro tipo de sindicalismo [que se preocupa exclusivamente com as questões mais imediatas de salários e condições de trabalho] seja um grande passo à frente, muitas de suas características e tendências são muito perigosas e devem ser vigorosamente combatidas.

17. Os comunistas não podem e não devem, em nome dos abstratos princípios anarco-sindicalistas, renunciar ao seu direito de organizar células e grupos entre as fileiras de qualquer sindicato, independente de sua tendência. Ninguém pode tomar esse direito deles. Naturalmente, os comunistas coordenarão seu trabalho nas organizações sindicais com o trabalho daqueles sindicalistas que aprenderam algo da guerra e da revolução.

18. Os comunistas no movimento sindical devem tomar a iniciativa de formar um bloco com os operários revolucionários de outras

76

tendências. Os mais próximos dos comunistas no movimento sindical são os comunistas-sindicalistas que aceitam a necessidade da ditadura do proletariado e em debater com outros anarco-sindicalistas que defendem a necessidade de criar um governo operário. A ação conjunta pressupõe a existência de um certo grau de organização entre os comunistas. Quando os comunistas estão dispersos e agem no isolamento, não podem representar uma força séria e são privados da oportunidade de coordenar seu trabalho com o de outros.

19. Os comunistas devem defender firme e consistentemente seus princípios comunistas e combater as teorias anarquistas anti-comunistas, que causam grande prejuízo à classe operária insistindo na independência do movimento sindical e na separação da política da economia. Dentro dos sindicatos que apóiam essas teorias, os comunistas devem se empenhar em coordenar seu próprio trabalho contra o reformismo e a verborragia anarco-sindicalista com o trabalho de todos os elementos revolucionários que são pela derrubada do capitalismo e pelo estabelecimento da ditadura do proletariado.

20. Em países onde os sindicatos revolucionários são razoavelmente significativos (França) e onde, por toda uma série de razões históricas, uma desconfiança precisa em relação aos partidos políticos foi criada e ainda existe entre certos círculos de operários revolucionários, os comunistas locais devem alcançar um acordo com os sindicalistas para estabelecerem métodos de trabalho conjunto e cooperação prática tanto na defesa quanto no ataque. Obviamente, as condições locais e o estado do movimento operário irão determinar se isso poderá ser implementado.

(...)

77

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura no seminário 2:

- A questão da Unidade Sindical para o Marxismo

TROTSKY

(1931)

A questão da unidade sindical

A questão das organizações operárias não é passível de uma solução simples, adequada para todas as formas organizativas e para todas as situações.

Com relação ao partido, a questão se resolve de maneira categórica. Sua total independência é condição elementar para a ação revolucionária. Mas esse princípio não dá, de antemão, uma resposta pré-fabricada para todos os casos: quando e sob que condições deve-se produzir um rompimento ou, por outro lado, uma unificação com uma corrente próxima? Essas questões se resolvem caso a caso, com base numa análise concreta das tendências e das condições políticas. O critério principal, pelo qual se orientar continua sendo a necessidade de que a vanguarda do proletariado organizado, o partido, preserve sua total independência e autonomia baseado em um claro programa de ação.

Mas justamente essa solução para o assunto, no que diz respeito ao partido, geralmente admite e, ainda mais, torna indispensável adotar uma atitude muito diferente com relação ao problema da unidade de outras organizações de massa da classe operária: sindicatos, cooperativas, soviets.

Cada uma dessas organizações tem suas próprias tarefas e métodos de trabalho, que são independentes dentro de certos limites. Para o Partido Comunista todas essas organizações são, sobretudo, um campo propício para a educação revolucionária de amplos setores operários e para o recrutamento dos operários mais avançados. Quanto mais amplas massas uma determinada organização abarca,

78

maiores são as possibilidades que oferece à vanguarda revolucionária. É por isso que, geralmente, não é a ala comunista, mas sim a reformista que toma a iniciativa de dividir as organizações de massa.

Basta comparar a conduta dos bolcheviques de 1917 com a dos sindicatos ingleses nos últimos anos. Os bolcheviques não apenas permaneceram nos mesmos sindicatos com os mencheviques, como em alguns toleraram uma direção menchevique mesmo depois da Revolução de Outubro, ainda que os bolcheviques tivessem esmagadora maioria nos soviets. Por outro lado, os sindicatos britânicos, por iniciativa dos trabalhistas, não apenas afastam os comunistas do Partido Trabalhista mas também, quando é possível, dos sindicatos.

Na França a divisão dos sindicatos também foi fruto da iniciativa dos reformistas, e não é por acaso que a organização sindical revolucionária, obrigada a atuar de forma independente, adotou o nome de unitária⁴⁶.

Então, exigimos que os comunistas abandonem agora as fileiras da CGT? Absolutamente. Ao contrário, devemos fortalecer a ala revolucionária dentro da confederação de Jouhaux (CGT). Com isso demonstramos que para nós a divisão da organização sindical não é de forma nenhuma questão de princípios. Todas as objeções ultraesquerdistas prévias que se podem formular contra a unidade sindical se aplicam em primeira lugar à participação dos comunistas na CGT. Não obstante, todo revolucionário que não tenha perdido contato com a realidade deve reconhecer que a criação de frações comunistas nos sindicatos reformistas é uma tarefa de grande importância. Uma das tarefas dessas frações deve ser a defesa da CGTU ante os membros dos sindicatos reformistas. Isso só será possível mostrando que os comunistas não querem dividir os sindicatos, ao contrário, estão dispostos a todo momento a restabelecer a unidade sindical.

Caso se acreditasse por um instante sequer que o dever de contrapor uma política revolucionária à dos reformistas impõe aos comunistas a divisão dos sindicatos, isso não se limitaria somente à França: seria uma exigência geral que os comunistas rompessem, sem levar

46 - O nome adotado pela confederação sindical de esquerda francesa foi *Confédération Générale du Travail Unitaire* (CGTU), enquanto a da direita era *Confédération Générale du Travail* (CGT).

em consideração a correlação de forças com os sindicatos reformistas e formassem sindicatos na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos etc. Em alguns países os partidos comunistas adotaram concretamente essa linha. Há casos específicos em que os reformistas não deixam realmente outra possibilidade. Em outros, os comunistas cometem evidentemente um erro ao responder às provocações dos reformistas. Mas até agora, nunca e em nenhum lugar, os comunistas provocaram uma divisão por não admitir de antemão o trabalho junto aos reformistas nas organizações das massas proletárias.

Sem nos determos nas cooperativas, experiências que não acrescentam nada ao que já foi dito, tomaremos como exemplo os soviets. Estes surgem nos momentos mais revolucionários, quando os problemas se colocam com a máxima agudeza. É possível imaginar, sequer por um momento, a criação de soviets comunistas como contrapeso dos soviets social-democratas? Seria liquidar a própria ideia de soviets. No início de 1917, os bolcheviques eram uma minoria insignificante dentro dos soviets. Durante meses (e numa etapa em que os meses valiam por anos, senão por décadas) toleraram uma maioria conciliadora nos soviets, inclusive quando já representavam esmagadora maioria nos comitês de fábrica. Finalmente, mesmo depois da tomada do poder, toleravam os mencheviques dentro dos soviets enquanto eles representassem um setor da classe operária. Apenas quando os mencheviques se comprometeram e se isolaram totalmente, transformando-se numa camarilha, os soviets os expulsaram.

Na Espanha a bandeira de soviets pode estar na ordem do dia em um futuro próximo. A própria criação desses soviets (conselhos), supondo que haja uma iniciativa enérgica e forte dos comunistas, não se pode conceber senão mediante um acordo técnico-organizativo com os sindicatos sobre o método e os intervalos para a eleição dos representantes operários. Afirmar, nessas condições, que é inadmissível trabalhar com os reformistas nas organizações de massa seria uma das formas mais desastrosas de sectarismo.

Como conciliar, então, uma atitude assim de nossa parte para com as organizações proletárias dirigidas pelos reformistas com nossa caracterização do reformismo como ala esquerda da burguesia imperialista? Isso não é uma contradição formal, mas dialética, ou seja, que surge da própria dinâmica da luta de classes. Uma parcela consi-

79

derável da classe operária (em muitos países a maioria) rejeita nossa caracterização do reformismo. Em outros nem ao menos se colocou essa questão. O problema consiste precisamente em levar as massas a conclusões revolucionárias baseadas em nossas experiências em comum com elas.

Dizemos aos operários não comunistas ou anticomunistas: "Hoje, no entanto, confiais nos dirigentes reformistas que nós consideramos traidores. Não podemos nem queremos impor nosso ponto de vista pela força. Queremos vos convencer. Tentemos então lutar juntos e examinemos os métodos e os resultados dessas lutas." Isso quer dizer: total liberdade para formar grupos dentro dos sindicatos unificados em que a disciplina sindical exista para todos.

Não se pode propor nenhuma outra posição de princípio.

Atualmente, o Comitê Executivo da Liga Comunista (a Oposição de Esquerda da França) está colocando, corretamente, em primeiro lugar a questão da frente única. É a única forma de impedir que os reformistas, e sobretudo seus agentes da ala esquerda, os monattistas, contraponham a bandeira formal de unidade às tarefas práticas da luta de classes. Vassart⁽⁴⁷⁾, em contraposição à estéril linha oficial, afirmou a ideia da frente única com as organizações sindicais locais. A forma de colocar a questão é correta, no sentido de que em casos de greves locais o que se deve fazer primeiro é trabalhar com os sindicatos locais e com as correspondentes federações. Também é certo que os estratos inferiores do aparelho reformista são mais sensíveis à pressão dos operários. Mas seria errado fazer qualquer tipo de diferença de princípios entre os acordos com os oportunistas locais e os que se possam fazer com seus chefes. Depende das condições que se deem, da força da pressão que exerçam as massas e do caráter das tarefas que estejam na ordem do dia.

Fica claro que para lutar em cada caso específico não vamos impor como condição indispensável e prévia o acordo com os reformistas, local ou centralizado. Não nos guiamos pelos reformistas, mas pelas

47 - Vassart, Albert (1898-1958). Um dos dirigentes do Partido Comunista nos sindicatos vermelhos que, tendo sido um ardente ultraesquerdista durante o "terceiro período", impregnou a política do PC. Em suas polêmicas, os dirigentes PC tachavam às vezes as posições de Vassart de "semitrotskistas".

circunstâncias objetivas e pelo estado de ânimo das massas. O mesmo se aplica ao caráter das reivindicações que se colocam. Seria fatal comprometer-nos de antemão a aceitar a frente única com as condições dos reformistas, ou seja, com base nas reivindicações mínimas. As massas operárias não sairão à luta por reivindicações que lhes pareçam fantásticas. Mas, por outro lado, se se limitam de antemão às exigências, os operários podem dizer: "Não vale a pena".

A tarefa não consiste em sempre propor, formalmente, aos reformistas a frente única, mas em impor-lhes em cada caso as condições que correspondam o melhor possível à situação. Isso requer uma estratégia ativa e flexível. Em todo caso não há dúvida de que somente desse modo a CGTU poderá mitigar as consequências da divisão das massas em duas organizações sindicais, fazer recair sobre quem corresponde a responsabilidade da divisão e colocar suas posições de luta.

A particularidade da situação francesa reside no fato de que durante muitos anos existiram duas centrais operárias separadas. Ante o refluxo do movimento dos últimos anos, acostumaram-se à divisão. Muitas vezes até ficou esquecida. Certamente se pode prever que o revigoramento nas fileiras da classe reatualizará inevitavelmente a bandeira de unidade das organizações sindicais. Se se considera que mais de noventa por cento do proletariado francês está fora dos sindicatos fica evidente que ao acentuar-se o ascenso crescerá a pressão dos não organizados. A bandeira da unidade não é mais que uma das primeiras consequências dessa pressão. Com uma política correta essa pressão atuará em favor do Partido Comunista e da CGTU.

Dado que uma política ativa de frente única é o método de princípio para o próximo período da estratégia sindical dos comunistas franceses, seria um grande erro contrapô-la à da unidade das organizações sindicais.

É indubitável que a unidade da classe operária só pode realizar-se sobre bases revolucionárias. A política de frente única é um dos meios para libertar os operários da influência reformista e inclusive, em última instância, de avançar para a genuína unidade da classe operária. Devemos explicar constantemente essa verdade marxista aos operários de vanguarda. Mas uma perspectiva histórica, mesmo correta, não pode substituir a experiência viva das massas. O partido

é a vanguarda, mas em sua ação, especialmente em sua ação sindical, deve ser capaz de voltar-se para a retaguarda.

Devemos demonstrar concretamente aos operários – uma, duas, dez vezes se necessário – que estamos sempre dispostos a ajudá-los a reconstruir a unidade das organizações sindicais. E nesse aspecto somos fiéis aos princípios essenciais da estratégia marxista: a combinação da luta por reformas com a luta pela revolução.

Qual é a atitude das duas confederações para com a unidade? Pode parecer idêntica para o conjunto dos operários. Na verdade o setor burocrático das duas organizações declarou que a unificação só pode ser concebida “a partir das bases” e baseada nos princípios de cada uma delas.

Apoiando-se na bandeira da unidade pela base, que emprestou da CGTU, a confederação reformista explora a pouca memória da classe operária e a ignorância da nova geração que não conhece a ação divisionista de Jouhau, Dumoulin e Cia. Ao mesmo tempo os monattistas ajudam Jouhau a substituir a atividade combativa do movimento operário pela bandeira isolada da unidade sindical. Como honestos intrigantes palacianos, dirigem todos os seus esforços contra a CGTU para arrancar-lhe o maior número possível de sindicatos, nucleá-los ao seu redor e então negociar com os reformistas em pé de igualdade.

Pelo que posso julgar, baseado no material que tenho, Vassart se pronunciou favoravelmente a que os próprios comunistas proponham a bandeira de um congresso unificador das duas confederações sindicais. Sua proposta foi recusada categoricamente. Quanto ao autor, acusaram-no de aderir às posições de Monatté. Não posso me pronunciar sobre essa discussão por falta de dados, mas considero que os comunistas franceses não têm nenhum motivo para abandonar a proposta do congresso de unificação. Pelo contrário.

Os monattistas dizem: “Ambos são fracionistas. Somos os únicos que estamos pela unidade. Operários, sigam-nos.” Os reformistas replicam: “Nós estamos pela unidade pela base”. Quer dizer que “nós” permitiremos aos operários que voltem a entrar em nossa organização. O que diz sobre isso a Confederação revolucionária? “Não é à toa que nos chamamos Confederação unitária. Estamos prontos para realizar hoje mesmo a unificação das organizações sindicais. Mas para consegui-lo os operários não precisam de intrigantes palacianos

que não têm o respaldo de nenhuma organização sindical e que se alimentam de divisões como as bactérias de uma ferida infectada. Propomos que se prepare e se especifique o prazo para a realização de um congresso de fusão baseado na democracia sindical.”

Essa forma de colocar a questão tirará imediatamente a base de sustentação dos monattistas, um grupo político totalmente estéril mas que pode semear muita confusão nas fileiras do proletariado. Não nos custará muito caro a liquidação do grupo de palacianos? É possível objetar que no caso de os reformistas aceitarem um congresso de unificação os comunistas poderiam ficar em minoria e a CGTU teria que ceder espaço à CGT.

Semelhante colocação só pode ser convincente para um burocrata sindical de esquerda que luta por sua “independência” perdendo de vista as tarefas e as perspectivas do conjunto do movimento operário. A unidade das duas organizações sindicais, ainda quando a ala revolucionária permanecesse em minoria por algum tempo, logo demonstraria ser favorável ao comunismo. A unificação das confederações acarretaria um grande fluxo de novos membros. Com isso a influência da crise se refletiria mais profunda e decisivamente nos sindicatos. Aproveitando essa nova onda, a ala esquerda poderia começar uma batalha decisiva para conquistar a confederação unitária. Somente os sectários ou os funcionários podem preferir uma maioria segura numa confederação sindical pequena e isolada em vez de um trabalho de oposição numa organização ampla e realmente massiva; nunca os revolucionários proletários.

Para um marxista que pensa é bastante evidente que uma das razões que contribuíram para os monstruosos erros da direção da CGTU provém da situação dada. Gente como Monmousseau, Semard e outros, sem preparo teórico nem experiência revolucionária, autoproclamaram-se imediatamente “donos” de uma organização independente e tiveram portanto a possibilidade de experimentá-la sob as ordens de Losovski, Manuilski e Cia.⁽⁴⁸⁾ É indubitável que se os reformistas não tivessem provocado num determinado momento a ruptura da Confederação, Monmousseau e Cia. teriam de contar

48 - Losovski, Manuilski e Cia. A. Losovski, ver notas 5 e 43. Dimitri Manuilski (1883-1959) encabeçou o Comintern de 1929 a 1934, ou seja, durante o “terceiro período”.

efetivamente com as massas. Apenas esse fato disciplinaria seu aventureirismo burocrático. Por isso as vantagens da unidade seriam bem maiores que as desvantagens. Se a ala revolucionária permanecesse um ou dois anos em minoria dentro de uma confederação unificada que reunisse cerca de um milhão de operários, esses dois anos seriam sem dúvida muito mais frutíferos para a educação não apenas dos sindicalistas comunistas mas de todo o partido do que cinco anos de ziguezagues "independentes" numa CGTU cada vez mais frágil.

São os reformistas, e não nós, que devem temer a unidade sindical. Se aceitam um congresso unificado (não em palavras, mas de fato), estarão dadas as condições para tirar o movimento sindical francês do beco sem saída. Precisamente por isso os reformistas não aceitarão.

As condições da crise estão criando grandes dificuldades aos reformistas, principalmente no campo sindical. Por isso lhes é tão imprescindível cobrir o flanco esquerdo, e os intrigantes palacianos da unidade estão se oferecendo como escudo.

Agora uma das tarefas mais importantes e indispensáveis é desmascarar o trabalho divisionista dos reformistas e o parasitismo dos monattistas. A bandeira do congresso de unificação contribui muito para essa tarefa. Quando os monattistas falam de unidade, usam essa bandeira contra os comunistas. Se a própria CGTU propõe uma via para a unidade, acertará um golpe mortal aos monattistas e enfraquecerá os reformistas. Está claro?

Sabemos de antemão que, em razão da resistência dos reformistas, a bandeira da unidade não obterá agora os resultados que seriam possíveis no caso de uma verdadeira unidade das organizações sindicais. Mas, sem dúvida, conseguirá resultados, ainda que limitados, sempre que os comunistas seguirem uma política correta. As grandes massas operárias verão quem está realmente pela unidade e quem está contra, e se convencerão de que os serviços dos palacianos não são necessários. Não há dúvida de que os monattistas terminarão reduzidos a nada, a CGTU, fortalecida e a CGT, debilitada e mais instável.

Com as coisas colocadas assim, isso não parece mais uma manobra do que a intenção de conseguir uma unidade efetiva? Essa objeção não nos assusta. Essa é a forma como os reformistas caracterizam nossa política de frente única: como eles não querem se entregar declaram que nosso objetivo é fazer manobras.

Seria totalmente errôneo fazer, de antemão, diferenças entre a política de frente única e a de fusão das organizações. Caso os comunistas mantenham a total independência de seu partido, de sua fração nos sindicatos, de toda sua política, a fusão das confederações não é mais que uma forma de política de frente única. Uma forma mais ampla. Ao rejeitar nossa proposta os reformistas transformaram-na em uma "manobra". Mas é uma "manobra" legítima e indispensável de nossa parte: com manobras assim se educa a classe operária.

O Comitê Executivo da Liga Comunista, repetimos, tem toda razão quando insiste que a unidade de ação não pode se dar até que não se consiga a unificação das organizações sindicais. Tal como foi feito até agora, é necessário desenvolver essa ideia, explicá-la e aplicá-la, na prática. Mas isso não nos exime do dever de colocar com toda energia, no momento preciso, a questão da fusão das confederações (ou das simples federações).

O problema consiste em saber se a direção comunista é capaz de efetuar agora uma manobra tão enérgica. O futuro dirá. Mas, se o Partido Comunista e a direção da CGTU hoje se negam a seguir o conselho da Liga (o que é mais provável), pode muito bem acontecer que se vejam obrigados a segui-lo amanhã. Não é necessário acrescentar que não fazemos um fetiche da unidade sindical. Não preterimos nada que signifique luta para quando se consiga a unidade. Para nós não é uma panaceia, mas uma lição sobre coisas importantes e decisivas que deve ser ensinada aos operários que a esqueceram ou que não conhecem o passado.

Certamente para participar no congresso de unificação não colocaremos nenhuma condição de princípios.

Quando os palacianos da unidade, aos quais não envergonha a fraseologia barata, dizem que a confederação unificada deve basear-se no princípio da luta de classes etc., estão fazendo acrobacias verbais em proveito dos oportunistas. Como se fosse possível pedir seriamente a Jouhaux e Cia. que empreendam, em nome da unidade com os comunistas, o caminho da luta de classes, caminho que esses cavalheiros abandonaram deliberadamente em nome da unidade com a burguesia. E esses mesmos palacianos, esses Monaltes, Zironiskis e Dumoullins, o que entendem por "luta de classes"? Não, nós estamos prontos a entrar no terreno da unidade sindical, mas não para "corrigir" (com

a ajuda de fórmulas de curandeiros) os mercenários do capital, mas para arrancar os operários da influência de seus traidores. As únicas condições que impomos são simplesmente garantias organizativas da democracia sindical, em primeiro lugar a liberdade de crítica para a minoria, sempre com a condição de que se submeta à disciplina sindical. Não pedimos mais e de nossa parte não prometemos nada mais.

Suponhamos que o Partido Comunista, mesmo que não imediatamente, siga nosso conselho. Como atuaria seu Comitê Central? Em primeiro lugar, deveria preparar cuidadosamente o plano da campanha dentro do partido, para discuti-lo nas frações sindicais baseado nas condições locais, de modo que a bandeira da unidade possa ser lançada ao mesmo tempo de cima a baixo. Logo após uma cuidadosa preparação e elaboração, e de haver eliminado todas as dúvidas e todos os mal-entendidos dentro de suas próprias fileiras, a direção da CGTU deveria dirigir-se à direção da confederação reformista com propostas concretas: criar uma comissão paritária para a preparação – um prazo, por exemplo, de dois meses – do congresso de unificação sindical, ao qual todas as organizações do país devem ter acesso. Simultaneamente as organizações locais da CGTU se dirigem às organizações locais da CGT com a mesma proposta, formulada precisa e concretamente.

O Partido Comunista deveria realizar uma grande agitação no país, apoiando e explicando a iniciativa da CGTU. Por certo tempo deve-se concentrar a atenção de amplos setores operários, principalmente os da CGT, na simples ideia de que os comunistas propõem conseguir imediatamente a unidade das organizações sindicais. Qualquer que seja a atitude dos reformistas, quaisquer que sejam as artimanhas a que recorram, os comunistas sairão beneficiados dessa campanha, ainda que nessa primeira tentativa suas propostas não levem senão a uma demonstração de sua atitude.

Durante esse período, a luta em nome da frente única não cessa um minuto. Os comunistas continuam atacando os reformistas nas províncias e na metrópole, baseando-se na crescente atividade dos operários, renovando suas propostas de ações combativas baseadas na política de frente única, desmascarando os reformistas, fortalecendo suas próprias fileiras etc. E bem pode acontecer de, em seis meses ou em um ou dois anos, os comunistas se verem obrigados a repetir

sua proposta de fusão das confederações sindicais, e colocar os reformistas numa posição mais difícil que da primeira vez.

A verdadeira política bolchevique deve ter precisamente esse caráter de tomar a ofensiva e ser ao mesmo tempo flexível e firme. É a única forma de preservar o movimento do desgaste, de livrá-lo de formações parasitas e de acelerar a evolução da classe operária para a revolução.

A lição proposta anteriormente não tem sentido e nem pode progredir se a iniciativa não parte da CGTU e do Partido Comunista. A tarefa da Liga não consiste naturalmente em lançar independentemente a bandeira do congresso de unificação, enfrentando tanto a CGTU como a CGT. A tarefa da Liga é empurrar o Partido Comunista oficial e a CGTU para uma política, estimulá-los a concretizar no momento propício (e no futuro haverá muitos) uma ofensiva para a fusão das organizações sindicais.

Para realizar suas tarefas com o Partido Comunista, a Liga deve (e este é seu primeiro dever) alinhar suas próprias fileiras no campo do movimento sindical. É uma tarefa que não pode ser postergada. Deve ser cumprida e o será.

25 de março de 1931

TESES SOBRE O TRABALHO DOS
COMUNISTAS NOS SINDICATOS
(III INTERNACIONAL)
1922 - IV CONGRESSO

(...)

VI. A luta pela unidade sindical

21. Apesar da feroz caça-às-bruxas anti-comunista instigada em todo lugar pelos reformistas, devemos continuar a lutar pelo *slogan* da Internacional Comunista – contra a divisão dos sindicatos – com a mesma militância com que lutamos por ele até agora. Os reformistas estão tentando usar as expulsões para provocar uma divisão. Seu objetivo ao expulsar sistematicamente os melhores elementos dos sindicatos é fazer os comunistas perderem a paciência e a cabeça, para que ao invés de completar seu plano cuidadosamente elaborado de ganhar

os sindicatos de dentro, eles os abandonem e se pronunciem a favor de uma divisão. Contudo, os reformistas não terão sucesso.

22. A divisão dos sindicatos, especialmente nas condições atuais, é uma grande ameaça a todo o movimento operário. A divisão faria a classe operária retroceder muitos anos, pois a burguesia teria a oportunidade de destruir até os ganhos mais elementares do proletariado sem oposição. Não há dúvida de que os comunistas devem, usando todos os meios e todas as forças à disposição de suas organizações, impedir uma divisão nos sindicatos e se oporem a estas tentativas criminosas de dividir o movimento sindical.

23. Em países com duas organizações sindicais paralelas (Tchecoslováquia, Espanha, França etc.), os comunistas devem iniciar uma luta sistemática por sua unificação. Já que o objetivo é unir as organizações sindicais que já se dividiram, seria contraproducente tirar comunistas e operários individuais dos sindicatos reformistas e trazê-los para seus próprios sindicatos revolucionários. Cada sindicato reformista deve ter sua parcela de fermento, sua agitação comunista. Uma grande atividade comunista em ambas organizações é o pré-requisito básico para a restauração da unidade perdida.

24. A preservação, e a restauração, da unidade sindical é possível apenas se os comunistas tiverem um programa de ação prática que pode ser aplicado em cada país individual e em cada ramo da produção. Usando a experiência prática da luta diária, os elementos díspares do movimento operário podem ser mobilizados e unidos, e onde os sindicatos estão divididos, serem criadas as pré-condições necessárias para a unificação organizativa. Cada comunista deve lembrar que uma divisão no movimento sindical não é apenas uma ameaça distinta para os ganhos da classe operária, mas também um imenso perigo à revolução social. Os esforços dos reformistas para dividir os sindicatos devem ser esmagados desde o início, mas isso só poderá ser obtido por um sério trabalho organizativo e político entre as massas operárias.

VII. A luta contra a expulsão dos comunistas

25. A expulsão dos comunistas tem um objetivo: confundir o movimento revolucionário separando as massas operárias de seus líderes. É por isso que os comunistas não podem de forma alguma se restrin-

gir às formas e métodos de luta que têm usado até agora. Este é um momento extremamente crítico para o movimento sindical internacional. Os reformistas aumentaram enormemente sua pressão para uma divisão. O desejo dos comunistas de preservar a unidade sindical tem sido repetidamente confirmado por toda uma série de fatos. Devemos continuar a provar na prática o quanto valorizamos a unidade do movimento sindical.

26. Quanto mais óbvias se tornam as táticas divisionistas de nossos adversários, mais incisivamente devemos enfatizar a necessidade pela unidade no movimento sindical. Cada fábrica e empresa, cada reunião operária deve expressar um protesto contra as táticas dos reformistas de Amsterdã. O perigo de uma divisão no movimento sindical deve ser levantado energicamente; isso deve ser feito não apenas quando uma divisão é iminente, mas quando se torna claro que uma divisão está sendo preparada. As tentativas de remover os comunistas dos sindicatos devem ser postas perante todo o movimento sindical para o debate. Os comunistas são fortes o suficiente para não se permitirem serem sufocados sem protesto. A classe operária deve saber quem é pela divisão e quem é pela unidade.

Se os comunistas tiverem sido eleitos para postos dirigentes por organizações locais, eles devem não apenas protestar contra semelhante violação da vontade de seus eleitores, mas também devem propor medidas específicas de caráter organizativo.

27. É muito importante que o Partido Comunista não permita que os membros expulsos fiquem dispersos e isolados. Estes devem ser organizados em "uniões dos expulsos" especiais, um programa realmente concreto para sua atividade deve ser elaborado, e o principal impulso de todo o seu trabalho político deve ser sua readmissão nos sindicatos.

28. A luta contra as expulsões é essencialmente uma luta pela unidade sindical, e nesta luta qualquer método que promova a restauração da unidade perdida é bom. Os membros que foram expulsos devem continuar em contato com a oposição que ainda está dentro dos sindicatos e com os sindicatos revolucionários independentes em seu país. Os grupos expulsos devem estabelecer imediatamente contato estreito com as organizações revolucionárias em seus próprios países para organizar uma luta conjunta contra as expulsões e coordenar suas ações na luta contra o capital.

29. Medidas práticas de luta devem ser extensas e variadas para se adaptarem às condições locais e circunstâncias particulares. É importante que os grupos comunistas tomem uma posição agitativa claramente definida, declarando sua prontidão de lutar, e que fazem tudo o que podem para combater o perigo das expulsões dos sindicatos, um perigo que aumentou consideravelmente como resultado da reconciliação da II Internacional e da II e meio. Não há nenhum método universal ou meio definitivo de luta contra as expulsões. Neste contexto, todos os Partidos Comunistas têm a oportunidade de usar os métodos que consideram os mais efetivos para obter um fim determinado, isto é, a conquista dos sindicatos e a restauração da unidade sindical.

30. Os comunistas devem travar uma luta militante contra a exclusão dos sindicatos revolucionários das organizações sindicais internacionais. Os partidos comunistas não podem e não devem permanecer observadores passivos da expulsão sistemática dos sindicatos revolucionários apenas por estes serem sindicatos revolucionários. Os comitês de propaganda internacional criados em diferentes indústrias pela Internacional Vermelha das Centrais Sindicais devem receber o apoio mais ativo dos partidos comunistas se eles concentrarem todas as forças revolucionárias disponíveis e criarem organizações internacionais de sindicatos unificadas. Toda a campanha deve ser conduzida sob o slogan da adesão de todos os sindicatos, seja qual for sua tendência básica e natureza política, para uma federação sindical internacional.

IX. Conclusão

31. O Quarto Congresso da Internacional Comunista, a fim de perseguir firmemente seu objetivo de ganhar os sindicatos enquanto se opõe às táticas divisionistas dos reformistas, declara solenemente: onde os apoiadores de Amsterdã não recorrerem a expulsões, onde derem aos comunistas a oportunidade de travar uma luta ideológica por seus princípios dentro dos sindicatos, os comunistas lutarão de uma maneira disciplinada nas fileiras de uma organização unificada, e estarão na linha de frente em todos os conflitos e choques com a burguesia.

32. O Quarto Congresso da Internacional Comunista declara ser o dever de todo partido comunista fazer o seu melhor para impedir

85

uma divisão nos sindicatos; ele torna seu dever fazer todo o possível para restaurar a unidade do movimento sindical nos países onde ela tem sido destruída, e para persuadir os sindicatos a aderirem à Internacional Vermelha das Centrais Sindicais.

86

SEMINÁRIO RELAÇÃO PARTIDO - SINDICATO

Textos leitura no seminário 3:

- Experiência da nossa corrente

Texto do MAS (Argentina)

Sindicalizar o Partido (1985)

(...)

Sobre o trabalho de base e a democracia operária

Em todo o partido não deve haver um único militante ou quadro que seja contra a democracia dos trabalhadores, esse é um dos nossos pontos programáticos fundamentais, etc. Mas a realidade é que só a usamos para panfletos, para denunciar a burocracia, para propaganda. Em nossa prática diária é diluída até desaparecer em alguns casos.

A atividade de cada uma das plenárias da CGT mostrou que nossos delegados e ativistas não estavam interessados em fazer assembleias em seus locais de trabalho. Somente depois de muitas discussões conseguimos realizá-las em alguns lugares. Nós demos todo tipo de explicações para justificá-lo, que o processo é muito vanguardista, que as pessoas não se importam, que os materiais do sindicato não chegaram, etc., etc. Ou seja, não temos o menor interesse em ouvir os trabalhadores, não acreditamos que eles possam ter ideias muito melhores do que as nossas, agimos da mesma forma diante das equipes de base: não lhes damos atenção. Temos medo de que algumas das resoluções que tomamos sejam mal interpretadas formalmente. Por exemplo: dizemos que queremos ganhar dirigentes; Isso não significa de jeito algum que desprezamos a base, pelo contrário, queremos ganhar

dirigentes porque sabem naturalmente como abordar a base, porque queremos influenciar essa base e não podemos fazê-lo se não os ganharmos ou se não nos tornarmos dirigentes, porque também queremos que eles nos ensinem como fazer o trabalho na base do movimento dos trabalhadores. Para ser mais específico, um dos nossos companheiros que é um delegado de uma fábrica ou sindicato, queremos que se ligue aos melhores ativistas e dirigentes para aproximá-los do partido, mas junto com isso e até mesmo para conquistá-lo, nossos camaradas devem ser a vanguarda na direção do seus próprios setores, nossas ações devem ser um reflexo do que significa praticar a democracia dos trabalhadores. O caso de um companheiro bancário parece-nos hoje um exemplo para todo o partido. O companheiro está em uma seção difícil (existem muitos radicais), desde que é o delegado, ele faz uma assembleia por semana ou a cada quinze dias, ele normalmente perde nelas e respeitosamente traz o mandato ao corpo de delegados; quando um setor da seção quis demiti-lo como delegado (devido à nossa posição sobre os piquetes na 24ª greve), a seção inteira, até mesmo os radicais, saiu para defendê-lo, afirmando que ele era o melhor delegado possível, que ele estava sempre à serviço dos companheiros e que respeitava as resoluções das assembleias. Por causa disso e porque ele sempre esteve à frente das reivindicações dos trabalhadores, ele é uma das pessoas mais respeitadas do Banco. Queremos conseguir muitos companheiros como este no partido, isto é, que sejam respeitados e amados pelos seus setores, que discutam tudo com os seus parceiros, mesmo perdendo a maioria dos votos. A situação subjetiva está a nosso favor e é quase apenas uma questão de tempo para que

87

esté companheiro ganhe a todós os companheiros da sua seção.

(...)

Trabalho político e trabalho sindical

Insistindo a fundo que o partido tem que se sindicalizar, corremos o risco de interpretar que isso significa que deixemos de vender o jornal ou formar equipes, ou ganhar dirigentes para o partido. Já existe uma divisão intermediária esquisita em alguns setores entre aqueles que lidam com o "sindical" e aqueles que lidam com a "política". A atividade do partido é uma só, o que não elimina o fato de que há companheiros que são melhores em fazer propaganda e por isso acaba sendo mais fácil captar para esses e há aqueles que são muito mais rápidos em problemas sindicais, mas todo o partido, todos os militantes em seus locais de trabalho, são ativistas políticos que querem se tornar bons sindicalistas, isto é, em companheiros que, para todas as coisas, consultam seus companheiros, que os mantêm informados, que estão à disposição, que estão ligados aos melhores ativistas que tentam dirigir os lugares onde trabalham, as lutas contra os patrões e a burocracia. Essa concepção de: os sindicalistas e os políticos levada ao extremo, resulta na formação, por um lado, de dirigentes centristas que não se definem a fundo do partido e, portanto, não podem ganhar ninguém para o partido. No nosso caso, isso é agravado pelo fato de que fazemos um mau sindicalismo. E, por outro lado, pessoas que falam sobre

política em geral, sem se preocupar com o que acontece em seus locais de trabalho, ou seja, não podem ganhar os melhores ativistas ao partido. Desta forma, não apenas educamos mal nossos companheiros, mas nos colocamos em uma situação em que não avançamos no sindicato ou na arena política. Insistimos novamente que não estamos propondo que não haja divisão de tarefas no partido, o que queremos é divisão de tarefas para a mesma política.

Por outro lado, se avançarmos em nosso trabalho sindical, isso deve ser refletido no avanço do trabalho partidário. Se formos capazes de nos relacionarmos com os melhores ativistas e líderes, se estivermos obcecados em fazer um bom trabalho de base em nossos locais de trabalho, se conversarmos com nossos colegas, nosso jornal terá que circular mais do que nunca nos lugares onde nos focamos. Da mesma forma que procuramos uma maneira de reunir colegas de trabalho para discutir a fábrica ou o plano de luta, ficaremos obcecados em encontrar os melhores para fazer um curso e formar um núcleo do partido.

Se não o fizermos, não só teremos perdido uma grande oportunidade, porque as condições objetivas o permitem, mas todo o nosso avanço sindical não será em terra firme.

Voltando ao exemplo do sindicato que dirigimos, não apenas nossos companheiros não passam pelas fábricas, nem se preocupam com os problemas das demandas, é claro que também não conseguiram captar ninguém. Houve o caso

88

patético de que quando alugamos nossa sede a dois
quarteirões do sindicato que supostamente "dirigimos" e
precisávamos fazer alguns consertos (de banheiros e pisos),
não conseguimos que um único operário viesse e nos desse
um mão.

Em suma, as condições estão melhorando para o partido, a
batalha necessária é contra nós mesmos, começando com essa
discussão, conscientes de que a direção tem que ser a
vanguarda se quisermos transformar e ganhar o partido para
dirigir o movimento operário.

Texto do MAS - 1986

Corrigir o desvio vanguardista e o sindicalista no trabalho sindical

1) A sindicalização do partido significou um enorme progresso.
Com isso, avançamos em direção a setores importantes do
movimento trabalhista. Dois desvios que estão ligados
emergiram dessa atividade.

a) A falta de experiência na direção das organizações de
massa, a começar pela direção sindical do partido, levou-nos a
cometer uma série de erros graves, que podemos sintetizar

numa política vanguardista que nos afastou da base e de um
exercício consequente da democracia operária.

b) Ao mesmo tempo, sofremos um claro desvio sindicalista,
que em síntese consiste em subordinar a atividade política ao
sindicato.

Desvio sindicalista

2) Nos últimos meses, em nenhuma das atividades sindicais
(eleições bancárias, da saúde, eleições de delegados de carne)
o partido publicou panfletos para que os trabalhadores
conhecessem as posições do MAS diante desses eventos.
Dessa forma, perdemos nosso método de alcançar à classe,
respondendo aos problemas que ela enfrenta, como partido. A
atividade sindical "engoliu" a presença do partido.

Nosso partido ganhou um importante espaço na classe por
causa de nossa presença sistemática. Em geral abrimos o
trabalho sindical "como um partido" e não como grupos
sindicais (lembre-se das eleições de carne e saúde). Nossos
companheiros são votados porque são conhecidos por serem
consequentes porque pertencem ao MAS. No entanto, agora
que estamos mais por dentro, paramos de fazê-lo, em
consequência da pressão que estamos sofrendo das
organizações sindicais, dos órgãos dos delegados, da diretoria
dos sindicatos e das correntes que existem lá.

89

Isso significa que preferimos fazer panfletos para o sindicato ou para o corpo de delegados e dar mais importância ao que essas organizações dizem do que ao partido.

3) Nós respeitamos a democracia dos trabalhadores e as decisões que os trabalhadores tomam nos sindicatos. Além disso, nós intervimos e os apoiamos para fortalecê-los como organizações de trabalhadores, garantindo a unidade e participação da base e apoiamos suas lutas.

Mas de maneira alguma nós subordinamos o partido a eles. Porque nós também intervimos nos sindicatos para ganhá-los para uma política de classe e revolucionária e para captar em seu seio os trabalhadores para o nosso partido.

É por isso que o partido é totalmente independente de qualquer organização sindical e esta é a garantia para que não tenha desvios reformistas, perca sua direção e intervenha em seu seio com uma política clara. Se a independência do partido é em um sentido total, a do sindicato é, ao contrário, uma relativa independência. Queremos que seja independente dos partidos burgueses, mas isso só é possível se combatermos essas correntes e, em última análise, se formos os que se baseiam na democracia operária que conquistamos para uma política de classe e revolucionária.

Essa relação entre o partido "que representa a classe como deveria ser e os sindicatos que a representam como ela é, é o mais fundamental do marxismo revolucionário", escreveu Trotsky em "On Trade Unions".

Usando as palavras de Trotsky, podemos dizer que o partido intervém nesse organismo que representa a classe "como ela é" também com o objetivo de ganhá-la para avançar em direção ao partido "em direção à classe como deveria ser."

Se medirmos nossa influência apenas pelas posições sindicais que o partido tem ao invés dos jornais, dos núcleos que reúne e dos trabalhadores que mobiliza, isso se tornaria um perigoso desvio no meio de uma situação revolucionária em que se coloca a possibilidade de uma crise revolucionária.

4) Acreditamos que o peso das tarefas sindicais causou esse desvio, originado centralmente na Comissão Sindical. Outro aspecto, o mais importante, do mesmo é ter como centro nos conflitos e nas eleições sindicais a atividade de ganhar para o partido. Quando há lutas ou processos dinâmicos sindicais é quando se abre a possibilidade de que o trabalhador, que geralmente é conservador, comece a pensar e a se ativar com uma velocidade qualitativa em relação à sua vida normal. É quando também se torna mais politicamente receptivo. Podemos aproveitar para dar cursos e captá-los para o partido. A exceção que confirma as possibilidades é o conflito de DEMA onde atraímos cerca de 20 companheiros. Se não tivéssemos feito um trabalho político, a derrota do sindicato não teria deixado nenhum saldo. Com as captações foram 20 companheiros que vieram fortalecer o partido e desta forma também aos trabalhadores e suas lutas.

O Vanguardismo

90

5) O saldo das últimas atividades sindicais e especialmente nos bancários, tem nos mostrado que temos desvio vanguardista. Estamos nos afastando da base e estamos girando em torno à vanguarda, que na maioria dos casos são ativistas de diferentes partidos políticos (PI, PC, PO, etc.).

O ABC do nosso partido é que a nossa política é para as massas, parte das necessidades que eles têm e as dirige através de palavras de ordem com o objetivo de mobilizá-las. Caso não possamos levá-las a ações porque "não há clima", ainda assim nos encaminhamos para o que achamos que deveríamos fazer em relação a uma determinada situação. Desta forma, com a agitação, preparamos ações futuras da base.

Frente à vanguarda, nosso objetivo é conquistá-la para que, junto conosco, sigamos com uma política comum em relação aos trabalhadores. Nem sempre o conseguimos: dado que o vanguarda não é um verdadeiro reflexo do que a base pensa.

Às vezes tem posições ultra-esquerdistas, afastando-se disso, além disso, mais que responder as necessidades e interesses dos trabalhadores, tende a responder àqueles de seu partido que, por serem oportunistas ou pequeno-burgueses, não possuem uma verdadeira política proletária.

No ascenso anterior, lutamos duramente contra as correntes da Quarta Internacional que, impactadas pelas ações da guerrilha, submeteram à sua política, sob uma nova teoria de

Mandēl, que tratava-se de uma vanguarda de massa, que era o lugar para construir os partidos trotskistas.

É por isso que chamamos nosso desvio de mandelista, já que estamos cometendo o mesmo erro. Estamos cedendo não à guerrilha, mas aos setores de esquerda que, em geral, têm posições que oscilam entre o ultra esquerdismo sindical e o oportunismo. Correntes que não veem trabalho na base, que as desprezam porque não têm confiança nos trabalhadores ou na democracia operária.

Ao cedermos a eles, estamos nos afastando da base, deixando de acreditar em sua autodeterminação, e tendo uma política baseada em suas necessidades, dado que, ao concordar com essas correntes, vamos girar em torno a seus interesses e não aos dos trabalhadores.

6) A melhor expressão desse desvio foi no sindicato dos bancários. Nossa linha para o sindicato começou como a única lista de oposição democraticamente eleita. O CC então especificou como uma lista proporcional do plenário dos delegados. Nós nos isolamos da base do sindicato com esta política, já que nossa atividade era os acordos eleitorais com as tendências. Dessa maneira, um abismo começou a se abrir entre a política que tínhamos nos jornais e a atividade superestrutural que realizávamos diariamente.

Esse pântano começou com a CTB, na qual nos envolvemos em discussões sobre a lista única que concluiu com concessões de nossa parte. Situação semelhante foi repetida com os 25, com

91

o agravante que começamos a concordar com setores burocráticos, muitos dos quais queriam uma terceira lista para fazer o jogo para Zanola.

Como resultado de não apelar para a base, nossas posições se tornaram mais fracas, nossa confusão e nossas concessões aumentaram. Isso nos impediu de ver claramente um evento político transcendente do Congresso da União onde, na forma de uma frente e não um acordo eleitoral, nossa política de unidade de toda a oposição contra a Zanola contra sua Junta eleitoral e para eleições limpas é dada. A apresentação da lista 26 é a salvação para a Zanola. Poderíamos ter evitado se saíssemos fortes com uma política clara. Nós não o fizemos porque ainda estávamos presos à vanguarda organizada e à sua política e não nos atrevemos a romper com ela.

7) Acreditamos que não somos alheios, em todo o trabalho sindical, deste desvio vanguardista que se expressa de diferentes maneiras. Em muitos lugares, nossos diretores ou delegados, juntamente com a vanguarda, deixam a base e resolvem problemas importantes em reuniões de delegados ou ativistas. Há também uma pressão importante da chamada "vanguarda", isto é, de outros partidos que estão totalmente alheios à democracia operária. Toda separação da base é sempre feita com uma justificativa "que eles querem que façamos se os trabalhadores são atrasados, não entendem nada, não comparecem às assembleias mesmo que estejamos cansados de citá-los". Esse é o típico desprezo pela base e a justificativa típica a que a burocracia sindical apela.

De fato, não é fácil combater essas pressões, que são consequência dos 40 anos de ininterrupta dominação da burocracia sindical, que criaram nos trabalhadores um comportamento em relação à disciplina sindical entendida na forma em que os líderes são os quem decide. Repetir as justificativas da burocracia sem ver essa profunda deformação provocada por essa repugnante monstruosidade burocrática originada no peronismo, é capitular diante das causas desse mal. A situação muda quando a política é direcionada para a base. As iniciativas estão surgindo, e a base nos dá exemplos sábios do que deve ser feito, linhas melhores do que podemos cozinhar em reuniões com a vanguarda.

Isto não sugere nada muito claro, preferimos a anarquia de uma assembleia ou consulta e a confusão da base, do que impor ordens burocraticamente: porque essa anarquia ou confusão permitirão o aprendizado, é um passo na autodeterminação.

8) A experiência no setor bancário tem que servir para especificar também as características da vanguarda e a política dos partidos de esquerda nas eleições sindicais e o papel das frentes ou acordos com elas.

A vanguarda como a entendemos, ou seja, os setores avançados da classe, não se elevam a desempenhar um papel de peso nos blocos, frentes ou agrupamentos que são feitos para as eleições. Como dissemos no documento sindical anterior, estes são essencialmente constituídos com as partes.

Com estes partidos há uma luta política, em linhas gerais se opõem às listas de oposição únicas.

Eles têm uma política burocrática de esquerda, seu objetivo é assumir posições sindicais e não responder às necessidades da classe para jogar fora a burocracia.

Isto foi favorecido pela situação da classe. Nos últimos meses, a confusão e um certo grau de ceticismo prevaleceram. Como consequência, não há nenhum impulso antiburocrático que tenha ocorrido no primeiro semestre do ano e no final do passado nas eleições da saúde ou da carne. Esta é a causa objetiva pela qual a burocracia mantém mais margem de manobra e assegura que nenhuma lista única de oposição seja dada nas eleições do Comércio, dos Municipais e de Bancários.

Em termos gerais, temos sido hegemônicos nessas frentes, desde que estabelecamos uma luta política clara e para isso é necessário manter intransigentemente a independência do partido. Esses blocos ou acordos servem como apoio tático, ajudam a mudar a correlação de forças com a burocracia, mas são um perigo de desvio oportunista se não mantivermos a independência. Quando agimos assim, como em professores ou ferroviários, conseguimos até mesmo provocar fortes crises tanto no PI quanto no PC.

Alguns princípios e palavras de ordem para especificar a direção de nossa atividade sindical

12) Em conclusão, acreditamos que estamos em condições de especificar uma série de princípios sindicais que também podem ser resumidos em algumas palavras de ordem. Isso é decisivo, pois nessa atividade sofremos a pressão de 40 anos de dominação, apenas parcialmente interrompida, da burocracia que impregnou o movimento operário, a vanguarda e nosso próprio sindicato burocrático.

O recorte da memória histórica que significou os 10 anos de ditadura só agravou a situação.

Ao mesmo tempo, possibilidades inesgotáveis de trabalho sindical foram abertas. Começamos a desempenhar um papel muito importante e estamos convencidos de que podemos fazer muito melhor com nossos erros, dos quais devemos tirar as conclusões que nos impedem de perder o rumo novamente.

Nosso programa é o único que responde às necessidades dos trabalhadores. Nossos princípios e palavras de ordem têm que nos permitir equipar-nos com um método comum com o qual criamos uma verdadeira escola sindical na qual a vanguarda que está emergindo é educada: uma matriz onde os novos lutadores do nosso partido e da classe são formados.

Estes princípios e palavras de ordem são:

Democracia operária:

I. Nossa principal tarefa como líderes sindicais é garantir que os próprios trabalhadores tomem todas as decisões. A base

decide e nós garantimos que eles têm a melhor maneira de se expressar; a mais livre e democrática, das assembleias, ao voto secreto e as urnas. Não fazemos nada, nem um único encontro com os empregadores, sem consultar e informar os trabalhadores.

II. Somos pela proporcionalidade de todas as correntes nos organismos do sindicato. Assim que dirigimos ou lideramos, chamamos todas as correntes de acordo com a proporcionalidade para dirigir conosco, mesmo que sejam burocráticas, oportunistas. É uma maneira de garantir a unidade dos trabalhadores e também de conquistar a maioria deles por uma política de classe contra o oportunismo.

Fundos do Sindicato

I. Somos pelo controle direto de todos os fundos sindicais pela base. Para nós, os únicos proprietários são os trabalhadores.

II. Nós somos pelo fundo de greve. Acreditamos que é uma das mais importantes palavras de ordem do partido, lutando para que se torne permanente.

III. Contra o desconto obrigatório do estado da dívida sindical, somos a favor de que os delegados sejam aqueles que cobram os fundos. Fazemos uma campanha de agitação para denunciar o que esse desconto significou para a burocracia.

Para as organizações de luta

I. Promovemos todas as formas de organização de luta que surgem do ativismo e das bases.

Que se ganhe da mesma forma que na fábrica

Contra as antigas lideranças burocráticas e os novos carreiristas, estamos lutando uma batalha para que todas as diretivas venham a ganhar o mesmo que no local de trabalho. No caso de perdermos, de qualquer forma o aplicaremos.

Pela volta ao trabalho depois de um período.

Para terminar com a burocracia, que eles retornem ao trabalho. Dizemos o mesmo das "novas direções", começando também pelos companheiros do partido.

Contra a intervenção do Estado nos sindicatos

Somos a favor de que o estado reconheça as organizações adotadas pelos trabalhadores. E também, somos a favor do direito livre dos trabalhadores de se filiar ou se desfiliar livremente de um sindicato a ponto de criarem sindicatos que eles achem adequado.

Ao mesmo tempo em que defendemos esse direito, argumentamos que a melhor forma de organização é a da união em um sindicato único.

Também temos uma palavra de ordem para o partido: Pela organização do partido.

94

Todos os nossos líderes sindicais estão em um núcleo partidário e se disciplinam. São os núcleos e os organismos do partido que discutem a linha a levar aos sindicatos.

13) Finalmente, podemos sintetizar em duas palavras de ordem as tarefas que definimos para reverter esses desvios: "Ir para a base", "reaparecer como um partido em nosso trabalho sindical". Nos dias de hoje estamos testemunhando mudanças importantes dentro dos trabalhadores que, com os servidores públicos dirigindo, iniciaram uma nova e poderosa onda de conflitos. Ao contrário dos últimos planos de luta da burocracia - bancários saúde, etc. - Esses conflitos surgiram de baixo, impulsionados pelos trabalhadores. E da mesma forma, as assembleias e a consulta à base são o elemento fundamental que essas lutas precisam desenvolver.

A aula nos dá a oportunidade de reverter os erros que cometemos. Para eles é necessário discutir em profundidade os desvios, assim poderemos aplicar uma política correta para essas lutas.

Se o fizermos, fortaleceremos a mobilização dos trabalhadores e do partido.

95